

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

TATIANE CRISTINA DA COSTA

NEGRINHA NA SALA DE AULA: ESTÍMULO AO PRECONCEITO OU À REFLEXÃO?

Guarulhos

2019

Costa, Tatiane.

Título : Negrinha na sala de aula: estímulo ao preconceito ou à reflexão? – 2020 – 152 f.

Dissertação. Mestrado em Letras – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Humanas.

Orientador: Marcelo Lachat.

Co-orientadora: Francine Fernandes Weiss Ricieri.

Negrinha in classroom: stimulating racism or reflection?

1. Negrinha. 2. Monteiro Lobato. 3. Preconceito. 4. I. Marcelo Lachat. Co-orientadora: Francine Fernandes Weiss Ricieri. II. Negrinha na sala de aula: estímulo ao preconceito ou à reflexão?.

TATIANE CRISTINA DA COSTA

NEGRINHA NA SALA DE AULA: ESTÍMULO AO PRECONCEITO OU À REFLEXÃO?

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lachat
Co-orientadora: Profa. Dra. Francine Fernandes Weiss Ricieri

Guarulhos

2019

TATIANE CRISTINA DA COSTA

NEGRINHA NA SALA DE AULA: ESTÍMULO AO PRECONCEITO OU À REFLEXÃO?

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de concentração em Estudos Literários da Universidade Federal de São Paulo - como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lachat
Co-orientadora: Profa. Dra. Francine Fernandes Weiss Ricieri

Aprovado em: 22 de junho de 2020.

Prof. Dr. Marcelo Lachat
Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Profa. Dra. Francine Fernandes Weiss Ricieri
Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Profa. Dra. Juliana Silva Loyola
Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini
Universidade Estadual Paulista - Unesp

Ao Gustavo Xavier da Costa

Agradeço:

Aos meus orientadores, Marcelo Lachat e Francine Ricieri, pelos direcionamentos necessários para que esta pesquisa fosse factível e conduzida com muito planejamento.

Aos membros da banca João Luis Ceccantini e Juliana Loyola, pelas valiosas indicações feitas na qualificação que me proporcionaram enriquecer a pesquisa.

Ao meu marido, Abrão Xavier Junior, que esteve sempre ao meu lado, me apoiando e cuidando do nosso maior tesouro para que eu pudesse concluir esta pesquisa.

À equipe diretiva e pedagógica da Etec Abdias do Nascimento e seus alunos pela colaboração e excelente recepção desta pesquisa.

Ao amigo Valteir Vaz pela leitura e sugestões sempre bem-vindas.

Ao amigo Rafael Domingues pela revisão.

Resumo

Esta pesquisa pretendeu estudar o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, explorando sua linguagem e contexto histórico de sua criação a fim de verificar a questão: o uso do texto “Negrinha” em sala de aula estimula o preconceito ou desperta a criticidade e a reflexão dos alunos a respeito do racismo? A pesquisa-ação foi o método escolhido para a verificação da recepção do conto para que o leitor pudesse ser ouvido e também para que a prática docente pudesse fornecer elementos para a análise da utilização do conto com os estudantes. Estabelecendo como objetivo analisar a recepção do texto selecionado pelos alunos, o trabalho adota como fundamentação teórica uma perspectiva crítica com relação aos estudos da ironia e tipos de leitura. Foram base para esta pesquisa os estudos sobre o racismo feitos por Francisco Bethencourt e Lília Moritz Schwarcz, bem como as definições de raça e racismo oferecidas por Nicholas Wade e Abdias do Nascimento. Para verificar a hipótese levantada, foi elaborada uma atividade para ser desenvolvida em uma sala de Ensino Técnico Integrado ao Médio da Etec Abdias do Nascimento, em São Paulo, a fim de verificar a visão que os vinte e dois alunos participantes do estudo tiveram do texto, com relação ao preconceito racial. A interação com os estudantes foi gravada e transcrita, com autorização dos alunos e seus responsáveis. Após as atividades realizadas, os dados levantados foram analisados para que se verificasse se a metodologia utilizada pelo professor na sala de aula, ao tratar do texto, influenciou ou não a visão que os alunos dele tiveram e se o temor por parte de alguns intelectuais e pesquisadores de que o texto estimula o racismo seria real. A necessidade de verificar tal situação se dá, principalmente, pela tentativa de se tirar o livro do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) ocorrida em 2012, baseada na justificativa de que o texto estimularia o racismo nos estudantes através do uso de palavras pejorativas relacionadas aos negros utilizadas pelo autor.

Palavras-chave: Negrinha; Monteiro Lobato; Preconceito; Ensino.

Abstract

This research intended to study the short story "Negrinha", by Monteiro Lobato, analysing its language and historical background to verify the following question: in the classroom, does the short story "Negrinha" in classroom stimulate student's racial prejudice or critical thinking? Action research was the methodology chosen to verify the reception of the story so that the reader could be heard and also the teaching practice could provide elements for the analysis of the use of the story with the students. This research established as objective to analyze the reception of the text by the students, adopting as theoretical foundation a critical perspective about the studies of irony and reading. The basis for this research were the definitions of racism by Francisco Bethencourt and Lilia Moritz Schwarcz, and the definitions of race and racism by Nicholas Wade and Abdias do Nascimento. In order to verify the hypothesis of this research, it was drafted an activity to be performed in a Ensino Técnico Integrado ao Médio class of Etec Abdias do Nascimento, in São Paulo, to verify the point of view of twenty-two students participating students on the text considering racial prejudice. The interaction with the students was recorded and transcribed, authorized by the students and their parents. After the activity carried out, the collected data were analyzed in order to verify whether the teacher's chosen methodology in class, when dealing with the text, influence student's perception of it, and if the fear on the part of some intellectuals and researchers that the text stimulates would be real. The need for verifying this situation is mainly due to the attempt of withdrawing this book from PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) in 2012, based in justification that the text would stimulate racism in students through the use of pejorative words related to black people chosen by the author.

Key words: Negrinha; Monteiro Lobato; Racism, Teaching

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. "NEGRINHA": ASPECTOS CONTEXTUAIS E FORMAIS.....	14
2.1 A representação do negro na Literatura Brasileira.....	14
2.2 Algumas considerações analíticas sobre o conto "Negrinha"	21
2.3 A construção da ironia, em "Negrinha"	30
3. RECEPÇÃO DE "NEGRINHA": DOS TRIBUNAIS À ACADEMIA.....	46
3.1 Raça, racismo e querelas judiciais	46
3.2 Diálogo com a fortuna crítica	58
4. "NEGRINHA" NA SALA DE AULA.....	84
4.1 Características socioeconômicas da turma escolhida.....	84
4.2 Descrição da atividade proposta.....	86
4.3 Leitor, Leitura e Letramento Literário.....	97
4.4 Considerações analíticas sobre a atividade.....	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	125

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no intenso debate que se vem desenvolvendo desde 2010 acerca do que seriam manifestações de racismo disseminadas em obras de Monteiro Lobato. A partir desse contexto, o objetivo deste trabalho foi desenvolver uma proposta de pesquisa-ação, em que uma experiência concreta conduzida em sala de aula no Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio (ETIM) permitisse pensar a recepção do conto "Negrinha", de Monteiro Lobato. A intenção foi analisar como e a partir de quais recursos os estudantes construiriam hipóteses interpretativas sobre o texto, em especial no que diz respeito à questão racial.

Esse famoso conto do autor, publicado em 1920, apresenta aos leitores uma relação violenta entre Dona Inácia, uma ex-senhora de escravos, e Negrinha, menina maltratada por Dona Inácia e por todos que com ela conviviam. Ele integra o livro homônimo do escritor, que já havia então publicado os livros **Urupês** (1918) e **Cidades mortas** (1919) com bastante sucesso. **Negrinha** fez parte das muitas tentativas do autor de popularizar o livro no Brasil, uma vez que o preço cobrado por ele era baixo em relação a outros títulos comercializados na época.

A obra **Urupês** é uma coletânea de catorze contos e crônicas que inaugura em nossa literatura o regionalismo crítico e foi considerada a estreia literária de Lobato. O livro reúne textos publicados em periódicos como **Revista do Brasil** e **O Estado de São Paulo**, que tratavam do cabloco brasileiro, sua relação com a terra e com os fazendeiros, mostrando sempre a revolta de Lobato para com ele. O artigo "Velha praga" foi um dos mais aclamados da obra, tratando especialmente das queimadas realizadas pelos caboclos, o que era considerado pelo autor como um ato revoltante e atrasado.

Além de **Urupês**, o autor publicou a obra **Cidades Mortas** antes de lançar a coletânea de contos **Negrinha**. O livro novamente tem como foco o cotidiano regional do interior de São Paulo, com ênfase na decadência econômica das cidades do interior paulista, contando também com críticas à sociedade da época e até mesmo à participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Em alguns contos, podemos encontrar um certo saudosismo de Lobato ao falar de fatos que envolveram sua infância. A obra conta atualmente com trinta contos, entre eles o que deu nome ao livro, "Cidades mortas",

que trata da decadência das cidades do Vale do Paraíba, em São Paulo. Como aconteceu com diversas obras lobatianas, o autor, ao revisar a primeira versão do livro, foi acrescentando contos e fazendo modificações no texto original.

Monteiro Lobato sempre foi atuante na imprensa paulista e carioca, assinando diversos artigos para jornais como **O Estado de São Paulo**. Muitos de seus artigos foram considerados polêmicos, pois versavam sobre o posicionamento do autor em relação a diversos temas, como a política e o atraso brasileiro.

Negrinha foi publicada em 1920, após o estrondoso sucesso de **Urupês** e de **Cidades Mortas**. Inicialmente, continha apenas os seguintes contos: "Negrinha", "Fitas da vida", "O drama da geada", "O Bugio Moqueado", que teve seu nome alterado para "Bugio Moqueado" em edições futuras, "O Jardineiro Timóteo" e "O colocador de pronomes". Nas edições seguintes, Lobato fez algumas modificações na obra e foram acrescentados os seguintes contos que hoje compõem o livro: "O fisco", "Os negros", "Barba azul", "Uma história de mil anos", "Os pequeninos", "A fachada imortal", "A policetemia de Dona Lindoca", "Duas cavalgadas", "O bom marido", "Marabá", "Fatia da vida", "A morte do Camicego", "Quero ajudar o Brasil", "Sorte grande", "Dona Expedita" e "Herdeiro de si mesmo".

A obra apresenta temática variada, indo da farsa à tragédia. O livro leva o nome do conto "Negrinha", que aborda o drama do prolongamento do sistema escravocrata brasileiro, também tematizado pelo autor em "Bugio Moqueado", incluído em **Negrinha**, retratando a estória de um marido que serve à esposa um prato estranho para comer todos os dias, e em "Bocatorta", do volume **Urupês**.

A inserção de "Os negros" na segunda edição de **Negrinha** fez com que este tema fosse reafirmado, uma vez que ele aborda a situação dos ex-escravos, assim como "Negrinha", e as consequências da escravidão. No enredo, dois amigos param para descansar em uma fazenda quando estão viajando e, durante a noite, ouvem histórias assustadoras de um negro conhecido por um dos viajantes.

Alguns textos do livro, entretanto, distanciam-se dessa temática, como "A fachada imortal", um texto irreverente que resgata memórias da juventude de Lobato. O personagem principal, Raul, é enganado por um vigarista que vê no golpe aplicado uma grande realização, uma vez que Raul era pão-duro.

"Policetemia de Dona Lindoca" é uma crônica de costumes, que aborda a infelicidade de uma quarentona e a difícil tarefa de envelhecer. Como forma de obter a atenção que julga merecer, a mulher consegue ser diagnosticada com a falsa doença "policetemia", passando a receber atenção de sua família. "As fitas da vida" é um conto que mexe com as emoções do leitor, ao retratar o reencontro entre um participante da Guerra do Paraguai e seu capitão a quem relata todas as suas angústias. Em "O colocador de pronomes" temos um enredo tragicômico, que narra a história de um rígido gramático que tem um fim trágico por conta de uma colocação de pronomes equivocada.

A cidade grande se faz presente no conto "O fisco", através da representação da vida no bairro do Brás, em São Paulo, que apresenta a vontade de um garoto em melhorar a vida de sua família e, para isso, tenta se tornar engraxate. Entretanto, seus sonhos vão por água abaixo quando o Fisco o encontra e cobra uma alta taxa por não ter licença para engraxar. O conto "O jardineiro Timóteo" traz em seu enredo a superação da cultura brasileira rural por aquela representada pela cidade, que é baseada em valores europeus. Através da venda de uma fazenda com um grande jardim cuidado por Timóteo, que resiste à essa mudança, o narrador aborda a desvalorização daquilo que é brasileiro. Para não realizar a enfadonha tarefa de sintetizar todos os 22 contos que integram a versão, vamos nos ater a esses títulos, que parecem bastar para evidenciar a diversidade dos temas contemplados pelo volume.

Para explorar o problema proposto como organizador da pesquisa, foram analisados, primeiramente, estudos de alguns teóricos e pesquisadores que tratam de Monteiro Lobato e da questão do racismo em suas obras, o que fornecerá subsídios para a discussão em questão. Também foram definidos os conceitos de raça e racismo.

Um dos elementos a serem analisados ao longo do desenvolvimento do projeto foi uma atividade realizada com 22 estudantes da 3ª série do curso técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – ETIM da Escola Técnica Estadual (ETEC) Abdias do Nascimento, em São Paulo. O objetivo dessa atividade é verificar quais foram as interpretações que os estudantes fizeram do texto, sem ter contato prévio com ele ou qualquer explicação acerca do conto ou do autor.

A Etec Abdias do Nascimento foi selecionada para participar desta pesquisa porque a equipe diretiva e pedagógica da unidade escolar é atuante e preocupada com o respeito

às diferenças, além de desenvolverem projetos importantes junto à comunidade de Paraisópolis, inclusive recebendo muitos prêmios por isso. A escolha da turma que fez parte desta pesquisa foi feita pela pesquisadora em conjunto com o professor da turma e da direção da unidade escolar. Como o autor é estudado na terceira série do Ensino Médio e Ensino Médio Integrado ao Técnico das Etecs, de acordo com o Plano de Curso da série, decidiu-se realizar a atividade com uma terceira série e a escola indicou qual seria a turma participante, baseando a escolha no rendimento escolar da classe e na participação da turma em diversos projetos que tem como foco o respeito às diferenças. O bom relacionamento entre a equipe da unidade e a pesquisadora enquanto membro da Supervisão Escolar também foi decisivo para a escolha.

Para que isso ocorresse, durante o período de duas aulas de 50 minutos cada, ministradas no mesmo dia, os alunos da turma participante fizeram a leitura do conto "Negrinha" e discutiram com a pesquisadora que conduz o trabalho suas impressões de leitura. Eles teceram comentários a respeito do enredo, linguagem, narrador, personagem, entre outras impressões que tiveram durante a leitura.

Em um segundo encontro, também de duas aulas de 50 minutos cada, os alunos discutiram com a pesquisadora o contexto histórico e social do período no qual a obra foi escrita. Logo após, os estudantes foram convidados a voltar ao texto para nova reflexão e, em diálogo com a pesquisadora, relataram se suas impressões a respeito do conto mudaram ou não.

Os dois encontros com os estudantes foram gravados para análise da atividade. Pretendeu-se verificar, através da interação entre alunos e pesquisadora, se o texto pode levar os alunos a uma discussão sobre o preconceito racial ou se eles o compreendem como um texto racista. Acreditamos que a metodologia escolhida forneceu dados consistentes que mostraram se a decisão de tirar o texto das salas de aula de Literatura Brasileira, como já se propôs, seria realmente uma forma de evitar o racismo na sociedade.

O trabalho foi organizado em seis capítulos. O primeiro seria a presente introdução, sendo o capítulo II dedicado à análise de aspectos contextuais e formais do conto, dividido em três partes: a representação do negro na literatura brasileira, considerações analíticas sobre o conto e a construção de ironia no texto. O capítulo III trata da recepção

de "Negrinha" e foi dividido em duas partes: definição de raça, racismo e disputas judiciais a respeito do conto e diálogo com a fortuna crítica. O capítulo IV apresentará a análise da atividade realizada em sala de aula e algumas considerações a respeito da recepção do conto bem como sobre os conceitos de leitor, leitura e letramento literário. O capítulo V apresentará as considerações finais da pesquisa.

2. “NEGRINHA”: ASPECTOS CONTEXTUAIS E FORMAIS

2.1 A representação do negro na Literatura Brasileira

Desde a chamada “Literatura de Informação” até os dias atuais, a presença do negro é uma constante em nossa literatura, embora ela tenha sido modificada ao longo do tempo. O pesquisador Arthur Autran é um estudioso que trata justamente desta questão polêmica sobre a qual esta pesquisa pretende discorrer. Em seus estudos sobre a presença do negro no cinema, teatro, literatura e televisão nos séculos XX e início do XXI, Autran (2011, p. 11) chama a atenção para a importância dos estudos a respeito da representação do negro na cultura brasileira: "Dada a importância do papel do afrodescendente na sociedade brasileira e seu racismo latente, torna-se fundamental discutir as diversas formas da representação do negro em sociedade." Para o pesquisador, o racismo seria algo inerente ao Brasil devido à sua formação escravocrata e a arte brasileira refletiria esse aspecto, assim como o paternalismo da escravidão.

Autran afirma que o mito da democracia racial encobre o racismo no Brasil, o que impede o afro-brasileiro de se integrar totalmente à sociedade:

Finalmente, o mito da "democracia racial" ainda hoje encobre, no Brasil, o racismo dos mais diversos tipos, impedindo não somente que os afrodescendentes possam ter condições efetivas de integrarem-se à sociedade brasileira em uma situação de igualdade, como ainda atravanca a transformação do país em uma verdadeira democracia. (AUTRAN, 2011, p. 13)

O pesquisador acredita que esse impedimento, por estar presente na sociedade brasileira de forma consolidada, está representado em nossa literatura. Para Autran, os literatos brasileiros do início do século XX adotavam identidades latinas ou helênicas com o intuito de defender uma elite que desprezava as então consideradas sub-raças do Brasil, como é o caso de, de acordo com seu ponto de vista, Monteiro Lobato:

Uma obra que possui características racistas e que vale ser mencionada é o curioso romance de ficção científica *O presidente negro* - também conhecido pelo título de *O choque das raças* -, de Monteiro Lobato, cuja primeira edição data de 1926. [...] Ao longo do livro fica claro o posicionamento racista de Lobato, o qual, segundo vários estudiosos, foi influenciado pelas ideias de Gustave Le Bon, cuja obra afirmava a superioridade dos brancos sobre as outras raças e que obteve notável influência na Europa e no Brasil. (AUTRAN, 2011, p. 18)

Embora neste trecho o pesquisador defenda de forma veemente o racismo lobatiano, ele não aprofunda ou fundamenta seu ponto de vista, não possibilitando uma argumentação contrária a seu posicionamento por esta pesquisa.

Para David Brookshaw, o negro surgiu de maneira efetiva em nossa literatura no final do período indianista e sua representação contrastava com a do índio:

Na medida em que o negro apareceu afinal na literatura indianista, foi para contrastar com o índio. Dessa forma o negro, representando a realidade da raça colonizada, labutando nas plantações do colonizador, não era páreo para o mítico índio em termos de atração literária. Se o índio por natureza era corajoso e profundamente orgulhoso de sua independência, o negro era de índole escrava, humilde e resignada. (BROOKSHAW, 1983, p. 27)

Podemos verificar que o negro surgiu em nossa literatura já como inferior ao índio. O autor afirma que sua resignação e sua índole estavam ligadas à escravidão, como se sua personalidade estivesse atrelada apenas ao fato de ele ter sido escravo. Ele não era corajoso ou idealizado como o índio do período indianista, cujo estereótipo está bem representado pelo personagem Peri, da obra **O Guarani**, de José de Alencar.

Brookshaw (1983, p. 28 - 29) afirma que, após a abolição do tráfico de escravos, os escritores brasileiros se viram obrigados a se voltarem para os escravos, em particular ao tratamento que recebiam. A preocupação com os escravos surge com o romance **O comendador**, de Pinheiro Guimarães, obra na qual os escravos são descritos com desgosto e piedade e seu senhor como feitor malvado. Guimarães descreve exageradamente a aparência do escravo como um ser desumanizado.

A representação da mulher escrava como nobre e sofredora aparece em nossa literatura através da peça **Mãe**, de José de Alencar. Nela, a personagem principal se suicida, pois julga ser um impedimento para a felicidade de seu filho. Brookshaw aponta que essa representação descreveria o amor maternal como universal, não dependendo de privilégios de classe.

Segundo o pesquisador, a existência do estereótipo do escravo fiel e passivo surge de maneira sintetizada na peça **O cego**, de Joaquim Manuel de Macedo, considerado por ele como um dos porta-vozes literários da elite cafeeira. Já o estereótipo do “escravo nobre” seria evidente na obra **A escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães. Brookshaw chama a atenção para o fato de, no romance, Isaura ser uma escrava branca, uma vez

que a negritude não estava relacionada com beleza, inocência ou pureza moral no século XIX. Socialmente falando, ele afirma que, para a época, a beleza e a vitória do negro seriam algo subversivo. Sobre essa questão da representação do escravo branco feita por alguns autores, como Bernardo Guimarães, o pesquisador afirma:

A figura do escravo branco oferece prova substancial de que os escritores interessados no problema escravidão foram, contudo, vítimas de todos os preconceitos e intolerâncias que rodeavam a questão da raça e da cor. O escravo, em certas situações, tinha de ser retratado na cor branca, a fim de provar uma exceção à regra que negros eram escravos por natureza e para não ofender as suscetibilidades de um público leitor fundamentalmente pró-escravatura. (BROOKSHAW, 1983, p. 30)

Podemos depreender de sua colocação que essa representação tinha dois objetivos bem definidos: mostrar que não somente os negros poderiam ser escravos e agradar ao público leitor pró-escravatura. O autor analisa ainda que, em **A escrava Isaura**, a representação da personagem Rosa, que apresenta traços mais africanos que Isaura, é oposta à da escrava branca. Ela é representada rudemente através de seus atributos sensuais, é vingativa e ciumenta. As características nada nobres atribuídas à Rosa mostrariam o paradoxo entre a representação da negra puramente sensual e da branca cheia de virtudes.

Segundo Autran (2011, p. 18), o paternalismo é complexo e mais presente na sociedade brasileira que o próprio racismo e se apresenta em diferentes graus, sendo uma forma através da qual o mito da democracia racial se estabelece. Como exemplo deste paternalismo latente, o pesquisador analisa a obra **Sinhá Moça**. Embora a análise feita pelo pesquisador se concentre no filme baseado na obra homônima, de Maria Camila Dezonne Pacheco Fernandes, entendemos que seus comentários podem ser atribuídos também ao romance. Para ele, o tom geral do filme é:

[...] uma positiva perspectiva da abolição, mas como um processo conduzido pelos brancos: os negros são tutelados, pois nem sabem direito o que é esse processo político e por vezes são muito ingênuos em seu comportamento. (AUTRAN, 2011, p. 21)

Esse perfil do negro identificado por Autran nessa obra se repete em outras do século XX. O negro é visto como alguém que precisava ser conduzido e o branco seria o responsável por essa condução, inclusive por sua libertação. A perspectiva apresentada é a de que os brancos eram muito bondosos e teriam presenteado os negros com a

abolição. O pesquisador ainda aponta que **Sinhá Moça**, assim como **A escrava Isaura**, reproduziram o ponto de vista de que o processo abolicionista estava ligado diretamente aos brancos, restando aos negros gratidão eterna. Ele afirma sobre **Sinhá Moça**:

Obra que sob a capa de admiração pelos escravos, acaba por projetar quase todo o processo da abolição como de responsabilidade principal dos brancos de boa índole, a afirmar os negros como ingênuos ou pouco articulados e, especialmente, confirmar o mito da "democracia racial". (AUTRAN, 2011, p. 27)

Podemos depreender deste excerto que o autor acredita que a admiração pelos escravos apresentada na obra é, de certa forma, falsa e que a abolição nada tem a ver com os próprios negros, adjetivados por ele como ingênuos, mas, sim, aos brancos.

Nas primeiras décadas do século XX, o autor afirma que a representação do negro sofre importante modificação:

As primeiras décadas do século XX foram o momento de uma importante modificação no pensamento dominante do Brasil a respeito da questão racial. Até aquele início de século predominava o pensamento nitidamente racista representado por nomes como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Oliveira Viana ou Paulo Prado. Eles viam na presença do negro na sociedade brasileira a raiz dos males do país, posto que esta raça seria naturalmente inferior. Daí toda a pregação por estes autores em torno da necessidade de "branquear" o Brasil por meio da imigração maçica de europeus.

Entretanto, outro seria o pensamento que passaria a dominar a elite cultural a partir dos anos 1930. O novo referencial na compreensão da questão racial tendia a perceber como positiva a contribuição do negro, ademais a mistura de raças era vista como comprovação e garantia de maior tolerância entre os diferentes grupos sociais. Aqui o principal pensador foi certamente Gilberto Freyre, verdadeiro ideólogo da "democracia racial" entre nós. (AUTRAN, 2011, p. 34)

Apesar desta mudança tida como positiva no pensamento da elite cultural a partir dos anos 1930, Autran ressalta que, até o ano de 1970, a invisibilidade do negro no meio cultural, incluindo a literatura, era visível, o que demonstra a dificuldade de se lidar com o tema e o quanto o racismo não existe para os setores dominantes.

O Modernismo brasileiro mudou a percepção do que era a Arte que estava em voga no país. Procurou-se, no início do século XX, buscar uma arte verdadeiramente brasileira, baseada em nosso cotidiano, não apenas uma cópia de padrões europeus, muitas vezes fora da realidade do país, que ainda estava mostrando seus primeiros sinais de industrialização.

O pesquisador defende que alguns autores romperam com esse discurso paternalista e racista: Edilberto Coutinho, Jorge Amado, José Lins do Rego, Josué Montello e Mário de Andrade. Para Autran, esses autores representaram os negros como agentes da sua própria história ou como personagens mais complexos social e psicologicamente falando. A esse respeito, afirma:

Estas formas de representação estão ligadas ao surgimento, afirmação e cristalização do personagem negro como agente da sua própria história, em um movimento que, ao mesmo tempo, alarga a composição psicológica deste personagem e seu enraizamento social. Afigura-se que tal movimento liga-se à modernidade no campo cultural brasileiro, o que tanto representa o empenho na renovação formal de maneira a romper com velhas estruturas (parnasianas, no caso da literatura; ou clássicas, no caso do cinema) [...] (AUTRAN, 2011, p. 33)

Autran (2011, p. 34) afirma que Jorge Amado é um escritor de esquerda e, assim como Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha, "tem o projeto de escrever e analisar a vida do povo brasileiro em termos sociais, culturais e políticos de maneira compromissada, ou seja, na defesa do que se imaginava ser o interesse popular". Para o pesquisador, as obras de Amado representam o negro ou mulato como ponto central da narrativa, com várias referências ao universo afro-brasileiro, principalmente no que diz respeito a religião, culinária, música e capoeira.

Ao analisar a obra de Lima Barreto, Autran (2011, p. 64-65) destaca a obra **Clara dos Anjos** como uma produção relevante quanto à representação do negro feita pelo autor. O personagem Leonardo Flores habita o subúrbio, é pobre e deseja o reconhecimento do público como poeta, o que não acontece apesar de seu talento. Ele tem consciência de que a questão racial é um impedimento para seu reconhecimento. Autran ainda analisa a personagem principal do romance, cujo estereótipo é justamente o da mulher afro-brasileira, vista como alvo de exploração sexual, embora essa representação, segundo o pesquisador, esteja permeada dos preconceitos raciais do autor.

O pesquisador David Brookshaw, em **Raça & Cor na literatura brasileira**, faz uma rica análise da representação do negro em nossa literatura desde o Abolicionismo até a contemporaneidade. Entretanto, para esta pesquisa, analisaremos apenas suas colocações a respeito das duas primeiras décadas do século XX, período contemporâneo ao surgimento do livro de contos **Negrinha**.

Para Brookshaw, a representação do negro no início do século XX segue duas tendências, a primeira delas é:

Falando em termos gerais, existem duas tendências na representação do negro pelo escritor branco na literatura das primeiras décadas do século atual. Primeiramente, há um retorno ao estereótipo pré-abolicionista do escravo dócil, passivo. Na literatura pré-abolicionista, esta passividade tornara-se uma qualidade permanente do negro. (BROOKSHAW, 1983, p. 60-61)

Podemos afirmar que essa passividade e docilidade do negro advindas do período pré-abolição ainda estavam presentes na literatura brasileira do início do século XX e também é encontrada no conto "Negrinha", uma vez que a menina é passiva diante de sua situação, não se revoltando contra Dona Inácia em nenhum momento, nem mesmo após sua tomada de consciência.

A segunda tendência defendida por Brookshaw versa sobre o oposto do apresentado pela primeira:

Por outro lado, o negro é visto como tendo obtido vingança de seus antigos senhores, fazendo deles vítimas morais de seu próprio sistema. Essa tendência é um resquício da literatura abolicionista, na qual o senhor era retratado, embora culpado, como sendo o escravo inocente da imoralidade de seus escravos. Na conjuntura pós-abolicionista, tal tendência aparece ainda como uma outra maneira de eximir o homem branco de sua culpa. O negro tinha se tornado, por assim dizer, um peso para o homem branco. (BROOKSHAW, 1983, p. 62-63)

Para o pesquisador, essa tendência, não encontrada no conto "Negrinha", apresenta o negro como um peso social para o homem branco, uma vez que seus antigos senhores eram vistos pela sociedade como vítimas morais do sistema então vigente. Eles eram, por assim dizer, influenciados pela imoralidade dos seus escravos e, portanto, "vítimas".

Além dessas tendências na representação do negro, o pesquisador retrata um outro perfil do mulato encontrado na literatura pós-abolicionista, baseada no ressentimento social e na instabilidade psicológica:

Se o negro na literatura pós-abolicionista voltou ao seu natural servilismo, este não foi o caso do literário mulato, pois a miscigenação de raças era vista como um elemento potencialmente perigoso. A visão ortodoxa do que se denominava as "sub-raças" era que elas representavam uma degeneração das raças de origem e qualquer talento apresentado pelo

indivíduo mestiço era produto de sua anormal, desequilibrada e transitória constituição. (BROOKSHAW, 1983, p. 63)

Como é possível observar, a miscigenação é algo prejudicial ao próprio indivíduo, uma vez que ela englobaria o que há de pior em cada uma das raças constituintes, sendo que, se o mulato por ventura apresentasse algum talento, este seria fruto de sua anormalidade. Ainda com respeito ao mulatismo, Brookshaw chama a atenção para o perfil da mulata apresentado na literatura da época:

O estereótipo da mulata lasciva também continua a ser um traço da literatura pós-abolicionista. O romance de Coelho Neto, *Turbilhão* (1906) ilustra os perigos da infiltração social que a sedução de uma mulher mulata pode trazer a uma família branca que se empenha em manter sua posição social na classe média urbana. (BROOKSHAW, 1983, p 64)

Esse perfil da mulata sedutora que, por sua natureza sedutora e, de certa forma amoral, seduz o homem branco causando sua ruína não é encontrado apenas na literatura deste período, sendo encontrado também em diversas obras, como **O cortiço**, de Aluísio de Azevedo, publicado em 1890.

Ao analisar a obra lobatiana, Brookshaw afirma que o autor tem duas visões sobre o negro em suas obras:

O ataque duplamente cortante dirigido ao negro, considerando-o de um lado um animal selvagem e, de outro, possuidor de certas qualidades infinita e convenientemente resignadas, não subversivas, é muito perceptível nos escritos do paulista sincero Monteiro Lobato. (BROOKSHAW, 1983, p.68)

Para corroborar seu posicionamento a respeito das duas representações do negro nas obras de Lobato, o pesquisador utiliza dois contos: "Bocatorta", da obra **Urupês**, com o estereótipo do negro selvagem e "O jardineiro Timóteo", do livro **Negrinha**, com o perfil do negro com qualidades resignadas e não subversivas. Apesar de analisar detidamente o conto "O jardineiro Timóteo", presente em **Negrinha**, Brookshaw não analisa o conto "Negrinha", o que poderia fornecer outros elementos importantes para a discussão proposta por esta pesquisa.

Para o pesquisador, Lobato sofria de "negrofobia", isso principalmente pelo fato de viver em São Paulo onde, de acordo com sua análise, o racismo era mais manifesto que

em qualquer outra parte do país. Apesar de caracterizar Lobato como contrário à miscigenação, ele afirma:

Todavia, Monteiro Lobato, como tantos outros intelectuais brasileiros, era uma personalidade dividida, constituída de emoções gêmeas, mas às vezes conflitantes, cujas contradições ele sem dúvida desconhecia. Era um racista de peculiar embotamento, mas era também um nacionalista radical. [...]

Em última análise, o nacionalismo de Monteiro Lobato tinha raízes em um profundo desejo de ser autêntico, e não confiar em valores impostos de fora. Foi o seu racismo e ao mesmo tempo o respeito por aqueles a quem considerava autênticos o que o fez adotar oportunamente um estereótipo positivo para o negro. Sua aversão pelos traços físicos do negro e seu receio da miscigenação opunham-se ao respeito pelo negro quando entregue a si mesmo. Ele odiava o negro no que dizia respeito ao contato com o branco, mas admirava suas qualidades quando isolado. (BROOKSHAW, 1983, p. 70)

Para o pesquisador, Lobato apresenta duas posições diferentes com relação ao negro em suas obras: uma delas, positiva, baseada em seu nacionalismo, mostra seu respeito ao negro enquanto esse não fosse miscigenado, e outra, negativa, baseada em sua concepção de que o negro era fisicamente feio.

Ao finalizar sua análise sobre Monteiro Lobato, Brookshaw afirma que as histórias infantis lobatianas são charmosas, mas que contêm um estereótipo do negro baseado em sua falta de lógica e que não devem ser levadas a sério:

E por último, mas não menos importantes, são as histórias para crianças de Monteiro Lobato, inspiradas no folclore afro-brasileiro, que retratam muito da vida nas velhas fazendas. Não se pode duvidar, embora quão charmosas essas histórias possam ser, que a visão do mundo de magia do negro, sendo equacionado com o mundo antilógico da criança, contribuiu e reforçou por gerações a fora, o estereótipo do negro como uma criatura fundamentalmente ilógica, para não ser levada a sério no mundo real do adulto. (BROOKSHAW, 1983, p. 71)

Embora o pesquisador apresente seu posicionamento a respeito das obras de Lobato baseado em uma forma de apresentar à criança a falta de lógica do negro e o fato de ele não ser levado a sério pelos adultos, ele não aprofunda sua análise. As afirmações acerca da obra infantil de Lobato também não foram acompanhadas de trechos de obras infantis do autor que corroborem o ponto de vista defendido por Brookshaw.

2.2 Algumas considerações analíticas sobre o conto "Negrinha"

O conto "Negrinha", publicado em 1920 em uma coletânea de contos para adultos também intitulada **Negrinha**, apresenta a vida de uma filha de escrava que vive na casa da ex-senhora de escravos Dona Inácia, que dispensa à menina toda sorte de maus tratos. Para Bianca Campello Rodrigues Costa (2014, p. 3), além de lidar com a sociedade preconceituosa que a afligia pela sua condição social de negra, filha de uma escrava e órfã, a menina precisa superar o entrave do preconceito contra a criança, o que a pesquisadora nomeia de "adultocentrismo". Lobato sempre procurou em suas obras colocar a criança como protagonista, respeitando seus pensamentos e desejos, rompendo com as obras ditas infantis da época, que apresentavam às crianças padrões de comportamento ideais do ponto de vista do adulto. Essa ruptura contribuiu para o sucesso de seus livros cheios de imaginação junto ao público infantil. Ainda segundo Costa, a representação das tensões éticas e sociais e do sofrimento de Negrinha, caso sirva a algum propósito educativo, este seria voltado ao adulto, que deve avaliar do ponto de vista ético a atitude de Dona Inácia. Somado a isso, entendemos que o tom de denúncia encontrado no texto também oferece ao leitor adulto uma reflexão crítica com relação ao papel dos negros e o tratamento a eles dispensado pela sociedade da época.

Durante o conto, muitos são os episódios de violência contra a personagem Negrinha, praticados por diversas pessoas, mas principalmente pela dona da casa. Menina sem nome, ela é negligenciada e tratada como objeto por todos que a rodeiam. A igreja se faz presente na figura do vigário local, que idolatra Dona Inácia e ignora sua violência. Através de um narrador onisciente (com acesso total a pensamentos e sentimentos das personagens), que tece duras críticas enquanto narra, podemos analisar aspectos importantes da sociedade da época, que ainda não havia superado o fim da escravidão, além de identificar críticas do autor à igreja católica, que censurava suas obras.

A violência é um ponto muito importante a ser analisado no conto objeto desta pesquisa. Segundo Jaime Ginzburg (2012, p. 10), a legitimação da violência está constantemente presente na sociedade brasileira e o campo letrado é um de seus fundamentos. A afirmação permite lembrar que a violência, por ser um fato presente em

nosso cotidiano, também aparece em nossa literatura, como acontece no conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato. Encontramos no conto uma certa legitimação da violência praticada contra Negrinha pelo fato de ela ser negra, o que nos remete justamente à essa legitimação. Para Ginzburg (2012, p. 124), os conflitos históricos que advêm da escravidão, do preconceito racial e outras violências da nossa sociedade não estão superados; por isso, seria necessária a compreensão e a discussão do tema na literatura brasileira: “Essas palavras não conseguem representar quase nada, com relação ao que foi vivido no país, embora permaneça o imperativo da necessidade de falar o que foi vivido”. As palavras às quais o autor se refere são:

O processo exploratório colonial, a organização predatória imperialista, o genocídio indígena, o tráfico negreiro, o cotidiano escravocrata de penalizações e mutilações, o patriarcado machista, os estupros, os linchamentos, os fanatismos religiosos, os abusos policiais, a truculência militar, agressões ligadas a preconceitos de raça, religião, orientação sexual, agressões a crianças, torturas em prisões. (GINZBURG, 2012, p. 124)

Pelo fato de tais conflitos históricos e sociais citados não estarem devidamente resolvidos, faz-se urgente a discussão do tema:

No modo como entendo, uma interpretação da história pautada pela violência deve estar centrada na percepção dos conflitos sociais, e é incompatível com a conciliação das forças históricas em uma síntese totalizante. Uma síntese falsearia o processo histórico, fazendo crer que no momento presente, em que anunciamos a narração da história, os conflitos estão completamente superados, quando de fato não estão. (GINZBURG, 2012, p. 124)

Nossa sociedade, por não haver superado os conflitos advindos da escravidão, sofre com a discriminação racial e muitas são as tentativas de se reverterem suas consequências em nosso cotidiano. Temos hoje várias tentativas, até mesmo por parte do Estado, que procuram alcançar a igualdade racial em nossa sociedade, porém, a desigualdade ainda se faz presente, por isso, a leitura e discussão deste texto de Monteiro Lobato se faz importante para debater sobre este tema.

A defesa da não superação das questões que envolvem a escravidão feita por esta pesquisa está em consonância com a afirmação da pesquisadora Milena Ribeiro Martins (2014, p. 124-125), em seu artigo intitulado “Negrinha”, que compõe a obra **Monteiro Lobato, livro a livro - obra adulta**, na qual afirma: “Por outro lado, o conto é chocante

porque chocante é a problemática da qual ele trata, arraigada a práticas sociais ainda hoje encontradas no Brasil". O leitor se vê chocado em diversos momentos do texto. Não verificamos essa questão apenas nos episódios narrados, mas também na escolha vocabular feita autor.

A representação da violência na narrativa "Negrinha" está sempre associada a palavras e a expressões que impactam o leitor, como as utilizadas para descrever a garota: "magra" e "atrofiada". Com relação à escolha vocabular, Milena Martins (2014, p. 122) aponta a justaposição de palavras de mesmo campo semântico sugerindo as sutilezas das práticas violentas descritas no texto, como em "sinais, cicatrizes e vergões". Além da justaposição, Martins chama atenção para o uso de superlativos para descrever o prazer de Dona Inácia em maltratar a menina: "divertidíssimo".

Essas passagens do texto remetem à violência que a menina sofria constantemente: subnutrição, espancamentos e terror. Podemos verificar a subnutrição da menina no episódio em que ela percebe um pequeno pedaço de carne em seu prato e, por ser um fato inédito, guarda o pedaço no canto do prato para poder comê-lo por último. Quando uma criada nova da casa lhe furta o pedacinho de carne, então Negrinha, em ato também inédito, retribui o roubo na forma de um xingamento: "peste". A criada, indignada com a explosão e a "audácia" da menina em insultá-la desta forma, vai contar o caso à patroa. Esse episódio tem um desfecho trágico, que emociona o leitor, explicitando um tipo de violência contra a qual não há opositores:

Dona Inácia estava azeda, necessitudíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

- Eu curo ela! – disse – e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

- Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesma pô-lo na água a ferver, e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

- Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

- Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água "pulando" o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas

só, nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. (LOBATO, 2008, p. 21-22)

Nessa passagem, podemos verificar que Dona Inácia, ex-senhora de escravos, acostumada aos maus tratos que praticava antes da abolição, mantém a menina em sua casa para que possa praticar a violência. O trecho reverbera a violência explícita. Nele observamos que a menina não reage frente aos abusos, ela se mantém totalmente passiva. Totalmente acostumada à violência que recebe a todo momento, ela não percebe a injustiça que é cometida contra ela, achando, em alguns momentos, até mesmo “naturais” os maus tratos que sofre.

Dona Inácia, por sua vez, apresenta-se como mulher cruel, que não tem compaixão pelo sofrimento desnecessário infligido à menina, tendo-a amordaçado após colocar-lhe o ovo quente na boca. Podemos encontrar explícito neste episódio o sadismo da personagem, uma vez que ela, diante da possibilidade de violentar a menina cruelmente, se sente muito feliz como nos informa o narrador: "Sua cara iluminou-se". Após protagonizar aterrorizante cena, Dona Inácia sai da cozinha feliz e satisfeita por ter maltratado a menina para encontrar-se com o padre local que acabara de chegar, agindo como se Negrinha tivesse cometido uma grande falta e ela a tivesse castigado justamente. É importante observar que Dona Inácia realmente não apresenta nenhum remorso, pelo contrário, sente prazer praticando a violência e ainda justifica seu ato como se estivesse educando a garota. Ao encontrar o padre, após saborear a cena de violência, afirma que tem muito trabalho para cuidar da menina órfã e que o faz por caridade. Essa suposta caridade é louvada pelo religioso.

A respeito da atitude sádica de Dona Inácia, Milena Ribeiro Martins afirma que:

Ao apresentar a violência do ponto de vista de quem a pratica, o narrador estimula o leitor a se colocar num lugar incômodo, a verbalizar mentalmente o prazer de dona Inácia. A posição incômoda também porque o texto acusa a patroa, ridiculariza sua figura e desmerece suas atitudes, declarando piedade por Negrinha desde suas primeiras frases. (MARTINS, 2014, p. 122)

Podemos depreender do trecho a importante afirmação de que o narrador procura tirar o leitor de sua comodidade, pois apresenta a cena de violência através do pensamento e sentimento de Dona Inácia, que sente prazer em violentar Negrinha, como na cena que a personagem parece entediada e, ao ver a oportunidade de violentar a

menina, "sua cara iluminou-se". O prazer experimentado pela patroa incomoda o leitor na medida em que o leva a lidar com o fato de a violência ser prazerosa para alguém. Ao se sentir incomodado, seria levado a refletir sobre o tratamento cruel que os brancos dispensavam aos negros à época.

A contradição entre a fala e as atitudes de Dona Inácia também é apontada pela pesquisadora, que defende que a piedade que a personagem diz ter para com Negrinha é falsa, pois o narrador a acusa e desmerece durante todo o conto. Somado a isso, a pesquisadora ressalta que o ponto de vista do violentador ser retratado no conto e o fato de o narrador levar o leitor a refletir sobre a condição de vida de Negrinha mostram uma tentativa de incomodá-lo e fazê-lo colocar-se no lugar dos negros:

A pergunta do narrador - 'Que ideia faria de si essa criança...' - demanda do leitor médio brasileiro dos anos 1920 uma mudança importante de posicionamento, dado que a ampla maioria dos indivíduos alfabetizados não se assemelhava ao perfil da personagem, nem à sua etnia, nem à sua idade, tampouco à sua condição econômica e social. É mais provável que o *status* do leitor fosse semelhante ao da patroa. Desmerecer e, mais do que isso, denunciar a patroa branca, religiosa e rica, diretamente nas estruturas sobre as quais se sustentava a elite brasileira. (MARTINS, 2014, p. 123)

O fato de Lobato escrever um conto sobre a violência contra os negros através de um narrador irônico que reprova as atitudes de Dona Inácia, mostrando sua indignação com a situação apresentada no conto, reforça a ideia de que o texto ser uma denúncia, já que seus leitores faziam parte da elite da época, que sabia ler e tinha a possibilidade de comprar livros.

A questão da ironia presente no livro, quando analisamos a personagem Dona Inácia, precisa ser levada em consideração juntamente com o fato de sua construção ter sido feita de forma caricatural. A pesquisadora Lia Cupertino Duarte, em seus estudos sobre a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato, afirma que o autor foi um caricaturista:

Nesse sentido, a caricatura funciona na obra de Monteiro Lobato como máscara que desmascara, como se pode observar pelo personagem Jeca Tatu, que, com traços fortes, bem marcados, eminentemente caricaturescos, denuncia e revela uma forma de vida negligenciada, expressando verdades sobre o lado ignorado da nação e burlando a ignorância a respeito das questões nacionais. (DUARTE, 2006, p. 269)

Assim como Jeca Tatu, podemos identificar Dona Inácia como uma personagem caricatural, uma vez que suas atitudes escrutinadas pelo narrador desmascaram a elite da época. A representação da personagem é feita de maneira exagerada, como podemos observar na sua descrição: Dona Inácia não é apenas gorda, ela, ao sentar em sua cadeira, tem sua gordura corporal entalada, o que remete a uma imagem exagerada e até mesmo carregada de humor.

Além da descrição física da personagem, podemos indicar como caricaturais as atitudes de Dona Inácia. A incoerência de seus atos em comparação com suas palavras também é exagerada, o que aponta para novo exagero que procura chamar a atenção do leitor para o perfil social da personagem que, assim como Jeca Tatu, representa uma camada da sociedade retratada no conto. Como exemplo desse exagero caricatural, podemos citar a tão comentada cena do ovo, em que a mulher comete uma terrível atrocidade com Negrinha e, logo após o episódio, vai receber o vigário se vangloriando de ser muito boa por manter a menina em sua casa após a morte da mãe e "educá-la", o que, em sua visão, é muito trabalhoso e cansa.

O episódio, além de conter ironia na descrição dos atos e sentimentos de Dona Inácia, também mostra o exagero caricatural utilizado pelo narrador para dar ênfase a essas descrições, uma vez que a fala da personagem em relação a sua bondade é totalmente contrária ao ato por ela praticado. O leitor que busca interpretar os detalhes desta passagem encontra na voz do narrador elementos que o levam a encontrar a crueldade da personagem, mesmo ela dissimulando e defendendo suas atitudes de maneira descarada.

Podemos observar na construção da personagem e também na de algumas cenas por ela protagonizadas no conto que o humor utilizado pelo autor busca evidenciar as contradições sociais e abusos praticados por Dona Inácia. Segundo Duarte, essa utilização do humor tão cara a Lobato nos remete à tentativa de provocação do leitor:

Definido como elemento revelador das contradições e incongruências presentes dentro de um determinado contexto social, o humor tem por função básica o desnivelamento, a provocação da ruptura, a extinção da passividade, sendo o germe da inquietação. Eis aí a lente principal do caleidoscópio lobatiano, o princípio gerador e deflagrador de sua postura incessantemente dialética. (DUARTE, 2006, p. 30)

O leitor de "Negrinha", ao se deparar com toda a violência praticada contra a menina e com a injustiça social sofrida pelos negros após a escravidão ali representada, devidamente evidenciada por um narrador irônico, encontra-se na difícil posição de analisar e, muitas vezes sem perceber, tomar partido de Negrinha. Essa tomada de posição faz com que o leitor se emocione com o que lê e torna impossível sua passividade diante dos fatos narrados.

As marcas do tratamento dispensado à garota por Dona Inácia, com a justificativa de serem necessários para sua educação, estão à mostra em seu corpo, ela carrega os símbolos da violência. O texto afirma que ela era toda tatuada de sinais, cicatrizes e vergões. Essas marcas não pareciam assombrar as pessoas com quem ela convivia, pois todos batiam nela, sempre, não apenas a dona de casa que, com certeza, era a mais cruel. Até a descrição de todos os possíveis tipos de “cocres” e castigos que a menina levava de Dona Inácia é feita minuciosamente pelo escritor:

Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira de beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma – divertidíssimo! A vara de marmelo. Flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor! (LOBATO, 2008, p. 21)

Observamos nessa passagem novamente que a violência praticada é algo também exagerado, caricatural e que dá prazer a Dona Inácia. Ela desafia todos os tipos de maldade que consegue contra Negrinha, como se estivesse falando de uma atividade de lazer. Essa representação de sua atitude remete à construção da personagem carregada de humor, novamente para chamar a atenção do leitor fazendo-o refletir sobre a figura exagerada que lhe é apresentada. A personagem seleciona entre as maldades que enumera quais são as melhores, que lhe dão mais alegria, evidenciando sua natureza cruel e dando uma pequena mostra do tratamento dispensado aos negros que ela tinha como escravos em sua casa, uma vez que o que eles sofriam ia muito além, já que ela se mostra contida no tratamento que dispensa à menina por conta da abolição da escravatura: “judiaria miúda, os níqueis de crueldade” (LOBATO, 2008, p. 21).

Quando Negrinha morre, a compaixão novamente não atinge as pessoas que com ela conviveram, pois a menina é enterrada em uma vala comum, com apenas trinta quilos,

um total descaso. Ela será lembrada por Dona Inácia apenas como a menina boa para “cocres” e pelas sobrinhas da patroa que visitaram a casa como “bobinha da titia, que nunca vira boneca” (LOBATO, 2008, p. 26).

A atitude de Dona Inácia representa no conto a classe de ex-senhores de escravos que, após a abolição, não poderiam mais abusar fisicamente dos negros que outrora foram seus escravos, mas que, na realidade, nunca deixaram de achar que esse comportamento violento era normal e completamente aceitável. Vemos aqui um traço marcante de nossa sociedade e que encontra resquícios até os dias atuais: o cotidiano escravocrata de penalizações, mutilações e agressões ligadas a preconceito de raça.

Após serem libertos, os escravos brasileiros não foram amparados por lei e pelo governo para que tivessem inserção na sociedade. Ao contrário, muitos ainda permaneceram nas fazendas em que viviam por falta de perspectiva de conquistar um emprego ou mesmo ter onde morar. Esses negros, que optaram por ficar nas fazendas por falta de oportunidade de mudança de vida, continuaram à mercê de ex-senhores de escravos como é o caso de Dona Inácia.

Negrinha, órfã de uma ex-escrava de Dona Inácia, por outro lado, se encontra em uma situação difícil por ser criança e não ter para onde ir. Acostumada à violência praticada por sua “benfeitora”, ela é humilhada, maltratada e negligenciada o tempo todo. Ela é a representação do tratamento cruel praticado contra os negros da época.

Observamos que a violência que ela sofre é principalmente física, mas há também a violência psicológica, uma vez que ela recebe apelidos que tentam a todo custo “coisificá-la”: barata descascada, mosca morta, sujeira, coisa ruim, lixo, entre outros. Ressaltamos aqui que muitos desses apelidos se baseavam na cor da pele da menina, pois, mesmo não sendo escrava da patroa, ela era maltratada e xingada pelo fato de ser negra e pertencer à classe considerada inferior pela sociedade da época.

A cor de sua pele, assim como o fato de ser filha de uma escrava, foi crucial para determinar o tratamento que receberia durante seu curto período de vida por parte de Dona Inácia. No início do texto, essa discriminação pela cor da pele é evidenciada pela voz carregada de ironia do narrador, que apresenta a menina conforme a visão da sociedade da década de 1920, momento em que o texto foi escrito. A menina recebe adjetivos que menosprezam a cor de sua pele: “Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos.

Preta? Não, fusca, mulatinha, escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (LOBATO, 2008, p. 19). Diga-se, ainda, que a criança não tem propriamente um nome, falta-lhe a identidade que um nome próprio pode dar. “Negrinha” é uma alcunha que reflete imediatamente o preconceito de cor contra ela praticado.

A necessidade que os ex-senhores escravos e a própria sociedade sentiam de manter sua superioridade em relação aos negros era evidente e está representada no conto de Lobato. Esse ponto é crucial para que a situação de exploração dos negros continue mesmo após a abolição, assim como a anuência da sociedade é essencial para a existência de qualquer tipo de exploração ou violência, como afirma Ginzburg (2012, p. 125): “E é importante que, na vida cotidiana, as interações sociais reforcem esses princípios constantemente, como se o autoritarismo fosse benéfico à ordem social”. O meio social brasileiro do início do século XX estava marcado por discursos europeus acerca da miscigenação como um problema para o desenvolvimento do Brasil, pois os negros eram considerados inferiores. Para Lilia Moritz Schwarcz, o Brasil era visto como um país de mestiços:

Essa "visão mestiça" e singular do país não ficava restrita, porém, aos circuitos internos do debate. Estava presente na imagem que externamente se veiculava e em especial na interpretação de vários naturalistas que ao longo do século XIX que por aqui passaram à procura de espécimes raros da flora e da fauna, e se depararam com o espetáculo de homens e da mistura de raças. (SCHWARCZ, 1993, p. 112-3)

Essa ideia comum à época segundo a qual o negro seria inferior está explícita no texto, principalmente porque os personagens que acompanham a vida na casa de Dona Inácia, moradores ou não, não sentem nenhuma compaixão pela menina e acham que a violência que Dona Inácia pratica é algo natural. Apenas o narrador, através da ironia destilada em diversos momentos do texto, parece se mostrar contrário às atitudes da dona da casa. A ironia aparece, de resto, como um dos recursos técnicos decisivos para a construção dos personagens e descrição das cenas na narrativa.

2.3 A construção da ironia, em “Negrinha”

A ironia é uma questão primordial a ser levada em consideração durante a leitura de "Negrinha". Ela está presente nas falas do narrador, na atitude e construção dos personagens do conto, principalmente de Dona Inácia.

Em seu ensaio intitulado **Ironia e Literatura: interseções**, Hudson Oliveira Fontes Aragão procura definir a ironia e estabelecer sua ligação com a literatura. Para o pesquisador, o conceito de ironia não é unívoco. Baseando sua argumentação nos estudos sobre a ironia de D.C. Muecke, Aragão (2013, p. 5) afirma que "[...] o fato é que as formas apenas são irônicas em seus conteúdos e na possível transliteralidade da 'peça-na-peça' ou na autoridade do narrador". Observamos que a ironia faz parte do conteúdo, ou seja, do corpo do texto em si, do encadeamento das ideias, do tipo de construção das frases e escolha do vocabulário feitos pelo autor da obra. A figura do narrador também é de extrema importância para evidenciar a ironia no texto literário. Quando observamos a figura forte do narrador de "Negrinha", seus comentários ao longo do texto e seu posicionamento evidenciado em suas palavras, percebemos o quanto ele é decisivo na construção da ironia no conto.

Ao refletir sobre o funcionamento da ironia, Massaud Moisés afirma:

A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar instável, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura. Por isso mesmo, pressupõe que o interlocutor não a compreenda, ao menos de imediato: escamoteado, o pensamento não se dá a conhecer prontamente. (MOISÉS, 2009, p. 247)

Podemos depreender desta passagem que a ironia pode não estar clara e o leitor do texto pode não identificá-la imediatamente. Essa identificação da ironia, segundo o ponto de vista defendido pelo pesquisador, depende da junção entre o dito e o não-dito que formarão o significado irônico do texto. Essa junção depende diretamente do leitor, uma vez que a identificação do não-dito é essencial para que a ironia seja identificada. Essa interpretação da ironia está diretamente ligada à visão de mundo de quem lê, pois, como afirma Aragão (2013, p. 11), a formação do leitor antecede a leitura da palavra escrita.

Para Muecke (1995, p. 28), o conceito de ironia carece de exatidão, trata-se de uma noção que mudou muito ao longo do tempo "(...) porque "ironia" é apenas um conceito, um elemento num sistema conceitual que, por sua vez, é apenas um acordo temporário quanto ao instrumento de compreensão do mundo". Ele define a função da ironia na literatura como:

(...) a literatura sempre teve um campo incomensurável onde observar e praticar a ironia. Isto sugere que a ironia tem basicamente uma função corretiva. É como um giroscópio que mantém a vida num curso equilibrado ou reto, restaurando o equilíbrio quando a vida está sendo levada muito a sério ou, como mostram algumas tragédias, não está sendo levada a sério o bastante, estabilizando o instável mas também desestabilizando o excessivamente estável. (MUECKE, 1995, p. 19).

A ironia serve tanto para interromper a seriedade de algo ou até mesmo para chamar a atenção do espectador para o que não está sendo levado a sério como deveria ser. Esse segundo tipo é justamente o que encontramos no conto "Negrinha", uma vez que o narrador irônico de Lobato expõe os maus tratos destinados aos negros e a figura de Dona Inácia de maneira totalmente irônica, em muitos casos beirando até mesmo o sarcasmo¹, como na menção "excelente senhora", ao se referir à personagem. Neste caso, como seria impossível alguém ser excelente e maltratar outras pessoas de maneira sádica como Dona Inácia faz, portanto, acreditamos que o termo vai além da ironia.

Ao traçar um panorama histórico sobre o termo, Muecke afirma que o conceito de ironia foi desenvolvido lentamente na Europa moderna:

Na Inglaterra, como no resto da Europa moderna, o conceito de ironia se desenvolveu muito lentamente. Os significados mais interessantes em Cícero e Quintiliano - ironia enquanto um modo de tratar o oponente num debate e enquanto estratégia verbal de um argumento completo - foram ignorados a princípio, e durante duzentos anos e mais a ironia foi encarada principalmente como uma figura de linguagem. Definia-se o termo como algo que "diz uma coisa mas significa outra", como uma forma de "elogiar a fim de censurar e de censurar a fim de elogiar", e como um modo de "zombar e escarnecer". Era também usado para significar dissimulação, mesmo dissimulação não-irônica, subentendidos, e paródia (uma vez ao menos, por Pope). (MUECKE, 1995, p. 32-33)

Embora o termo tenha sido definido por tanto tempo como "dizer uma coisa com a intenção de dizer outra", elogiar a fim de censurar e vice-versa e um modo de zombar e escarnecer, observamos que essa definição básica abarca, mesmo sendo encarada a ironia apenas como uma figura de linguagem e não um conceito, o sentido que encontramos no conto lobatiano. Principalmente ao elogiar Dona Inácia, o narrador elogia a fim de censurar a personagem. O fato de ela ser caracterizada como "gorda" nos

¹ O sarcasmo nesta colocação está sendo utilizado como um termo com significado mais intenso que ironia, como um grau acima. Sarcasmo significaria um escárnio, uma zombaria, o que demonstraria uma contradição ainda maior do que aquela presente na ironia.

apresenta a ironia do narrador, uma vez que ela não é apenas uma personagem saudável e que tem uma condição financeira privilegiada podendo se alimentar muito bem, mas sim que ela come exageradamente, trata-se do excesso, do fato de ela ter "as banhas entaladas no trono", sendo essa segunda característica um reforço da ironia da primeira, nos levando a considerar nessa caracterização até mesmo o escárnio.

Para Muecke (1995, p. 78), a ironia assumiu novos significados a partir do final do século XVII, sendo a ironia verbal a que merece destaque para esta pesquisa. Sua expressão mais simples é o elogio antifrástico no lugar da censura, justamente o que vemos em "Negrinha", como no elogio destinado a Dona Inácia que afirma que ela é dona de "um camarote de luxo reservado no céu". Esse elogio se torna totalmente irônico na medida em que sugere que a personagem, por ser rica, tem direito a um lugar privilegiado no céu, porém, o fato de ela ser cruel e maltratar Negrinha faz com que ela mereça, segundo a moral religiosa presente no texto, exatamente o contrário, o que definimos como um paradoxo, algo importante para a formação da ironia. Muecke, ao examinar a ironia em ação, aponta a diferença entre "ironia instrumental" e "observável":

Neste capítulo final, examinarei, seletivamente, a ironia em ação, e neste tópico analisarei as Ironias Instrumentais em que a linguagem é instrumento. Como iremos ver, nem sempre é possível distinguir entre a Ironia Instrumental e a apresentação da Ironia Observável, mas geralmente a distinção é clara: na Ironia Instrumental o ironista diz alguma coisa para vê-la rejeitada como falsa, *mal à propos*, unilateral etc.; quando exhibe uma Ironia Observável e o ironista apresenta algo irônico - uma situação, uma sequência de eventos, uma personagem, uma crença etc. - que existe ou pensa que existe independentemente de apresentação. (MUECKE, 1995, p. 77)

Quando o autor descreve a "Ironia Instrumental", ele fala justamente do dizer para ser rejeitado, ou seja, o que é dito no texto por ele já tem a intenção de ser identificado pelo leitor como algo duvidoso, como acontece no conto aqui estudado. O narrador lobatiano narra os eventos utilizando-se da ironia para nos apresentar o paradoxo contido no texto, a falsidade presente em suas palavras quando narra os eventos, principalmente os que incluem Dona Inácia.

Com relação à "Ironia Observável", o autor afirma que todos os seus tipos são teatrais por definição, uma vez que é necessário que exista um observador para que a ironia se complete. Muitas vezes, esse observador irônico é a própria plateia.

Ainda segundo Muecke, há também algumas formas de ironia presentes na prosa de ficção. Dessas merece destaque a chamada ironia “autraidora”, qual seja: aquela ligada à falsa imagem que uma personagem formou de si mesma e que conflita com a imagem que a obra induz o leitor a formar. Embora haja poucos recursos textuais em “Negrinha” que sustentem a presença deste tipo de ironia, pois, o conto não dá acesso à consciência que Dona Inácia tem de si, ela age como quem tem total convicção dos seus atos, não deseja enganar o leitor sobre sua péssima conduta. O leitor, por sua vez, está desde o começo do conto a par do tipo de temperamento que tem Dona Inácia.

No entanto, há ainda um aspecto que a noção de “ironia autraidora” de Muecke encontra uma ilustração convincente no conto. Dona Inácia se apresenta como benfeitora e caridosa, mesmo que o leitor saiba de toda sua crueldade para com a personagem Negrinha. Observamos isso quando o padre adentra a casa e ela procura produzir uma imagem própria ligada à generosidade, uma caridosa. Constatamos a ironia porque sabemos que em sua fala benevolente há muita falsidade. Para o religioso, o que fica é, embora falsa, exatamente a imagem que ela procurou produzir: boa, caridosa, um exemplo de cristã.

Lia Cupertino Duarte (2006, p. 200) ressalta a presença da ironia como recurso humorístico nos textos lobatianos destinados ao público jovem, o que também se aplica ao leitor de “Negrinha”. Para a pesquisadora, esse recurso ressalta a contradição entre o dito e o não dito, tão presente no conto por esta pesquisa estudado:

Sendo uma das formas de manifestação do humor, a ironia traz em seu cerne, assim como todo e qualquer procedimento humorístico, o germe da contradição. Nesse sentido, ao possibilitar dizer o contrário do que se pensa, mas dando-o a entender, estabelece um contraste entre o modo de enunciar o pensamento e seu conteúdo. (DUARTE, 2006, p. 200)

Quando observamos no texto o narrador utilizando expressões como “excelente senhora” para se referir a Dona Inácia, encontramos clara contradição em suas palavras, pois as atrocidades por ela cometidas nos são apresentadas de maneira minuciosa, ressaltando a crueldade e até mesmo o sadismo apresentado pela personagem.

A ironia do narrador, presente em todo o conto, mostra a hipocrisia da sociedade da época e, como em outras obras de Lobato, da igreja. Ela se mostra evidente em muitos

momentos, como no destacado a seguir, que nos apresenta a violência psicológica sofrida por Negrinha:

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi *bubônica*. A Epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste... (LOBATO, 2008, p. 20)

Tudo se passa como se o narrador, situado aquém dos eventos narrados, contasse a história de Negrinha com uma dose considerável de ironia. Isso tem a ver com a maneira como ele seleciona os eventos cotidianos retratados no conto. Segundo Muecke, este tipo de ironia está presente particularmente no teatro. Essa seleção por ele realizada, em muitas ocasiões, como o fato de a menina gostar do apelido "bubônica", vai além da ironia, entrando no campo do sarcasmo.

A ironia é apresentada ao leitor de maneira ácida e clara, não há margem para dúvidas quanto ao tom irônico do narrador. A escolha precisa de adjetivos fortes e o uso da palavra "mimosear" deixa evidente a crítica por ele feita. O fato de um apelido ter agradado à menina é motivo suficiente para ele ser deixado de lado, ela não pode ter um só momento de alegria que isso já lhe é imediatamente tirado. As reticências do final da frase também aumentam a ideia de continuidade do sofrimento da menina, porque são formas gráficas que indicam um prolongamento do pensamento e, aqui, elas podem ser entendidas como um prolongamento do próprio sofrimento da personagem.

O narrador, durante todo o texto, mostra-se contra as ações de Dona Inácia e do padre, através de ironia e da representação caricatural dos personagens, deixando claro seu posicionamento contrário à violência que é infligida à menina. Seu papel é tão relevante que a emoção sentida pelo leitor em algumas passagens, como a do ovo e da morte de Negrinha, devem-se à forma de narrar. As palavras por ele escolhidas e sua narrativa dão ao conto o tom de denúncia que ele possui.

A passividade dos personagens da narrativa, principalmente do padre, que afirma que Dona Inácia é uma excelente mulher e que pratica uma boa ação mantendo Negrinha

em sua casa, torna-os coniventes e, de certa forma, também praticantes da mesma violência contra a menina. A omissão também os torna violentadores.

Além de analisarmos a figura do narrador e a ironia no conto "Negrinha", também podemos identificar a presença do autor no texto através da figura do "autor implícito". Segundo Wayne C. Booth (1980, p. 88), o autor implícito é a versão implícita do próprio autor "denunciada" pelas suas escolhas narrativas. Ele é o "ser" do qual o posicionamento do autor emana, ele está entre o narrador e o autor. Booth afirma que:

Enquanto escreve, o autor não cria, simplesmente, um "homem em geral", impessoal, ideal, mas sim uma versão implícita de "si próprio", que é diferente dos autores implícitos que encontramos nas obras de outros homens [...] (BOOTH, 1980, p. 88)

A formação do autor implícito está diretamente ligada a formação do autor, seus princípios, ideias defendidas e seu posicionamento diante do mundo. Podemos afirmar, a partir disso, que o autor Monteiro Lobato se faz presente no texto "Negrinha" através das escolhas que faz. Escolhas essas que podem ser de natureza linguística, literária ou ideológica, mas que são únicas e denunciadas pelo texto.

Quando tratamos de questões linguísticas, é preciso reconhecer novamente os recursos irônicos utilizados no conto. No que diz respeito à personagem Dona Inácia, chama a atenção o ar de reprovação implicitado no texto. Logo no início da narrativa, percebem-se aspectos específicos de sua descrição:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dono do mundo, animada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral", dizia o reverendo. (LOBATO, 2008, p.19)

Observamos no trecho a ironia latente no narrador lobatiano, ressaltando a escolha do autor implícito pela crítica a duas classes da sociedade da época: os ex-senhores de escravos, representados por Dona Inácia, e a igreja, na figura do reverendo. Lobato apresentava um sentimento anti-clerical latente, o que lhe rendeu perseguição e censura por parte da igreja católica. Dona Inácia, assim como o reverendo, também incorpora

esse anti-clericalismo² lobatiano, uma vez que ela é considerada uma santa pela igreja, mesmo sendo um ser humano desprezível.

A senhora que maltrata a personagem Negrinha é descrita como uma pessoa muito religiosa, praticamente uma santa. A escolha das expressões: “excelente senhora”, “dona do mundo” e “animada dos padres”, mostra-nos a ridicularização da personagem através da ironia, que deveria, por suas ações, ser descrita como um ser humano totalmente reprovável. Essa representação da personagem de maneira caricatural associada à ironia nos deixa clara a tentativa do narrador de evidenciar suas atitudes reprováveis e chamar a atenção do leitor para sua figura exagerada, construída com traços caricaturais.

Quanto à ácida crítica feita à classe religiosa, através da figura do reverendo, podemos verificar que o narrador afirma que, apesar das ações reprováveis da senhora, ela é uma “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, isso tudo por doar grandes quantias à igreja, por ser uma figura importante na sociedade da época. Nesse sentido, o contraste entre as ações da senhora e as palavras selecionadas para designá-la opera a exposição da ação irônica, projetada também por sobre os traços caracterizadores do sacerdote.

Também o episódio do ovo expõe a construção de uma perspectiva irônica na narrativa. Dona Inácia se queixa de ter muito trabalho com a menina, a que o padre responde: “quem dá aos pobres empresta a Deus” (LOBATO, 2008, p. 22). Seria o caso de ressaltar que a crítica à religião é algo comum nas obras de Lobato, principalmente quanto à questão da hipocrisia dos padres e reverendos, tendo sua obra sido, por esse motivo, censurada pela igreja na época.

Outra fala de Dona Inácia também explicita procedimentos irônicos. Considerando que se trata de uma senhora religiosa, a utilização de expressões como “cale a boca, diabo” e “braços cruzados, já, diabo” mostra-se injustificada. A presença de tais escolhas evidencia o quanto é contraditória a personagem. Por outro lado, a associação entre a menina e o “diabo”, considerado o papel desempenhado pelo diabólico e pelo demoníaco no imaginário cristão, contribui para reforçar a posição excluída e desvalorizada ocupada pela personagem. Também a descrição de Negrinha e da vida que levava em casa de

² Entende-se por anticlericalismo a hostilidade declarada ao mundo clerical, motivada pela não concordância com a influência do clero na sociedade. Lobato foi notadamente um anticlerical.

Dona Inácia, no trecho abaixo, nos apresenta uma seleção vocabular que prioriza palavras fortes, que buscam causar comoção no leitor:

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer... Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos 4 anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. (LOBATO, 2008, p. 20)

Nessa passagem, é essencial observar que a personagem não possui nome, ela é tratada como um animal indesejável, negligenciada o tempo todo. Sua vida se resume a maus tratos, sofrimento e carência, mas, mesmo assim, ninguém se compadece de sua situação. Um outro elemento que mereceria destaque no trecho diz respeito à incapacidade de compreensão da personagem quanto aos comportamentos que a oprimem. Essa incompreensão pode ser pensada em termos de um processo social mais amplo de "naturalização" das condições de opressão.

As escolhas literárias feitas no texto também influenciam para que o tom de denúncia seja reforçado. O narrador em terceira pessoa, quando nos apresenta as personagens do conto e comenta os fatos, deixa claro seu tom de reprovação, sua aversão aos acontecimentos que narra e aos ex-senhores de escravos representados por Dona Inácia. Essa reprovação fica clara no seguinte trecho:

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor: uma novena de relho porque disse: “Como é ruim a sinhá!”... (LOBATO, 2008, p. 21)

Outra vez nos deparamos com a expressão “excelente” utilizada para se referir à cruel senhora, assim como as reticências no final da frase para prolongar a indignação do leitor. A crítica feita pelo narrador aos ex-senhores de escravos pelo tratamento que dispensavam aos negros é realmente direta neste trecho. A escolha da palavra “feroz”, geralmente utilizada para se referir a animais, pode nos indicar a importância de se ressaltar a crueldade da mulher.

Somada a isso, a presença de muitos diálogos, utilizados majoritariamente para expressar a crueldade e contradição das personagens, evidencia que o narrador quis

imprimir verossimilhança à cena. Isso fica mais evidente através das falas, o que não teria o mesmo efeito caso houvesse apenas a voz do narrador em todo o texto, sem a presença de diálogos diretos. Um exemplo seria a fala de Dona Inácia em conversa com as sobrinhas que questionam quem é Negrinha: “- Quem há de ser? – disse a tia num suspiro de vítima. – Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã.” (LOBATO, 2008, p. 23). O suspiro da personagem, sua afirmação de que é uma pessoa caridosa e de que “cria” a menina, são evidências da ironia do narrador e também uma indicação clara do posicionamento do autor implícito do texto. Não se pode ignorar a palavra “criar” como ácida ironia, uma vez que a única coisa que a mulher faz é maltratar a criança.

A utilização pelo narrador de afirmações que se contrapõem totalmente ao que a personagem Dona Inácia diz, remete a seu posicionamento contrário às suas atitudes. Em contraponto à afirmação feita pela personagem de que ela cuidava de Negrinha por caridade, o narrador afirma:

O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para seus frenezis. Inocente derivativo.
- Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!... (LOBATO, 2008, p. 21)

Dona Inácia se diz caridosa, porém, no excerto apresentado acima, o narrador a desmente, afirmando que ela era extremamente cruel e sentia prazer em maltratar e bater na menina. Essas oposições do narrador são muito importantes para ressaltar o tom de denúncia através da ironia da narrativa. Para finalizar o conto, é utilizado um tom ainda mais dramático para chamar a atenção do leitor para a situação de miséria da menina. Frases de impacto, que procuram enfatizar o sofrimento de Negrinha, são destacadas do restante do texto através de grandes espaços entre os parágrafos, como no trecho:

Sentiu-se elevada à altura de ser humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi – e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas [...] (LOBATO, 2008, p. 25)

Essa frase impactante, que procura chamar a atenção do leitor para o sofrimento que Negrinha passa a sentir após tomar consciência do fato de ela ser um ser humano e

não uma coisa, tem seu efeito intensificado pelo seu isolamento do parágrafo anterior e do seguinte. É uma pausa dramática intencional para sensibilizar o leitor. Esse isolamento intencional também ocorre no momento da morte da menina:

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta. Mas imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. (LOBATO, 2008, p. 25-26)

Nesse trecho, além de a frase que anuncia a morte de Negrinha estar isolada, ela também apresenta reticências, o que intensifica ainda mais a atenção para o drama por ela vivido. Sua morte é anunciada através de metáforas: “foi-se apagando” e “o vermelho da goela desmaiou”. Tudo isso explicita a situação difícil que ela viveu e dramatiza ainda mais sua morte. Essas escolhas podem levar a recuperar a figura do autor Monteiro Lobato e suas posições ideológicas, uma vez que, como afirma Wayne Booth, o autor implícito nada mais é que o *alter ego* do autor:

Autor implícito (o alter ego do autor). Até o romance que não tem um narrador dramatizado cria a imagem implícita de um autor nos bastidores, seja ele diretor de cena, operador de marionetas ou Deus indiferente que lima, silenciosamente as unhas. Esse autor implícito é sempre distinto do homem a sério – seja o que for que pensemos dele – que cria uma visão superior de si próprio, um *alter ego*, tal como cria sua obra. Enquanto o romance não se referir directamente a este autor, não há distinção entre ele e o narrador não dramatizado implícito [...] (BOOTH, 1980, p. 165)

De acordo com sua visão, até mesmo o narrador não dramatizado, que é aquele que não tem rosto e nenhuma característica pessoal, manifestando-se através da narração “impessoal”, tem em si uma imagem do autor nas entrelinhas. Como o narrador do texto “Negrinha” é dramatizado, ou seja, aquele que diz enquanto mostra, dramatiza sua própria mente na medida em que narra a estória, podemos compreender que a presença do autor através do autor implícito se faz ainda mais presente no texto.

Esse narrador que comenta, expressa opiniões e critica enquanto narra é uma representação do autor na obra, uma forma de ele se fazer presente no texto que cria. É a maneira encontrada para expressar sua visão de mundo através dos fatos que narra.

Booth (1980, p. 174) afirma que “aquilo que chamamos de envolvimento, simpatia, ou identificação compõe-se geralmente de muitas reacções a autor, narradores, observadores e outros personagens”. Nesse conto, nossas reacções às diversas figuras apresentadas no texto parecem ser guiadas pelo autor implícito e suas escolhas.

Quando falamos do narrador, identificamo-nos com sua crítica, tendemos a ler o texto concordando com sua opinião sobre o fato narrado. Já quando nos deparamos com a personagem Dona Inácia, o texto nos leva automaticamente à reprovação de sua conduta cruel. A mesma reprovação ocorre com relação ao padre. Entretanto, quando se trata da personagem Negrinha, nossa compaixão e indignação é instantânea e isso pode ser pensado também a partir da consideração do autor implícito na narrativa. Todas essas reacções são reflexo da maneira como a narrativa é construída, do posicionamento assumido pelo autor implícito quando decide imprimir à narrativa o tom irônico de crítica a Dona Inácia e a visão piedosa e dramática que o narrador apresenta com relação à personagem Negrinha.

Não parece possível depreender do texto a ideia de que o autor fosse racista ou apoiasse a atitude de Dona Inácia por considerá-la normal, pois, na dinâmica estabelecida pelos diferentes elementos narrativos, a personagem não possui nenhuma credibilidade. Ela é desmascarada pelo narrador e apresentada de forma totalmente irônica. Para Booth (1980, p. 34-35), o autor está presente em todos os discursos dos personagens que possuam credibilidade. Como essa personagem não a tem, podemos concluir que suas posições não são partilhadas pelo autor, mas, sim, por ele refutadas.

Para Booth, todos os juízos de valor contidos na história são impostos pelo autor, portanto, podemos ver a presença das ideias de Lobato a respeito da sociedade da época presentes no conto “Negrinha”, representada pela sua reprovação às atitudes dos ex-senhores de escravos e também à igreja católica. Para reforçar esta colocação, recuperamos Maria Lúcia Dal Farra (1978, p. 35), quando afirma que “[...] romance é sempre ‘autobiografia’, pois o ‘autor’ retira da natureza e da sua própria essência, os elementos vivos e significativos para proceder à ‘biografia’ de um ser imaginário”. Monteiro Lobato retira da realidade da sociedade da época os elementos necessários para a criação deste conto.

A partir de tais pressupostos, podemos compreender que Monteiro Lobato está apresentando seu ponto de vista a respeito da sociedade em que vivia através do conto. Ele estrutura um retrato crítico da condição do negro no Brasil pós-escravocrata. Essa condição é apresentada ao leitor de maneira crítica, irônica, através de um narrador que claramente reprova o tratamento dispensado aos negros à época. Essa crítica ácida desfiada pelo narrador através das escolhas feitas do autor implícito evidencia o posicionamento do autor em relação a esse tema polêmico.

A situação do negro após a abolição da escravatura era de total abandono, muitos continuavam na casa de seus senhores por não ter para onde ir e não conseguir se inserir na sociedade. Esse cenário os levava a continuar sendo maltratados pelos seus ex-senhores, o que é claramente apresentado por Lobato ao retratar a personagem Cesária e sua filha Negrinha. Para Dal Farra, não considerar a questão do ponto de vista apresentado pelo narrador em um romance seria ignorar a presença do autor implícito e sua ótica expressa no texto. Sobre isso, ela afirma:

Talvez resida aqui um dos equívocos teóricos de maior importância na questão do ponto de vista: o de não considerar que o ângulo de visão conferido ao narrador seja um dos possíveis ângulos formadores da 'ótica' do autor-implícito ou do 'criador mítico do universo' ou do 'narrador onisciente' ou de qualquer que seja o nome que se dê a esta mente detentora dos poderes romanescos. (DAL FARRA, 1978, p. 23)

Essa conclusão reforça a hipótese segundo a qual a tentativa de censura ao texto não faz nenhum sentido, uma vez que Monteiro Lobato, através do conto, faz uma denúncia da situação do negro no início do século XX. Essa denúncia é importante mesmo nos dias de hoje, pois nossa história precisa ser conhecida para que o debate sobre a situação do negro no Brasil seja amplamente realizado, principalmente nas escolas de todo o país. Um tal debate poderia ser oportunizado inclusive pelo recurso a um texto como o de Lobato em análise, que estrutura uma complexa apresentação dos conflitos sociais que internaliza ao processo narrativo.

Um exemplo da relevância da consideração dos recursos irônicos na construção de "Negrinha" pode ser observado em questão proposta a respeito da narrativa, quando de sua inclusão na lista de leituras obrigatórias para o Vestibular da Unicamp em 2016. Nesse ano, a questão proposta acerca do conto estava concentrada na figura do

narrador, justamente procurando verificar sua posição em relação à personagem Dona Inácia:

- Quanto ao conto "Negrinha", de Monteiro Lobato, é correto afirmar que:
- a) O narrador adere à perspectiva de Dona Inácia, fazendo com que o leitor enxergue a história guiado pela ótica dessa personagem e se torne cúmplice dos valores éticos apresentados no conto.
 - b) O modo como o narrador caracteriza o contexto histórico no conto permite concluir que Negrinha é escrava de Dona Inácia e, portanto, está fadada a uma vida de humilhações.
 - c) A maneira como o narrador comenta as características atribuídas às personagens contrasta com as falas e as ações realizadas por elas, o que caracterizou um modo irônico de apresentação.
 - d) O narrador apresenta as falas e pensamentos das personagens de modo objetivo; assim o leitor fica dispensado de elaborar um juízo crítico sobre as relações de poder entre as personagens. (UNICAMP, 1ª fase, 2016)

A alternativa apontada como correta foi "c". Ela enuncia a oposição entre as descrições dos personagens feitas pelo narrador e as atitudes que elas tomam durante o conto. É possível observar que a forma irônica de descrever as personagens do conto como Dona Inácia, que mais apresenta contradição entre sua descrição e atitudes, é o aspecto explorado pela prova. O narrador a desmente em diversos momentos, principalmente utilizando-se da ironia, como é o caso da utilização de "virtuosa senhora" e "animada dos padres" para descrevê-la. Essas características não estão de acordo com as atitudes de Dona Inácia, uma vez que ela é cruel para com Negrinha.

A visão do conto apresentada através dessa questão está em consonância com as afirmações aqui feitas a respeito da posição do narrador em relação às personagens da narrativa. Podemos observar pelas demais alternativas que o posicionamento contrário aos abusos dos ex-senhores de escravos apresentado pelo narrador é identificado pela equipe que elaborou a prova. A primeira alternativa incorreta versa a respeito do posicionamento de Dona Inácia ser considerado natural através de um apoio do narrador. A alternativa "b" também segue essa perspectiva, afirmando que a apresentação do contexto histórico pelo narrador faz com que o leitor considere o tratamento dispensado a Negrinha como justo. Já a afirmação "d" traz a ideia de que a objetividade do narrador isenta o leitor de pensar criticamente a respeito do conto, o que não parece verdadeiro.

Ao verificarmos o caderno de questões comentadas deste Vestibular, foi possível observar que a interpretação da questão realizada por esta pesquisa está em

consonância com a interpretação da banca elaboradora da prova. Verificamos que a banca considerou a questão como difícil e teve como objetivo verificar se o candidato sabia trabalhar com a questão do foco narrativo na análise do conto para reconhecer sentidos fundamentais para a interpretação do texto. Dentre esses sentidos foram destacados aspectos da voz e ponto de vista narrativos e o envolvimento do narrador com a história e as personagens.

Assim a banca comenta a escolha da alternativa "c" como correta:

A maneira como o narrador comenta as características atribuídas às personagens muitas vezes contrasta com as falas e as ações realizadas por elas, o que acaba por caracterizar um modo irônico de apresentação. Isso pode ser comprovado por várias passagens do conto. Diz-se de dona Inácia que fazia caridade ao acolher a órfã Negrinha, mas o que se vê, pelo tratamento dado a ela, é que dona Inácia a conserva viva para satisfazer os seus prazeres mais sádicos, em sessões de tortura, como na cena do ovo cozido. O final do conto é também bastante representativo de uma posição irônica. Diz-se que as impressões deixadas por Negrinha depois de morta eram a de comicidade e de saudade, mas as falas tanto das sobrinhas quanto da dona Inácia denotam a chacota, por parte das sobrinhas, e o sadismo, por parte de dona Inácia. A alternativa a deve ser considerada errada pois a narrativa não adota a perspectiva da personagem dona Inácia; antes, trata-se de uma narrativa construída em terceira pessoa, que perpassa as várias perspectivas. É conduzida por um narrador onisciente, que ora se aproxima, ora se distancia da visão das personagens, o que permite que as enxerguemos sob vários prismas, seja por meio de seus pensamentos interiores, seja pelo julgamento coletivo e social de que elas são alvo. (UNICAMP, 1ª fase, 2016)

Observamos na justificativa da resposta, assim como na análise do conto realizada por esta pesquisa, que o contraste entre as falas e ações das personagens é evidenciado através da apresentação dos fatos feita pelo narrador. Alguns posicionamentos irônicos por parte do narrador são defendidos pelos elaboradores com argumentos similares aos apresentados nesta pesquisa, com o importante acréscimo do tom de chacota das sobrinhas e do sadismo de Dona Inácia diante da morte da Negrinha, da definição do narrador como onisciente e dos vários prismas que o distanciamento e aproximação do narrador com relação à visão das personagens pode oferecer.

Apesar da questão ter sido considerada difícil pela banca, a maioria dos candidatos, 39,71%, assinalou a alternativa "c" como correta, já 33,26% dos participantes da prova escolheram a alternativa "b". Embora os números sejam muito próximos, os elaboradores

da questão consideraram que os candidatos tiveram uma boa compreensão com relação ao aspecto contemplado pela alternativa "c": a perspectiva narrativa.

O tema da pergunta foi bem significativo para se quebrar o paradigma de que o conto é racista como alguns insistem em defender. A utilização desse conto juntamente com outros textos de Jorge Lima e de canções de rap mostram uma tendência do vestibular daquela universidade em discutir questões de preconceito e racismo, em consonância com o atual debate de ideias acerca desses temas.

Para que se possa realmente disseminar uma leitura crítica de qualquer texto, é preciso que ele seja lido com atenção. Tanto seus aspectos linguísticos ou literários quanto históricos precisam ser levados em consideração pelo leitor. A compreensão da estrutura do texto e de suas entrelinhas pode levar a uma leitura que faça com que quem está lendo tenha uma visão ampla do conto.

Para que isso realmente aconteça, urge que os docentes das escolas brasileiras incentivem a leitura autônoma nas salas de aula do país. É preciso que a interpretação de texto seja protagonista no processo de ensino-aprendizagem para que a leitura crítica seja despertada em nossos estudantes. Essa é a maneira mais eficiente de evitarmos equívocos como a tentativa de censura que o conto "Negrinha" vem sofrendo desde 2012.

3. RECEPÇÃO DE "NEGRINHA": DOS TRIBUNAIS À ACADEMIA

3.1 Raça, racismo e querelas judiciais

Para esse estudo, talvez seja pertinente definir o que é raça, preconceito racial e racismo. A origem do termo “raça” é um tanto quanto incerta. Sua genealogia pode ter relação com a palavra italiana *razza*, que significa linhagem ou criação, ou também com a expressão latina “*radix*”, que significa raiz. Para George W. Stocking Jr. (1968 apud SCHWARCZ, 1993, p. 700), “raça” é um termo introduzido na literatura mais especializada apenas no século XIX: “Com efeito, o termo raça é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por George Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre vários grupos humanos”.

Como há vários conceitos das diversas áreas de conhecimento para definir o termo, uma definição unívoca torna-se cada vez mais difícil. Para tanto, tomaremos inicialmente como conceito para este trabalho o apresentado por Nicholas Wade, portanto, uma definição do campo das Ciências Biológicas. Wade (2016, p. 126) defende que existem raças de seres humanos e ele afirma que “raças não são entidades distintas, mas aglomerados de indivíduos com variação genética similar”. Além disso, também advoga que essas variações vão muito além da cor da pele, elas estão relacionadas diretamente com o genoma dos indivíduos.

Para Lilia Schwarcz o termo raça não possui um significado permanente:

O termo *raça*, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico que tanto investiu em modelos biológicos de análise. (SCHWARCZ, 1993, p. 17)

A historiadora também enfatiza as dificuldades de se definir o termo, uma vez que o próprio momento histórico e a sociedade mudam, fazendo com que a visão sobre o que é raça seja modificada constantemente.

Já para o historiador Francisco Bethencourt (2018, p. 24), a ideia de dividir os grupos de seres humanos em subespécies, procedimento conhecido como Teoria das Raças, antecede o racismo. Isso mostra que essa divisão, no momento de sua criação, não teve o intuito de apontar raças melhores ou menos desenvolvidas, mas que isso foi

uma ferramenta útil para criar e justificar a discriminação e segregação desenvolvidas na Europa dos séculos XVIII e XIX.

Para podermos definir racismo, lançaremos mão da definição do termo apresentada pelo projeto de lei 1.661/83, elaborado por Abdias do Nascimento, aprovado sem alterações no texto e que dispõe:

PL nº 1.661/83. Compreende-se por 'discriminar em razão de cor, raça ou etnia' a prática de quaisquer atos ou omissões que, de maneira explícita, dissimulada ou empírica, dispensem tratamento diferenciado, ofendendo-as ou causando-lhes prejuízos materiais ou morais, a pessoas pertencentes a grupos humanos historicamente sujeitos à identificação segundo critérios raciais, étnicos ou de cor epidérmica. (BRASIL, 1983).

De acordo com Nascimento, qualquer ato ou omissão que possa ser entendido como tratamento diferenciado a alguém por conta de sua raça, seja ela qual for, pode ser entendido como racismo. Ressaltamos que essa é uma definição recente, de 1983, assim como a apresentada por Bethencourt (2018, p. 31), que afirma que preconceito racial não necessariamente se caracteriza como racismo: "Permanece ainda a questão de que o preconceito associado à ascendência étnica, não identifica cabalmente o racismo, que exige a presença de ações discriminatórias".

Para o historiador, uma pessoa pode ter preconceito racial, seja ele contra os negros ou outra raça, mas não praticar ações que discriminem esse grupo étnico, alvo de seu preconceito. Para que o racismo aconteça, é necessário que uma pessoa receba tratamento diferenciado por razão de sua raça.

Monteiro Lobato apresenta em seus textos as mazelas da sociedade brasileira, a vida cotidiana do início do século XX. Alinhado às tendências do que se convencionou chamar de Pré-Modernismo, Lobato fez reflexões importantes sobre os mais diversos temas sociais, políticos e econômicos do período, como a questão envolvendo a exploração do petróleo e a situação do "caipira" e do negro no Brasil. Dentro desta perspectiva, vemos que o conto "Negrinha" é uma individuação do contexto histórico-cultural no qual foi escrito, portanto, não podemos deixar de levar em consideração o anacronismo hermenêutico presente no texto.

A obra de Monteiro Lobato, que, em 2019, por ocasião dos setenta anos da morte do autor, entrou para o domínio público, voltou a ser tema de discussão entre pesquisadores, professores e intelectuais brasileiros. Essa polêmica se dá, não somente

pelo fato de a obra agora ser de domínio público, mas também pelo suposto racismo de Lobato.

Desde 2010, o assunto veio à tona com intensidade, após a apresentação de uma denúncia feita por Antônio Gomes da Costa Neto através da Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República - SEPPIR/PR. A denúncia foi feita para que a Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal deixasse de utilizar livros, material didático ou qualquer outra forma de expressão que contivesse palavras que evidenciassem a prática do racismo cultural, institucional ou individual na Educação Básica e Superior do Distrito Federal, mais precisamente da obra **Caçadas de Pedrinho**, de Monteiro Lobato. O pesquisador baseia sua denúncia no fato de a personagem negra Tia Nastácia ser associada a animais, como o macaco. Ele afirma que este livro faz referência ao negro com estereótipos fortemente carregados de elementos racistas.

O demandante afirma também que há no livro escolhido para distribuição pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE informações sobre a adaptação do livro para a nova ortografia e que a onça, ameaçada de extinção na atualidade, ainda não era protegida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA, entretanto, não há menções ou notas explicativas a respeito de estereótipos raciais presentes na obra.

Essa denúncia teve como resposta o parecer CNE/CBE 15/2010, da relatora Nilma Lino Gomes. O parecer, além de explicitar o posicionamento do Conselho Nacional de Educação - CNE, apresenta o posicionamento da Coordenação Geral de Material Didático do MEC, que afirma que a escolha das obras é feita cuidadosamente por especialistas e que a leitura em sala de aula é mediada pelo professor, a quem classifica como leitor maduro, que é capaz de mostrar que trechos isolados não compõem uma obra. Foi defendido também que o docente não deixará de aproveitar a utilização da obra em sala de aula para discutir com os alunos a realidade que o livro busca representar.

A relatora do parecer do CNE afirma que as instituições escolares públicas e particulares de todo o país já possuíam orientações e diretrizes curriculares necessárias para a implementação de uma educação adequada às relações étnico-raciais. A escolha da obra **Caçadas de Pedrinho** para fazer parte do PNBE procura colocar estudantes e professores em contato com obras clássicas da literatura infantil e sua adoção seria

coerente com os critérios de avaliação utilizados na escolha das obras a integrarem o PNBE.

Apesar disso, a relatora afirma que as ponderações feitas pelo demandante devem ser consideradas, porque não se referem a trechos isolados do texto, fazendo parte da análise do contexto histórico e social da obra, do autor e das representações negativas do negro presentes em várias publicações de Lobato.

Ela ainda esclarece que, caso obras adotadas pelo PNBE contenham preconceitos ou estereótipos, a Editora deverá inserir na apresentação do livro uma nota explicativa que referencie estudos atuais que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura. Tal nota não se encontrava na edição de **Caçadas de Pedrinho** integrante do PNBE, 9ª edição e a relatora afirma que essa inserção deverá ser feita em todas as obras do Programa que contenham preconceitos ou estereótipos raciais.

Além disso, o texto explicita a necessidade de que sejam oferecidas capacitações aos professores para que eles possam, em sala de aula, trabalhar a obra com os alunos sem estimular o racismo.

O parecer CNE/CBE 15/2010 gerou muita polêmica na imprensa, redes sociais e entre especialistas de diversas áreas, por isso foi reexaminado pelo parecer CNE/CEB 06/2011, elaborado pela mesma relatora. Ela procurou ressaltar nesse novo parecer que não houve veto à obra, pois muitos haviam interpretado erroneamente o teor do texto por ela redigido.

O novo parecer reafirmou a necessidade de haver formações docentes através de políticas públicas e poder público do Distrito Federal, para que os professores fossem capazes de lidar com os processos históricos que geram o racismo no Brasil. A relatora afirma ainda que é obrigação da política educacional coibir a veiculação de ideias que induzam ao preconceito e à discriminação raciais. Novamente foi reforçada a necessidade de serem inseridas nos livros notas a respeito dos estudos raciais e críticos recentes sobre estereótipos raciais na literatura.

O caso chegou ao Supremo Tribunal Federal - STF porque a solicitação feita por Costa Neto para que fosse interrompida a distribuição da obra pelo PNBE não foi acatada pelo CNE. O demandante, após a não aceitação de seu pedido, impetrou o Mandado de Segurança MS30952 na Controladoria Geral da União, solicitando a anulação do parecer

emitido pelo CNE. O então Ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Fux julgou inviável a solicitação, pois, em seu entendimento, o STF não tem competência para julgar o mandado contra o Ministro da Educação, que homologou o parecer do CNE. Mesmo através da mediação do Ministro Fux em audiência no STF, não houve consenso entre as partes envolvidas com relação ao tema.

Após divulgação do segundo parecer e da decisão do Supremo Tribunal Federal, a polêmica acerca do suposto racismo do autor não foi aplacada. Pelo contrário, surgiram muitos pesquisadores que se posicionaram contrária e favoravelmente às ideias defendidas pelo demandante e ao parecer emitido pelo CNE.

Essa não foi a única tentativa empreendida por Antonio Gomes da Costa Neto de tentar retirar Lobato do PNBE. Em 2012, através da representação endereçada ao Ministro da Controladoria Geral da União, Antonio Gomes da Costa Neto, Elzimar Maria Domingues, Humberto Adami Santos Júnior solicitaram a cessação da compra do livro de contos **Negrinha** para o programa PNBE. Sua argumentação para tal é que há passagens racistas no texto. A mesma utilizada em sua denúncia feita à Ouvidoria do SEPPIR citada anteriormente.

Na representação sobre o conto “Negrinha”, os requerentes afirmam que o texto não está de acordo com o Edital do PNBE 2009, nos quesitos “qualidade do texto”, “adequação temática” e “projeto gráfico”.

No Anexo II do Edital, em relação à qualidade do texto, define-se que: “Para todas as categorias, os textos deverão ser eticamente adequados, evitando-se preconceitos, moralismos, estereótipos”.

Já em 1.2, “Adequação temática”, é definido que: “Não serão selecionadas obras que apresentem didatismos, moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem”.

Quanto às exigências referentes ao projeto gráfico das obras que fazem parte do PNBE, o Edital, em 1.3, esclarece:

A biografia do(s) autor(es) deverá ser apresentada de forma a enriquecer o projeto gráfico-editorial. Ela deve promover a contextualização do autor e da obra no universo literário. Igualmente, outras informações devem ter por objetivo a ampliação das possibilidades de leitura, em uma linguagem adequada aos jovens, e com informações relevantes e consistentes. (BRASIL, 2009, p. 13)

Os requerentes afirmam em sua representação que o livro selecionado pelo PNBE:

O Edital do PNBE de 2009, em relação a **biografia** do autor define como obrigatórias **a contextualização do autor, outras informações de ampliação de possibilidades de leitura, além de relevantes e consistentes.**

Nessa parte, pela leitura da apresentação, ressalte-se que se torna obrigatório que o uso do livro tenha como imperativo uma leitura pelo viés da desconstrução do racismo na forma definida pela Constituição Federal, pelo Estatuto 6 da Igualdade Racial e na LDB. (COSTA NETO, DOMINGUES E SANTOS JUNIOR, 2012, p. 5)

Depreendemos desta passagem que os requerentes acreditam que deve haver, na introdução da obra, um alerta sobre a presença de suposto racismo presente na narrativa. Eles afirmam que o texto contém palavras e expressões racistas com relação a Negrinha e de exaltação com relação às personagens brancas: Dona Inácia e as sobrinhas.

Além disso, também é defendido que o edital veda esse tipo de obra com supostos conteúdos preconceituosos, considerado-a como racista pelos impetrantes e que o livro não deve ser adquirido com recursos públicos. Entretanto, se considerarmos o conto como uma denúncia do racismo praticado na época, como defendido anteriormente por esta pesquisa, esse argumento perde sua força, uma vez que ele chamaria a atenção dos leitores contra o preconceito racial.

Acreditamos que a afirmação dos requerentes de que o texto é racista por conta da caracterização dessas personagens se deve ao fato de o conto ter sido analisado como “documento”, não como um texto literário, o que levaria a uma leitura superficial da narrativa, sem levar em consideração aspectos literários importantes, como a ironia presente na obra.

Essa leitura “documental” do texto fez com que os autores da representação se posicionassem contra a apresentação feita por Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta da obra “Negrinha” selecionada para o PNBE, de 2009, 2ª edição, na qual afirmam:

Trata-se, portanto, de um conto que põe por terra a ideia de um Monteiro Lobato racista. Aqui, ao contrário, ele denuncia de forma categórica um regime desumano que continuava na mentalidade e nos hábitos do senhorio décadas após a abolição. (LOBATO, 2009, p.12)

A afirmação dos requerentes é que os dois autores não inseriram na apresentação o pensamento racial do autor, visando desconstruir o suposto racismo presente na obra. Camargos e Sacchetta afirmam que o texto contém denúncia feita por Lobato do

tratamento violento dos ex-senhores de escravos após a abolição da escravidão, o que contraria a ideia defendida na representação segundo a qual o autor seria racista. Eles argumentam ser extremamente importante discutir o racismo na escola, por isso, o conto seria imprescindível para a discussão deste tema. O posicionamento de Carmagos e Saccheta é coerente com uma leitura crítica do conto, que leva em consideração aspectos literários importantes, como a ironia, e é partilhado por esta pesquisa.

Em consonância com a defesa do não racismo do autor feita por Camargos, Saccheta e por esta pesquisa, Milena Ribeiro Martins argumenta:

O conto não é prova do racismo do narrador, nem tampouco do escritor. A enunciação da tortura física como fonte de prazer incomoda porque desloca o leitor comum de seu lugar social, de sua eventual postura moral e o torna, enquanto lê alguns parágrafos do texto, um duplo da mulher criminosa. (MARTINS, 2014, p. 124)

O fato de os leitores da época do conto serem majoritariamente brancos e pertencentes à elite (o que os aproximaria da personagem branca criticada no texto como já enunciado anteriormente), mostra a tentativa de Lobato de denunciar os maus tratos apresentados no conto, o que também contraria a defesa feita pelos requerentes.

Ainda na representação, é defendido que o texto ressalta os maus tratos infligidos aos negros durante e após o período de escravidão no Brasil, destacando trechos do conto em que essa violência se manifesta. Também é citado que as sobrinhas de Dona Inácia são descritas de maneira “positiva”, o oposto do que ocorre na descrição de Negrinha. Elas são descritas como “lindas meninas louras”, porém, acreditamos ser importante citar a descrição completa das meninas e de sua chegada à casa:

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade dos cachorrinhos novos. (LOBATO, 2008, p. 22)

Observe-se que a passagem toda explicita mais uma vez o recurso à ironia por parte do narrador, pois as meninas são descritas como “anjos do céu”, bem criadas e felizes, o oposto de Negrinha. Essa oposição fica evidente desde a chegada das meninas até sua partida, o que encontra seu ápice no momento em que as três brincam. O narrador utiliza a expressão “criadas em ninho de plumas” para mostrar a boa vida das

meninas em contraste com a de Negrinha, que vivia em um canto da cozinha. Mesmo que a menina nunca tenha brincado antes e apesar da diferença entre as três, elas se tornam igualmente crianças quando brincam, tendo desaparecido todas as diferenças sociais delas apenas neste momento.

Podemos depreender desta passagem exatamente o contrário do que afirma a representação baseada em apenas algumas palavras de uma longa descrição: que não se trata de uma exaltação das meninas brancas e depreciação da negra (evidenciando preconceito racial de Lobato), mas, sim, uma intensificação do tom de ironia e denúncia do texto, que apresenta o contexto histórico e social da época. Podemos encontrar nessa mesma passagem a fina ironia do narrador destilada com relação a Dona Inácia: “Santa Inácia”. Ressalte-se que se trata de uma personagem branca e também rica, como as meninas, mas que é tratada pelo narrador como um ser desprezível durante todo o texto.

Outro argumento utilizado na representação para provar o suposto racismo do conto é baseado apenas em parte de uma fala do narrador:

Para não pairar dúvidas, o seguinte trecho reforça o pensamento racial do conto:

[...] essa **incidência de negro igual a branco é qualquer coisinha**: a polícia! (fl.21)

Por outro lado, também demonstra o **sexismo e a discriminação racial** destinada a mulher negra quando afirma:

“qualquer coisinha”: **uma mucama assada ao forno** porque se **engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: Como é ruim a Sinhá**. (COSTA NETO, DOMINGUES E SANTOS JUNIOR, 2012, p. 12-13)

Os redatores da representação novamente afirmam que Lobato reforça seu pensamento racial através apenas de partes isoladas do texto, que não levam em consideração o contexto da cena descrita e a ironia, elemento típico do texto literário. O trecho completo evidencia justamente o contrário do que foi defendido pelos requerentes:

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor, uma novena de relho porque disse: “Como é ruim a sinhá!” (LOBATO, 2008, p. 21)

Como já citado anteriormente, neste trecho, a ironia está presente já no início do parágrafo para aumentar a contradição do narrador frente aos fatos apresentados: “A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças”. Não é possível alguém ser excelente e, ao mesmo tempo, maltratar crianças e violentar escravos.

Essa é uma evidente ironia do narrador desenvolvida no restante do parágrafo: a palavra “coisinha”, que no texto original aparece propositalmente entre aspas para marcar a ironia do texto, está se referindo a grandes violências, como infligir a uma mulher a surra de chicote por nove dias (novena de relho) ou assá-la em um forno. Observa-se também que o uso linguístico do diminutivo é um dos meios mais recorrentes em língua portuguesa de se fazer ironia.

Ao analisar essa passagem, os requerentes não levaram em consideração a ironia do narrador, levantando inclusive a hipótese de sexismo de Lobato, o que parece equivocado, uma vez que o texto narra fatos que aconteciam com frequência e não um ato totalmente ficcional. A sociedade da época desconhecia o sexismo, difundido apenas nos dias atuais. Por este motivo, não podemos acusar o autor de sexismo uma vez que esse conceito era totalmente desconhecido no início do Século XX. Segundo Mirian Hisae Yagaeshi Zappone, a literatura é um fato social e entendemos que, por isso, essa crítica à obra de Lobato feita por Costa Neto deve ser encarada com ressalvas:

Compreendia como produção humana, a literatura erige-se ou constrói-se a partir de suas relações com o social. Ela é, portanto, um fato social, já que produzida dentro de um grande processo de relações entre instâncias, instituições e indivíduos. Como fato social, demarcada por certas injunções, a literatura deixa de ser apenas fruto de um gênio, fenômeno artístico, para ser compreendida dentro de uma perspectiva mais sociológica, em que a crítica literária configura apenas como um dentre os tantos elementos que corroboram para a consagração de um autor ou de um texto. (ZAPPONE, 2006, p. 237).

Sob essa perspectiva, não podemos deixar de analisar a obra lobatiana sem levar em conta o contexto social no qual foi produzida para que não incorramos no equívoco de analisá-la com valores de outra época, como os atuais que se apresentam tão diferentes do encontrado na década de 1920.

A crítica final à apresentação feita por Camargos e Sacchetta está baseada no fato de que a obra, segundo definição dos requerentes, é racista e sexista e que os

profissionais da educação devem, obrigatoriamente, trabalhar o conto em sala de aula através deste viés, como se o posicionamento de Camargos e Sacchetta tivesse sido superado. Outro problema que se coloca é a redução do conto a uma única perspectiva crítica, como se o conto só se prestasse a este viés analítico, algo que sabemos redutível e empobrecedor de uma obra que se quer plural. Por outro lado, este reducionismo reforça a já referida intenção dos requerentes de conceber uma obra de arte plural como se fosse apenas um documento histórico. Para arrematar, torna-se importante trazer à tona aqui uma passagem de *Aula*, de Roland Barthes, na qual o crítico contesta justamente este *reductio ad absurdum* do fato literário:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como **Robinson Crusoé**, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (...) A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...). A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (BARTHES, 1979, p. 18-19).

Na visão de Barthes, a literatura recupera diferentes referências históricas, sociais e até científicas, não podendo ser reduzida a apenas uma interpretação possível. A riqueza do texto literário está justamente na quantidade de informações que pode fornecer e não sendo possível fixar leituras ou interpretações. O texto literário serve a vários fins por conter em si diversas ciências e limitá-lo como propõem os requerentes seria realmente uma grande perda.

A opinião dos pareceristas técnicos que avaliaram a obra também é colocada em xeque, uma vez que é solicitada uma diligência para que seus pareceres sejam disponibilizados e analisados, pois eles concordam com a análise feita por Camargos e Sacchetta na apresentação do livro. Essa solicitação se baseia na opinião dos requerentes, que afirmam que os pareceres estão equivocados:

O pleito se faz necessário, uma vez que como bem salientou o Desembargador Pereira Júnior e Dotti (201235, fl. 79) que o “parecer técnico veicula opinião fundamentada sobre determinado assunto e deve ser emitido por especialista”, sujeitando-se seus autores a responsabilidade em face da contratação acertada ou equivocada. Assim, a eliminação de qualquer ressalva relativos (sic) a conceitos a questão étnico-racial, em especial, em relação a criança, mulher e negra, dever-se-ia encontrar-se no laudo do parecerista. (COSTA NETO, DOMINGUES E SANTOS JUNIOR, 2012, p. 19-20)

Baseados em autores que definem o que é racismo e sexismo, mas que não fazem nenhuma menção a Lobato e sem argumentos contundentes que realmente possam ligar os autores citados à defesa do racismo e sexismo do autor diretamente, os requerentes afirmam que:

Portanto, diferentemente, do apontado pelos apresentadores da obra, aqui não “põe por terra a ideia de um Monteiro Lobato racista”, pelo contrário, demonstra que qualquer uso, tanto pelos profissionais da Educação como pelos estudantes, deverá observar o tema do **racismo e sexismo**. (COSTA NETO, DOMINGUES E SANTOS JUNIOR, 2012, p. 19)

Entendemos que o debate sobre o conto e seus supostos racismo e sexismo deve acontecer em todas as esferas da sociedade, para que a discussão sobre o tema possa suscitar o combate ao preconceito em nosso país, mas isso não deveria acontecer de forma impositiva como propõem os requerentes.

A representação alerta ainda para a necessidade de capacitação dos docentes brasileiros para lidar com o racismo e sexismo da obra. Entendemos ser importante os professores receberem formação para lidar com esses e outros temas em sala de aula, não necessariamente utilizando essa obra, pois não há evidências suficientes e consenso de que ela seja racista e sexista.

Os requerentes afirmam:

Nesse ponto, como se observa do Parecer n. 06/2011, do Conselho Nacional de Educação, quando não determinou medidas efetivas de cumprimento da Educação antirracista, pelo contrário, aprovou qualquer aquisição de obras “didáticas” ou “literárias” sem qualquer ressalva, remeteu ao Profissional da Educação (atividade meio e fim) a sua própria sorte. (COSTA NETO, DOMINGUES E SANTOS JUNIOR, 2012, p. 26)

O parecer citado elaborado pela Relatora Nilma Lino Gomes, criticado pelos requerentes, afirma:

É responsabilidade dos sistemas de ensino e das escolas identificar a incidência de estereótipos e preconceitos garantindo aos estudantes e à (sic) comunidade uma leitura crítica destes de modo a se contrapor ao impacto do racismo na educação escolar. É também dever do poder público garantir o direito à informação sobre os contextos históricos, políticos e ideológicos de produção das obras literárias utilizadas nas escolas, por meio da contextualização crítica destas e de seus autores. (CNE/CBE 06/2011, p. 8)

A incipiência da formação docente a respeito de temas que passaram a ser discutidos recentemente é conhecida pelos profissionais da Educação no Brasil, porém, seria ingenuidade acreditar que o docente não tem nenhum preparo para ler uma obra literária, seja ela qual for, e preparar uma aula a seu respeito.

Gomes ainda relata que vetar a compra e distribuição da obra pelo PNBE fere a liberdade de expressão: “Uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística.” A relatora chama a atenção para a qualidade ficcional e literária da obra de Lobato, citando **Caçadas de Pedrinho** e outros textos do autor, o que justifica sua posição de não defender o veto à obra:

Reconhecendo a qualidade ficcional da obra de Monteiro Lobato, em especial, no livro **Caçadas de Pedrinho** e em outros similares, bem como o seu valor literário, é necessário considerar que somos sujeitos da nossa própria época e responsáveis pelos desdobramentos e efeitos das opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias assumidas no contexto em que vivemos. Nesse sentido, a literatura, em sintonia com o mundo, não está fora dos conflitos, das hierarquias de poder e das tensões sociais e raciais nas quais o trato à diversidade se realiza. (CNE/CEB 06/2011, p. 8)

A afirmação de que somos sujeitos de nossa época e precisamos ter consciência de nossos posicionamentos políticos e conflitos históricos é compartilhada por este trabalho. A literatura é um produto de nosso contexto histórico e social e, como tal, contém posicionamentos e conflitos próprios da época em que foi produzida. Seria ingenuidade acreditar que os leitores não seriam capazes de ler e interpretar um texto sem a ajuda ou direcionamento de notas explicativas ou de professores que indiquem qual tipo de leitura eles devem fazer da obra. As possibilidades de leitura de um texto são inúmeras e limitá-las seria um cerceamento da liberdade do leitor.

Para reforçar a importância da leitura dos textos de Lobato em sala de aula pela sua qualidade ficcional, Marisa Philbert Lajolo, em entrevista à revista **Nova Escola**, afirma:

Faz parte do papel da escola familiarizar os alunos com um conjunto de textos que se acredita que são importantes para a formação da criança como pessoa humana, justa, decente, generosa, como cidadão crítico, participante, e eu acho que Lobato talvez seja o primeiro grande autor brasileiro que se tem nesse sentido, apresentando uma obra admirável sob todos os pontos de vista” (LAJOLO, 2015, não paginado)

Assim como a relatora do parecer e a ideia defendida por esta pesquisa, Lajolo acredita que Lobato oferece aos leitores a possibilidade de uma leitura crítica, algo que é tão valorizado em nossa sociedade atual. Negar aos estudantes a possibilidade de entrar em contato com um texto que favorece o debate e a criticidade seria um retrocesso.

Após essa tentativa de proibição da obra "Negrinha" nas escolas, muitos se manifestaram contra e a favor deste parecer, acendendo as discussões a respeito do suposto racismo na obra lobatiana, principalmente neste texto e no romance **O Presidente Negro**.

3.2 Diálogo com a fortuna crítica

Muitas foram as discussões e pesquisas desenvolvidas após acalorado debate a respeito do suposto racismo lobatiano. Em alguns trabalhos, observamos um ataque ao autor motivado por questões ideológicas e sem argumentos que definitivamente sustentem o ponto de vista adotado, como é o caso de Antonio Gomes da Costa Neto quando critica "Negrinha". Entretanto, há pesquisadores que defendem seus pontos de vista de maneira coerente e realista, alguns deles inclusive partidários da ideia de um Lobato racista.

Rafael Fúculo Porciúncula, em sua dissertação de mestrado intitulada **As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção**, afirma que o autor teria uma visão filosófica (segundo a qual negros e brancos podem ser equiparados) e outra biológica (segundo a qual permaneceriam distintos). Para ele, a ideia da inferioridade negra e superioridade branca seria um pensamento natural na obra e no discurso de Lobato, o que parece merecer um exame mais detido.

A visão do autor parece baseada em diversas leituras que Porciúncula fez dos livros **Caçadas de Pedrinho** e **O Presidente Negro** e em escritos não ficcionais do autor, não são necessariamente encontradas no conto "Negrinha", uma vez que, como se analisou

anteriormente, a principal personagem branca da história, Dona Inácia, é retratada de forma crítica e irônica por parte do narrador, não como superior a Negrinha.

Sua defesa se baseia na caracterização racial dos personagens e o exame das relações que eles mantêm entre si. São escolhidos para essa análise os personagens Tia Nastácia, Tio Barnabé, Dona Benta e seus netos. O pesquisador pretendeu, em sua pesquisa, verificar quais são as opiniões raciais do autor e se elas estão presentes em sua obra.

Através da análise da correspondência do autor, Porciúncula afirma que Lobato falava dos negros de maneira pejorativa, assim como menosprezava a religião africana, demonstrando sua inferioridade. O pesquisador também ressalta que a comparação entre brancos, considerados bonitos, principalmente os gregos, e negros, tidos como feios, é frequente em seus discursos.

O mulatismo seria “deteriorante do caráter”, segundo suas constatações. Para ele, Lobato deixa claro em suas cartas o quanto o Brasil é “degenerado” pela mestiçagem, chegando até a atribuir os defeitos físicos e o atraso brasileiro ao processo de mistura racial. O cabloco é descrito como “usurpador” da terra que, de maneira irresponsável, extrai tudo o que há nela e depois a deixa. A prática das queimadas por ele praticada é tida como atrasada, assim como a construção rudimentar de sua casa. O pesquisador afirma que a comparação do cabloco com animais, como o cachorro, pelo fato de ele ser rejeitado pelos demais, é reflexo do menosprezo de Lobato. Para ele, esse cenário desumaniza o cabloco, rebaixando-o em relação a outros indivíduos da sociedade.

Apesar desse cenário da criação do personagem Jeca Tatu em 1914, Porciúncula afirma que Monteiro Lobato mudou de ideia com relação ao cabloco, pois, na obra **Problema Vital**, escrita na década de 1920, o autor afirma que o cabloco não é assim, está assim. Essa afirmação de Lobato ocorre quando ele se engaja na campanha sanitária brasileira e afirma que a solução para o Brasil é investir na saúde e desenvolvimento da população rural.

A situação do cabloco descrita por Lobato era de fato considerada um problema para a sociedade e significava o atraso brasileiro, principalmente o do homem do campo. Essa situação encontrada à época e que gerou a crítica de Lobato infelizmente persistiu em nosso país, como afirmou o programa especial do Globo Repórter, apresentado em

1982, gravado na comemoração dos 100 anos de Lobato. O especial, que traz aspectos importantes da história do autor, como a luta pelo saneamento básico e fim do desmatamento, mostra a situação do cabloco brasileiro, evidenciando que ela continuava a mesma denunciada por Lobato. Queimadas, vida itinerante e casas feitas de pau a pique e cobertas de sapé, ainda eram evidências da vida do cabloco na região de Vale do Paraíba. As doenças e insetos que causavam tantos infortúnios ao caboclo da época de Lobato ainda se faziam presentes na região.

Lobato, através da figura do Jeca Tatu, seu primeiro grande personagem, procurou denunciar todo esse atraso, porém, observamos pela reportagem que muitos anos depois o problema continuava. Embora seu posicionamento inicial com relação ao cabloco tenha sido de total crítica quando criou Jeca Tatu, observamos que, anos mais tarde, Lobato muda de opinião com relação a ele defendendo que o cabloco "não é assim, está assim", demonstrando que ele é uma vítima da sociedade que marginaliza o campo.

Para Brookshaw (1983, p. 70), Lobato criou o personagem Jeca Tatu em resposta ao poético e irreal neo-índio imaginado por escritores como Afonso Arinos. Para o pesquisador, Lobato acreditava que o caboclo representado por Jeca Tatu era um parasita da terra e, por seu posicionamento contrário à ideologia cultural dominante, o autor foi precursor dos Modernistas dos anos 20, embora tivesse sido um dos últimos escritores a aderir ao Movimento.

Para Porciúncula, o livro de contos **Negrinha** é totalmente marcado pela questão racial, inclusive em seu título. Ele afirma que a própria descrição de Negrinha privilegia aspectos raciais e essa referência à menina continuará forte em todo o conto. Observamos através desse ponto de vista que toda a construção da personagem feita pelo narrador para contrastar com os personagens brancos e enfatizar a denúncia da situação precária da menina foi ignorada.

O pesquisador afirma que nenhum personagem se refere a ela como Negrinha, apenas o narrador, e indica que a menina se apresenta como Negrinha uma vez, o que, em sua visão acertada, demonstra que ela tinha sua identidade já formada em sua posição dentro da casa da patroa que tanto a discriminara. Para ele, o narrador se compadece da menina no início do conto, ao chamá-la de "pobre órfã". Essa compaixão do narrador está expressa nesse momento, porém, na cena de sua morte, diante da

sentimentalidade que coloca em sua narração, também, podemos observar que ele se compadece diante de sua situação. O fato de o conto ter sido escrito também pode indicar que esse compadecimento de fato aconteceu, já que o tema não era recorrente na literatura brasileira de então.

Porciúncula ainda afirma que o narrador se refere a Dona Inácia de maneira irônica, principalmente quando se refere a suas crenças religiosas. Sua suposta superioridade branca também é ressaltada com ironia pelo narrador, o que deixa claro que a abolição não a modificou.

Para o pesquisador, Dona Inácia considerava um absurdo a intervenção policial em casos de maus tratos a negros, pois, para ela, era natural que o branco fosse superior ao negro e que tivesse direito de maltratá-lo como bem entendesse. A personagem, de acordo com a interpretação de Porciúncula, somente foi mulher pela primeira vez na vida, quando permitiu que Negrinha brincasse com suas sobrinhas. Nesse momento, ela teria se apiedado da menina.

Para Porciúncula, a menina tomou consciência de sua inferioridade justamente ao brincar com as sobrinhas de Dona Inácia. Durante a brincadeira, ela se sentiu criança e não conseguiu voltar à sua situação de inferioridade quando as sobrinhas da dona da casa se foram.

Não parece procedente a afirmação do pesquisador (2014, p. 118) de que o narrador, ao afirmar que ninguém morreu com maior beleza que Negrinha, “acaba por demonstrar condescendência com a criação de Negrinha de uma imagem angelical fundamentalmente branca”. Pode-se observar que o narrador não endossa nessa cena o que seria a afirmação da superioridade branca por afirmar que a menina, em seu delírio de morte, vê anjos que parecem com as sobrinhas de Dona Inácia e uma boneca linda e loura. Podemos identificar neste trecho que a imagem da brincadeira com as meninas ficou fixamente gravada na memória da personagem e ela associou o bom momento a um ideal de beleza. Isso pode ter ocorrido também pelo fato de a menina não conviver com outros negros que pudessem substituir o papel das meninas brancas em seu imaginário.

A tomada de consciência de Negrinha a respeito de sua condição está ligada ao momento da brincadeira com a boneca e com as sobrinhas e esse devaneio remete

justamente a esse momento. A imagem angelical foi construída tendo como referência as meninas brancas e a boneca loura, principalmente para deixar claro o contraste entre as personagens. Porém, isso não é suficiente para que possamos afirmar que o narrador é condescendente com a criação de Negrinha, uma vez que o texto não fornece elementos concretos para suportar tal afirmação.

O pesquisador faz diversas considerações a respeito da suposta eugenia defendida por Lobato e da defesa da Ku-Klux-Klan, porém, como não é foco desta pesquisa tratar das convicções pessoais do autor, apenas do que foi deixado em seus textos e do que sua obra representa nas escolas brasileiras, não aprofundaremos esta discussão de cunho pessoal.

A defesa de que o autor acredita que os negros são feios e que seu papel nas histórias lobatianas seria sempre subalterno e limitado a tarefas domésticas é feita com veemência pelo pesquisador, utilizando-se de textos diferentes para justificar seu ponto de vista. Entretanto, a importante questão a respeito do contexto histórico social dos negros na época não é levada em consideração por Porciúncula. A representação do negro na obra de Lobato é analisada pelo viés moderno, ou seja, através de um prisma que tem sua base na recente luta do movimento negro para ser reconhecido e valorizado pela sociedade atual, luta essa de grande importância na atualidade, mas que não fazia parte da vida brasileira do início do século XX.

Porciúncula conclui sua pesquisa afirmando que a defesa da obra de Lobato foi feita por pessoas de diversos campos de atuação, não apenas literário, e que a importância dada aos personagens brancos e negros nas histórias se equiparam, principalmente através das figuras de Tia Nastácia e Dona Benta. Em alguns momentos em que o negro é tratado de forma depreciativa, os defensores de Lobato alegam que é preciso considerar o contexto histórico da obra para que a interpretação de seus textos não seja deslocada e guiada por valores contemporâneos. O pesquisador ainda conclui que a ideia de Lobato a respeito da superioridade branca e inferioridade negra permeia toda sua literatura.

A defesa de que as obras de Lobato não devem ser retiradas das escolas brasileiras e que a figura do mediador é essencial para a leitura de seus textos em sala de aula é apresentada por Adilson Miguel em seu artigo intitulado "Lobato e o racismo". Ele inicia

sua fala afirmando que atualmente no Brasil há uma polarização que empobrece muitas discussões, entre elas a questão do suposto racismo de Lobato.

O autor afirma que não há como negar que Lobato acreditava de fato na superioridade racial dos brancos. O pesquisador ainda reitera que a defesa de Lobato baseada no fato de que ele foi um filho de seu tempo é frágil e que quem o defende não deve ter lido as cartas pessoais. Reiteramos que há muitas interpretações possíveis para um mesmo texto e o fato de alguém não concordar com o ponto de vista de Miguel não quer dizer que a pessoa não tenha lido as cartas de Lobato, nem mesmo que esteja deliberadamente errado. Classificar a questão dessa maneira apenas polarizaria a discussão, exatamente como Adilson Miguel alerta no início de seu artigo.

Miguel questiona seus leitores acerca de polêmicas que não podem ser respondidas, apenas gerar reflexão:

Por que Nastácia é a única personagem designada pela cor da pele? Seria ela uma "pobre negra" apenas por ser negra? A expressão "boa negra" não poderia ser, na verdade, uma maneira muito sutil de dizer "boa apesar de negra"? (MIGUEL, 2013, não paginado)

Como resposta a essas indagações, Miguel afirma que a condição de inferioridade de Tia Nastácia em relação aos outros personagens pode ser lida como manifestação racista. O pesquisador afirma a possibilidade dessa leitura ocorrer, porém, estamos tratando de uma possibilidade diante das muitas leituras que se pode fazer dos textos lobatianos e, novamente, temos a figura do mediador como primordial para que questões raciais consideradas relevantes possam ser levantadas durante a leitura dos estudantes.

Outra afirmação importante que o autor faz é com relação à existência do chamado "racismo sutil" em nossa sociedade, aquele que se tornou "natural" por ser repetido por grande parte da sociedade. Essa manifestação de racismo, segundo ele presente nas obras de Lobato, poderia fazer com que a criança acreditasse que não há nenhum problema em reproduzi-las por serem "naturais". Entendemos que essa colocação pode ser possível, uma vez que acreditamos existir diversas leituras diferentes para o texto lobatiano, entretanto, é importante que o mediador da leitura indique a importância do respeito e necessidade de se combater o preconceito racial no Brasil, caso essa seja a leitura feita pelos estudantes. Miguel afirma que essa mediação é necessária, porém que ela não deveria ser impositiva, direcionando a leitura dos alunos, mas auxiliá-los a se

situar diante de referências e contextos que eles ainda ignoram. Uma colocação feita por Miguel que chama a atenção por sua coerência é:

Imaginemos um aluno negro lendo um livro em que a única personagem de sua cor é o tempo todo ridicularizada e chamada de "macaca" ou "negra beijuda". Como ela lida com isso? Não é possível que as outras crianças, como por brincadeira, o associem à personagem e achem natural dar-lhe o mesmo tratamento? Numa época em que tanto se fala de *bullying*, é no mínimo estranho não imaginar que leituras em que aparecem manifestações racistas possam incentivar essa prática. (MIGUEL, 2013, não paginado)

Diante das diversas possibilidades de leitura, entendemos a preocupação do pesquisador como relevante, porém, não podemos perder de vista que essa é uma possibilidade dentre outras possíveis. Em sala de aula, o professor pode identificar situações como essa e até mesmo, durante a leitura da obra, preveni-las, alertando os estudantes para a questão do *bullying* e da necessidade de cultivarmos o respeito ao próximo. Quando tratamos do conto "Negrinha", entendemos que, por conta da dramaticidade e da simpatia que o narrador desperta nos leitores para com a menina, essa possibilidade seja mais remota que, segundo a defesa de Miguel, a apresentada pelas obras do Sítio.

Bruna Santana de Sá Ferreira, ao analisar o suposto racismo de Lobato expresso no romance **O Presidente Negro**, afirma em sua dissertação "**O choque das raças: eugenia, literatura e imprensa em Monteiro Lobato**" que a obra é claramente eugenista.

Através da leitura do texto no jornal em que originalmente foi publicado, Ferreira (2016, p. 151) afirma que Lobato quis "evangelizar" as pessoas com suas ideias eugenistas: "O romance não foi obra do acaso, muito menos escrito sem propósitos, é, sobretudo, resultado das observações e anseios nacionalistas do literato eugenista". A pesquisadora defende que Lobato quer educar os leitores através da personagem Miss Jane, que procura "educar" a personagem Ayrton Lobo. Ela também ressalta que a leitura do romance no jornal é imprescindível para que essas constatações possam ser verificadas. Acreditamos que o fato de a obra ter sido escrita para ser lançada e agradar o mercado editorial dos Estados Unidos foi ignorado pela pesquisadora.

Para Ferreira, até mesmo a escolha do jornal **A Manhã** para publicação do romance foi proposital. Para esta afirmação, a pesquisadora se baseia em um estudo feito por

Maria Alice R. de Carvalho intitulado "Irineu Marinho: imprensa e cidade" sobre o jornal **A Noite**, de Irineu Marinho, não tendo nenhuma referência ao jornal **A manhã**. Neste estudo, Maria Alice afirma que a concentração de homens pobres e pouco escolarizados nas cidades justificaria a emergência de um novo tipo de jornal, com informações, crimes e esportes, como o **A Noite**, entretanto, ela não afirma que o jornal **A manhã** esteja dentro dessa nova imprensa.

Para a pesquisadora, Ayrton Lobo é representante dos brasileiros:

Personagem principal e narrador, Ayrton Lobo é uma espécie de espelho de homens brasileiros. Ele personifica a camada da população que não tinha acesso aos ensinamentos eugênicos, mas que era passível de doutrinação. Sabiamente, Lobato usa Ayrton Lobo para acolher os desinformados do debate racial, coloca em suas falas questionamentos que poderiam surgir de qualquer leitor leigo no assunto. Submete-o a um processo de iniciação aos saberes eugênicos e, logo, descreve um processo de educação. Quase adepto aos conhecimentos ali pregados, a personagem questiona e duvida inicialmente de algumas informações. Desta forma, Ayrton Lobo representa ser mais um representante da camada média pouco educada. (FERREIRA, 2016, p. 69)

A pesquisadora defende neste trecho que o autor escreveu esse romance por um "ato nacionalista" para moldar a sociedade brasileira, porém, o autor afirma explicitamente em diversos momentos, incluindo em suas cartas pessoais disponíveis em **A barca de Gleyre**, que esse livro foi escrito porque ele pretendia entrar no mercado editorial dos Estados Unidos e por saber do impacto que a questão iria causar naquela sociedade, não tendo feito referências ao Brasil.

Paula Arantes Botelho Briglia Habib apresentou em sua dissertação de mestrado "**Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação**" certa decepção ao dizer que constatou que Lobato, escritor que muito a encantou enquanto criança, seria, na verdade, um ser humano comum que não deveria ser endeusado. Ela afirma que o autor utilizou a literatura infantil para disseminar uma causa pouco inocente que, de acordo com seu ponto de vista, seria uma ciência comprometida com projetos políticos radicais e totalitários, como a eugenia. Para Habib, a personagem Emília é autorizada a apresentar ideias racistas e totalitárias, uma vez que ela é identificada como "torneirinha de asneiras". Podemos identificar nesse texto que a pesquisadora, enquanto leitora mirim, não identificou na obra lobatiana os ideais que, agora adulta, defende existir

nos textos infantis do autor, o que nos leva a crer que a criança, como diz Ceccantini, apreende do texto aquilo que realmente ela quer.

A pesquisadora afirma que Tia Nastácia se limita a ficar em um local de exclusão no sítio: a cozinha. O fato da personagem ser cozinheira é encarado por muitos como um menosprezo, porém ela é tratada com carinho pelos outros personagens e reconhecida como uma excelente quituteira, ou seja, ela não é encarada como inferior por ser cozinheira, nem a cozinha é retratada como um lugar de exclusão. Em **Histórias de Tia Nastácia**, Habib afirma que a cultura popular é menosprezada, uma vez que todos reclamam da qualidade das histórias contadas e, quando o repertório acaba, Dona Benta é que continua a contação com um repertório de histórias melhor para as crianças. Essa é justamente a questão que deve ser ressaltada: o que desagrada são as histórias que Tia Nastácia conta.

Habib ressalta ainda que Marisa Lajolo é uma das poucas especialistas que assume reconhecer e analisar o racismo na obra do autor. Ela afirma que as histórias de Tia Nastácia são um parênteses na vida do sítio, algo fora da rotina do local baseada na fala de Lajolo. Para ela, os momentos em que Dona Benta conta suas histórias e Tia Nastácia participa, são ocasiões em que a falta de capacidade de entender o que Dona Benta conta deixam Tia Nastácia em evidência negativamente.

Habib conclui que a obra de Lobato realmente é inventiva e possui a magia que tanto encanta as crianças, porém, afirma ser clara a intenção de catequizar aqueles que um dia iriam dirigir o Brasil e colocar em prática as ideias por ele supostamente defendidas em seus livros infantis. Novamente reforçamos a defesa de que essa suposta catequização não existiu, uma vez que a luta pelos direitos dos negros se intensificou no Brasil algumas décadas após a produção infantil de Lobato, o que nos mostra que a sociedade, aos poucos, até hoje, procura reverter o preconceito racial tão presente no início do século XX e não reforçá-lo.

Ivaneide Lemos Vasconcelos Silva, em sua pesquisa de mestrado intitulada **Negrinha, Caçadas de Pedrinho e cartas de Lobato: uma investigação do racismo sob a ótica da ACD**, procurou elucidar problemas que levam ao julgamento da obra de Lobato como racista e possibilitar o redirecionamento da leitura dos textos do autor. A afirmação de que compreender o contexto histórico da produção lobatiana é essencial

para a análise da sua obra se repete na argumentação da pesquisadora. Essa apresentação e análise do contexto histórico deve ser mediada pelo professor de maneira crítica, o que, de acordo com ela, infelizmente não ocorre.

Silva afirma que "Negrinha" e **Caçadas de Pedrinho** apresentam indícios racistas e que o debate sobre a obra deve vir justamente acompanhado de análise crítica das obras confrontando o contexto de produção da obra lobatiana e o atual.

Baseada na Análise Crítica do Discurso – ACN, a pesquisadora afirma que as obras por ela analisadas exaltam o povo branco e oprimem o povo negro. Tal afirmação não leva em consideração a ironia do narrador em relação à classe branca representada no conto. Ela afirma que Dona Inácia é apresentada como padrão estético de beleza, porém, quando o narrador, ao descrever a personagem como “gorda” (primeiro adjetivo a ela atribuído) e dizer que suas banhas viviam entaladas em seu trono (uma cadeira de balanço) não evidencia algo belo e, sim, a uma fina ironia a respeito do pecado da gula. Quando analisamos **Caçadas de Pedrinho**, não observamos a opressão do povo negro e a superioridade do branco. A relação entre Tia Nastácia e os personagens do sítio, principalmente Dona Benta, mostra que a cozinheira é tratada com carinho e respeito por todos, tendo papel crucial na vida do sítio. Tio Barnabé é um personagem menos ativo na vida do sítio que Tia Nastácia, porém, é igualmente respeitado pelos personagens do sítio. Não encontramos nas obras de Lobato uma ditadura branca baseada na exploração e inferiorização do negro, uma vez que eles são personagens importantes e que não sofrem maus tratos. A questão que podemos levantar como resultado do papel dos negros na sociedade da época retratada nas obras de Lobato é que eles não apresentavam escolaridade e, portanto, não possuíam trabalhos especializados.

Essa é uma realidade brasileira considerada à época como natural, ou seja, não suscitava debates sociais em defesa dos negros, algo bem diferente da discussão feita no Brasil no presente século. Ressaltamos ainda que, embora essa discussão se faça presente na atualidade, ainda temos um número incipiente de negros nas universidades brasileiras e, conseqüentemente, no mercado de trabalho, ocupando cargos que exijam alto grau de especialização, o que nos mostra que esse conflito ainda não está resolvido.

A descrição de Negrinha privilegiando adjetivos que ressaltem sua situação de miséria desperta no leitor compaixão e deixa clara qual era a situação dos negros à

época, segundo a pesquisadora. Com relação ao contraponto apresentado pelo narrador através da descrição das sobrinhas de Dona Inácia, Silva afirma que a descrição das meninas privilegia a classe branca, relacionando-a à riqueza, porém, a utilização de uma total oposição na descrição das meninas e de Negrinha ressalta ainda mais a desigualdade social e injustiças denunciadas pelo conto, não a supremacia branca defendida pela pesquisadora.

Ainda sobre a suposta defesa da supremacia branca, Silva afirma que a ideia da elite da época, ratificada pela então Constituição Brasileira, era estimular o cruzamento entre negros e brancos para embranquecer os negros e que “Negrinha” foi escrito neste contexto social, o que justificaria a solicitação de inserção de notas antirracistas no livro. Embora essa ideia de embranquecimento se fizesse presente à época da construção da obra, o texto não apresenta nenhum vestígio de estímulo à prática de embranquecimento de negros, o que não justificaria a solicitação de inserção de tal nota.

A pesquisadora ainda alega que, no conto, no sentido religioso, a apropriação de Deus é algo destinado somente aos brancos. Novamente, acreditamos ser essa uma interpretação não suportada pelo conto, uma vez que não há nenhuma referência direta aos negros não terem ligação e/ou acesso a Deus. Apenas o padre e Dona Inácia fazem referência à religião católica e a Deus, os demais personagens, assim como Negrinha e as sobrinhas, não expressam ligação com a religião ou fazem menção a Deus no conto.

Vemos em sua defesa que os adjetivos utilizados com ironia para se referir a Dona Inácia também foram interpretados por Silva como expressões positivas. A expressão “Santa Inácia” é tida pela pesquisadora como algo positivo, como se ela fosse tratada pela sociedade como santa, ignorando-se a ironia destilada pelo narrador no texto.

A leitura do conto apenas como documento, não levando em consideração recursos literários como a ironia e a escolha de adjetivos para dramatizar ou enfatizar situações faz com que a denúncia dos maus tratos feita no conto seja ignorada. Quando a pesquisadora se refere ao narrador lobatiano como representante da elite branca, ela indica sua ironia apenas no uso do verbo “mimosear”, afirmando que o narrador está desclassificando a menina, reduzindo-a a nada. A ironia do narrador ao escolher este verbo representa o contrário, que as pessoas é que reduzem a personagem a nada e o tratamento cruel destinado à menina é ironizado pelo narrador quando utiliza este verbo.

A reprovação do narrador das atitudes de Dona Inácia e do reverendo também são ignoradas pela defesa feita por Silva.

Ao analisar o desfecho da narrativa, a morte de Negrinha, Silva afirma que essa passagem é clara ideologia de desprezo pelos negros. Entretanto, nesse episódio, o narrador buscou dar ênfase à miséria da menina para dar mais dramaticidade ao texto e emocionar o leitor. Não se trata de menosprezar os negros, mas, sim, enfatizar o fato de que a menina teve uma vida miserável e sua morte não poderia ser diferente. Apesar desta dramática cena, o narrador expõe que ninguém se compadeceu de Negrinha quando morreu, o que evidencia mais uma vez o péssimo tratamento dispensado pelos brancos aos negros, fato que foi ressaltado com maestria pelo narrador do conto.

Silva concluiu que, pelo fato de Monteiro Lobato ter vivido no início do século XX e ser filho de seu tempo, é necessário que suas obras sejam estudadas nas escolas com notas em suas páginas sobre Educação e Direitos Humanos. A pesquisadora afirma que as obras do autor têm valor inegável, porém, em suas histórias, Lobato prega a superioridade branca e desvaloriza a figura do negro. Ela ressalta que a análise feita por sua pesquisa pode oferecer elementos para novas reflexões sobre as duas obras que analisa: “Negrinha” e **Caçadas de Pedrinho**. Estas reflexões podem proporcionar a discussão sobre as relações raciais dos brasileiros, uma vez que todas as opiniões e leituras de um texto devem ser devidamente analisadas e respeitadas, sempre levando em consideração o texto que originou tais análises e discussões, como neste caso o conto “Negrinha”.

Entre os pesquisadores que apresentam um contraponto à ideia de um Lobato racista, destaca-se Isabel Endres Gomes que, através de seus estudos lexicais apresentados na dissertação **Léxico e denúncia social: uma abordagem do conto "Negrinha" em aulas de língua portuguesa**, verificou que seus alunos percebem na ironia do texto a denúncia feita por Lobato a partir da análise da linguagem utilizada no texto. As conclusões a que chegou Isabel são similares às apresentadas na presente pesquisa, entretanto, é importante ressaltar que seus estudos se basearam em questões lexicais, enquanto esta pesquisa se atém a questões críticas e interpretativas do conto feitas pelos participantes.

A ironia do narrador foi facilmente identificada pelos estudantes da 9ª série de uma escola pública de Mauá, que estudaram o conto profundamente em uma sequência de atividades aplicadas em suas aulas de língua portuguesa. Através do léxico do texto, os alunos estudaram os personagens e seus comportamentos dentro de um contexto histórico-social. Através desta análise, foi evidenciado que Lobato se valeu de escolhas lexicais para demonstrar a permanência da ideologia do regime escravocrata na sociedade da época.

A conclusão da pesquisadora após as atividades foi a de que a maneira como o docente trabalha a obra em sala de aula pode oferecer uma grande oportunidade de se formarem leitores autônomos e críticos. Dentro dessa perspectiva, o professor atua como orientador do aprendizado, não apenas um transmissor de saberes, como bem defende Gomes.

A pesquisadora reconhece que a deficiência na formação docente para o trabalho de questões linguísticas existe. Ela também afirma que, caso o docente consiga inserir em sala de aula estudos dessa natureza, os alunos serão beneficiados, pois tal inserção os levaria a uma melhor e mais ampla interpretação do texto, seja ele o conto “Negrinha” ou outro escolhido pelo professor.

Essa formação é essencial em nossa sociedade para que possamos identificar aspectos históricos que fizeram parte da vida brasileira e discuti-los, identificando problemas ocorridos para que esses possam ser eficientemente combatidos e/ou solucionados por nossa juventude nas escolas.

O trabalho docente voltado para questões lexicais de um texto pode expandir o horizonte de interpretações possíveis por parte dos alunos. O estudo lexical do conto “Negrinha” realizado pela pesquisadora levou os alunos a refletir a respeito do posicionamento crítico do autor, representado na narrativa e a identificação do texto como uma denúncia dos maus tratos sofridos pelos negros no período pós-abolição da escravidão.

O resultado obtido pelo trabalho de Gomes mostra que a afirmação de que as palavras do texto utilizadas para se referir a Negrinha, na perspectiva de leitura dos alunos, não os levou a encarar o autor como racista. A análise das palavras isoladamente

do contexto da narrativa pode nos levar à leitura equivocada de que elas foram escolhidas para desmerecer o negro e não para intensificar o tom de denúncia do conto.

Outra experiência que se assemelha a de Gomes foi a relatada pelas professoras Rosivaner de Mello Calvo e Carmen Rodrigues de Lima através do artigo intitulado "Letramento literário: propostas de leitura para o conto 'Negrinha'". Procurando desenvolver o letramento literário de 28 alunos de uma turma de terceira série do Ensino Médio de uma escola de Marialva, no Paraná, as professoras selecionaram o conto "Negrinha" como instrumento para este letramento.

Durante a aplicação da atividade, as professoras utilizaram músicas e outros meios para discutir com os alunos questões raciais brasileiras, seguidas de discussões a respeito do autor, do gênero conto e do contexto histórico de produção de "Negrinha". Essas discussões precederam a leitura, o que fez com que seus estudantes lessem o conto já familiarizados com o autor e o texto. Ao final do projeto, os alunos produziram um filme sobre o conto, tendo a liberdade de alterar o final da história caso julgassem melhor. Apenas um grupo manteve a estória original, sem alteração do enredo.

As professoras concluíram que seus estudantes se compadeceram da personagem, tendo identificado a triste realidade dos negros à época. A atividade também contribuiu para a reflexão a respeito das diferenças e para o combate a todas as formas de preconceito. A partir da experiência relatada pelas docentes em seu artigo, podemos depreender que não houve, por parte dos alunos, interpretações que apontassem que o texto ou autor fossem racistas, mas, sim, que o conto retrata uma triste realidade brasileira.

Também através de sua dissertação de mestrado **Monteiro Lobato: construção ou denúncia do pensamento racista?**, Ana Formighieri, baseada em uma pesquisa documental, afirma que Monteiro Lobato não era racista, aliás, ao contrário disto, era um crítico do pensamento racista. Ela afirma que essa visão só pode ser apreendida se observarmos a construção dos diálogos nas obras e atentarmos para as mensagens subliminares, inclusive para perceber a denúncia do autor da hipocrisia social.

Baseada em sua análise do autor, obra e contexto histórico-social lobatianos, ela procurou verificar como Lobato deu voz a suas personagens do conto "Negrinha" e do

romance **O Presidente Negro**, estabelecendo relações entre os personagens e o desenvolvimento da trama.

Em sua análise, Formighieri procurou não cobrar de Lobato a consciência, a linguagem e a forma de abordagem do século XXI. Ela afirma que o autor foi interlocutor dos pensamentos em voga no início do século XX e, por este motivo, não podemos caracterizá-lo como racista, baseando esta defesa em apenas recortes de sua produção intelectual.

A ironia do narrador lobatiano também é indicada pela pesquisadora, principalmente com relação à descrição da personagem Dona Inácia. Ela afirma que, ao apresentá-la aos leitores, Lobato convida o leitor a entendê-la como uma ex-senhora de escravos cheia de preconceitos herdados da escravidão. O tom de denúncia dos maus tratos contra os negros do conto também é destacado por ela, principalmente pelo tom hipócrita utilizado para destacar as falas de Dona Inácia a respeito de sua “bondade” para com a pobre órfã.

Formighieri faz uma importante defesa do conto, ao afirmar que a narrativa não está apenas focada na tensão negro X branco. Ela apresenta a tensão entre patroa e empregada, riqueza e pobreza, escravagista e escravizada e entre adulta e criança. Ressaltamos ainda que a tensão entre adulto e criança também é expressa em outras histórias de Lobato, pois o autor defendia que as crianças são inteligentes e devem ser respeitadas, não subestimadas.

Quando Lobato expõe os sentimentos das personagens, ainda segundo a pesquisadora, ele desperta a compaixão dos leitores com relação à personagem Negrinha e indignação quanto ao tratamento a ela dispensado em casa de Dona Inácia. Essa abordagem do conto, baseada em sua utilização em sala de aula por esta pesquisa, parece condizente com os resultados observados ao longo do seu desenvolvimento, uma vez que os alunos se compadecem com a situação da menina.

A pesquisadora conclui que os que se apresentam a favor da ideia de Lobato ser racista, em sua maioria, fazem parte de movimentos sociais negros e baseiam sua argumentação em termos pejorativos utilizados pelo autor em sua obra e cartas pessoais, assim como em sua suposta defesa da Ku Klux Klan e da eugenia. Já quanto aos que defendem Lobato, Formighieri diz que são, em sua maioria, estudiosos da literatura

brasileira que entendem que o autor deve ser lido dentro dos limites do pensamento racial de sua época, não com valores e ideias da sociedade atual.

Quando a pesquisadora analisou aspectos da vida do autor, como trabalhos de Lobato como empresário, sua produção cultural e formação teórica, foi constatado que, em algumas partes de sua fala em cartas pessoais, houve a impressão de que o autor era racista. Entretanto, em outros momentos, a impressão era exatamente contrária. Por esse motivo, não seria possível realizar um julgamento do autor baseado apenas em pequenos trechos de sua correspondência.

Para chegar a um consenso no sentido de que Lobato não seria racista, mas, sim, um crítico do pensamento racista, a pesquisadora enfocou mensagens subliminares na construção dos diálogos dos personagens. Analisar a fala de Lobato sem se atentar a essas questões faz com que ele seja encarado como racista, tendo esse julgamento como base os posicionamentos que têm sido denominados como "politicamente corretos" na atualidade. Ela também ressalta a importância do professor para mediar o processo de leitura de Lobato, sempre levando em consideração o contexto histórico-social do autor.

Heloísa Pires, em artigo intitulado "Quando a afro-bibliodiversidade lê Monteiro Lobato", afirma que existem dois alertas necessários para nortear as discussões acerca do suposto racismo de Lobato:

Mas, para a continuidade das observações, cabem dois alertas, ainda. O primeiro é que parece óbvio, mas é preciso distinguir o material produzido no contexto do autor vivo e, aquele dos desdobramentos que o seguiram. Há infinitas releituras a partir das elaborações originais. Fundamental sempre remetê-las ao contexto de produção. E, o segundo é não perder de vista que a população negra "não era ou era desse jeito". O que há para atentar é a forma como esta foi percebida numa autoria, o que sempre será uma transfiguração da realidade. Circunscrever seja os anos 1918, 1980, 2010, 2019 ou qualquer outro instante, eles contarão mais sobre a sociedade do que sobre o autor, nesse vínculo acerca das relações raciais. (PIRES, 2019, não paginado)

Além de versar sobre a necessidade de se relacionar obra e seu contexto de produção, ela ressalta a importância de se ter em mente que o autor apresenta em sua obra uma representação da realidade. A pesquisadora ainda defende que as obras lobatianas nos apresentam muito mais as questões raciais da sociedade do início do século XX que do próprio autor. Essa é a importância de sua obra. Ela pode ser utilizada em sala de aula como ponto de partida histórico para que a sociedade brasileira possa

ser criticamente analisada. Atribuir a Lobato todo o suposto racismo que muitos dizem encontrar em suas histórias é, de certa forma, negar características e comportamentos importantes da população brasileira da época e não fomentar a discussão que pode levar justamente ao contrário do que alguns temem: o combate ao preconceito racial.

A autora defende que, na literatura infantil brasileira do século XX e XXI, não há contraponto às obras de Lobato. Ela afirma que não há visões diferentes das apresentadas por Lobato acerca das diferentes identidades raciais. A partir dessa afirmação, podemos entender que, diante da não existência de obras para crianças que tratem a questão racial, mesmo na atualidade, é importante ler Lobato justamente para que as crianças possam, através do mediador da leitura, traçar diálogos sobre questões raciais no Brasil. Também não podemos deixar de mencionar que a produção literária para crianças abordando temas considerados de adultos, sejam eles quais forem, continua sendo algo incipiente no país, assim como o era na época de Lobato.

Pires ressalta que a obra lobatiana deve continuar sendo alvo de leitura nas escolas brasileiras e faz a seguinte afirmação a respeito do fato de ser racismo não educar as crianças para o respeito às diferenças:

Por sua vez, a Educação e a Cultura, áreas de suporte dessa produção, sabem que não educar uma criança para o respeito à diferença é racismo. E o racismo impacta a infância, comprovaria a Unicef. Especialistas se estafam dizendo que compartilhar expressão estigmatizante é favorecer práticas racistas. Também é sabido que promover hierarquias na convivência pueril tendo por base fenotípias ou referências culturais é o mesmo que ensinar superioridades para um dos padrões envolvidos. (PIRES, 2019, não paginado)

É importante discutir o respeito às diferenças com as crianças para que não incorramos no privilégio de determinadas referências culturais em detrimento de outras, o que seria racismo. Ela também defende que alguns especialistas, como entendemos ser Antonio Gomes da Costa Neto, tratam do tema dizendo que compartilhar expressões estigmatizantes é favorecer práticas racistas. Negar a obra lobatiana e defender sua saída da sala de aula taxando-a de estigmatizante e incentivadora do racismo é justamente desfavorecer o debate sobre o respeito às diferenças.

Pires faz reflexões importantes acerca da formação das bibliotecas no Brasil:

Seguindo detalhes, de M. Lobato até nossos dias, se a presença negra nos acervos é minguada ou inadequada, a bibliografia analítica dessas produções, da mesma forma, abarca escassas vozes. Parte do problema

da grande escala, é bem comum o analista negro que discute o racismo não ser citado, certificando que desprestígio e segregação andam juntos no âmbito da formação de opinião. (PIRES, 2019, não paginado)

Ao analisar "Negrinha", Pires afirma que a personagem representa o conformismo no impedimento social que é solucionado com sua morte. A menina seria uma perdedora social que, segundo a autora, é um esquema constante na representação da África ou da escravidão. Diante disso, ela defende contrapontos importantes a essa situação, como a obra **A vida não me assusta**, que mostra a sutileza entre coragem e impotência. Para Pires, essa oposição de abordagens favorece uma inversão cultural que melhore as condições de vida dos referenciados em uma sociedade que não resolveu suas desigualdades. A pesquisadora afirma que a irrelevância da dimensão racista da produção lobatiana não é posicionamento isolado e que essa visão não supõe o leitor negro da obra.

Esta pesquisa procura justamente analisar as interpretações apresentadas pelos leitores lobatianos quando leem "Negrinha". É importante ressaltar que, como será explicitado nos capítulos de análise da atividade e da caracterização da turma participante, as interpretações dos alunos versaram sobre a denúncia do tratamento destinado aos negros e não sobre o suposto racismo de Lobato. É relevante citar que muitos dos participantes desta pesquisa se declaram afrodescendentes.

O artigo "O perigo da censura", de Fabíola Farias, versa a respeito da atual situação brasileira com relação à censura. Nele, a autora fala da atual situação brasileira e os riscos da censura, não mais feita através da queima de livros, mas de maneira mais sutil. Sobre as críticas à parte da obra lobatiana, ela afirma:

Distinta de situações em que livros são analisados como ofensivos a um grupo ou aos direitos humanos porque suas narrativas e imagens contribuem para a naturalização de imaginários opressores, como vem acontecendo em leituras críticas mais recentes sobre parte da obra lobatiana, a patrulha conservadora se dedica ao apagamento de vozes e narrativas que não compõem o repertório e a visão de mundo de determinados grupos, muitos deles ligados a instituições religiosas e partidos políticos. (FARIAS, 2019, não paginado)

Para Farias, parte das críticas dirigidas a determinadas obras, dentre elas parte da produção lobatiana, está ligada à tentativa de calar os que têm um discurso que não está

de acordo com o pensamento defendido por algumas instituições religiosas e partidos políticos, o que podemos dizer se tratar de censura ideológica.

A autora ainda afirma que o mercado editorial brasileiro que publica títulos infantis está seguindo as diretrizes do governo, seu principal comprador. As demandas do comportamento conservador em voga, por sua vez, vêm priorizando títulos escolhidos por psicólogos e pedagogos, muitas vezes sem conhecimento literário para tal. Isso faz com que as crianças fiquem à mercê de pessoas que querem direcionar suas leituras para que sigam o que elas julgam ser o correto, sem oferecer aos pequenos leitores diversidade de pontos de vista. Essa censura, como acredita Farias, realmente poderá culminar em uma reprodução de pensamentos que excluirá a diversidade das bibliotecas e das escolas brasileiras.

Marisa Lajolo, no artigo "Preconceito e Intolerância em *Caçadas de Pedrinho*", oferece uma análise da polêmica iniciada com a solicitação de Antonio Gomes da Costa Neto feita ao MEC e à Justiça acerca de **Caçadas de Pedrinho**. Lajolo inicia sua defesa citando a importância dos chamados mediadores de leitura. Esses mediadores são os elementos que compõem o livro, os chamados paratextos, que podem ser um rodapé ou até mesmo a capa da obra. Para a pesquisadora, esses paratextos cada vez mais influenciam a leitura, ditando interpretações e limitando a liberdade do leitor. Lajolo afirma com precisão que o leitor é sujeito de sua leitura, decidindo os sentidos que dá a determinado texto.

A pesquisadora afirma que, cada vez mais, esses paratextos subestimam o leitor, como se ele não tivesse conhecimento para construir significados. Eles cada vez mais querem ditar uma interpretação supostamente correta, como se houvesse interpretações certas ou erradas quando o assunto é leitura. Isso vai contra a defesa da pesquisadora segundo a qual a leitura se dá através de um sistema literário, formado por autor-obra-público, relação que é permeada pelo contexto de leitura e produção do texto.

Para Lajolo, através do desconhecimento do como a leitura funciona na cabeça e vida do leitor, algumas pessoas, como Antonio Gomes da Costa Neto, pressupõem que quem lê uma obra vai deliberadamente imitar de modo acrítico procedimentos, valores e atitudes presentes nos livros objetos de sua leitura. Esse pensamento está em total desacordo com a ideia de um leitor autônomo, crítico e capaz de interpretar um texto

livremente, como propõe esta pesquisa e como defende a pesquisadora. Acreditar nessa premissa é subestimar o leitor.

Como exemplo desses paratextos que buscam doutrinar o leitor como se ele não tivesse censo crítico e fosse, após ler **Caçadas de Pedrinho**, caçar onças, Marisa Lajolo cita a nota que introduz o texto. Ela versa a respeito da inexistência do IBAMA e do fato de a onça não estar ameaçada de extinção à época de escritura do livro. Essa nota de introdução, tida como modelo pelo CNE para a escritura de uma outra nota que verse sobre o suposto racismo presente no livro através da figura de Tia Nastácia, é discutida pela pesquisadora, que analisa a personagem na obra.

Lajolo afirma que tanto Dona Benta como Tia Nastácia, representantes dos adultos e dos idosos, são desqualificadas pelas crianças. Para ela, Tia Nastácia é referida como negra de estimação, quituteira de mão cheia, objeto de afeto incondicional das crianças e vítima de más-criações de Emília. Ao tratar da interpretação dos leitores acerca da figura de Tia Nastácia, a pesquisadora faz perguntas importantes, até então sem resposta:

Lendo a história, os leitores desenvolvem preconceito contra os negros e tornam-se intolerantes? Sentem-se autorizados a saírem xingando negros e negras? Ou se indignam com as más-criações da boneca? E leitores negros? Na pele de Tia Nastácia, sentem-se ofendidos pela desbocada Emília? (LAJOLO, 2011, não paginado)

Baseados nos resultados alcançados por esta pesquisa, podemos verificar que é essencial que os leitores da obra sejam consultados a fim de verificar essas respostas, uma vez que muitos supõem o que os leitores interpretam, mas poucos se dispõem a ouvi-los. Para a pesquisadora, esse estudo de recepção evitaria notas que buscam impor significados às leituras de um texto e também contribuiria para uma compreensão mais ampla sobre outras questões consideradas polêmicas em diversas obras da nossa literatura.

Entre os defensores e os críticos de Lobato, há alguns pesquisadores que buscaram analisar a questão polêmica do suposto racismo lobatiano de forma mais moderada, como a análise apresentada na dissertação **Monteiro Lobato e o leitor infanto-juvenil: consensos, polêmicas e sugestões**, defendida por Francisco das Chagas Souza Costa.

Em sua pesquisa, Costa apresenta reflexões e diversas sugestões para a utilização dos textos de Lobato em sala de aula, tendo como foco o desenvolvimento do leitor crítico.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, Costa analisou duas obras do autor: **O Pica Pau Amarelo** e **Emília no país da Gramática**, que foram utilizadas com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. O pesquisador fez considerações importantes a respeito de aspectos de leitura de textos literários e não literários, a função da literatura em sala de aula, a formação do leitor, a literatura infanto-juvenil e a construção do leitor. Essas reflexões foram essenciais para que ele definisse as ações a serem colocadas em prática em sala de aula e também para a construção de sugestões que auxiliassem o docente no uso de tais textos em sala de aula.

Através de uma defesa estruturada, ele afirma que Monteiro Lobato, ao contrário da “arte pela arte”, produziu uma literatura engajada e recheada com diversos propósitos para a sociedade brasileira. As ideologias constantes de sua obra, ligadas às suas empreitadas pessoais, são apresentadas aos leitores para serem dialogadas, não impostas. Não haveria, em suas obras, segundo o pesquisador, defesa de nenhuma religião, partido político ou modelo social. Através de um tom irônico, crítico e bem humorado, Lobato colocaria os leitores mirins a par de assuntos que não seriam adequados para crianças, apenas para adultos. Tudo isso, sempre ligado à importância que o autor dava às crianças.

O pesquisador afirma que o texto lobatiano é um instrumento que proporciona discussões relevantes no meio escolar. Essas discussões levariam os alunos a se tornarem autônomos e críticos com relação à sociedade. Mesmo sabendo que suas opiniões pudessem gerar polêmicas, Lobato não temia expor suas ideias.

O pesquisador afirma que a abolição no Brasil foi incompleta, pois gerou desigualdade social por não haver integração do negro liberto na sociedade, fato importante para o desencadeamento do preconceito racial. Sabemos que, até hoje, o Brasil ainda não superou esse problema, havendo diversas políticas públicas na atualidade para combater essa desigualdade e preconceito, como as cotas em universidades.

Costa afirma que é uma ideia alienada achar que a literatura não tem função social. Os escritores expressariam, de modo tácito ou não, suas ideologias em suas obras, fato

que também ocorreria na literatura de Lobato. Para ele, o fato de Lobato ter nascido no período de decadência do trabalho escravagista faz com que ele tenha pensamentos com resquícios da escravidão. Esses resquícios, aliados a expressões referentes à raça que podem ser vistas como pejorativas e depreciativas, podem levar a celeumas a respeito do racismo do autor, como a dúvida se a visão discriminatória apresentada nas obras poderia influenciar crianças e se os textos de Lobato devem ser censurados ou conter notas explicativas sobre o racismo do autor. Sua visão de que esses são questionamentos possíveis diante da obra lobatiana é coerente, uma vez que ainda não atingimos a superação das diferenças sociais no país.

Costa constata que é necessário analisar vida e obra do autor para que se possa entender o racismo atribuído a ele. Partindo de uma análise da obra de Lobato, ele afirma que o negro é figura marcante em seus livros, tendo sua participação sido enfatizada principalmente através da figura importante de tia Nastácia, do conto “Negrinha” e do romance **O presidente negro**. Com relação ao romance, o pesquisador acredita que a obra está em consonância com as ideias eugenistas de Lobato, porém, de maneira eficiente, ele defende que a constatação de questões desagradáveis acerca de alguém ou de uma instituição não constitui necessariamente uma tentativa de destruição de reputação.

Quanto ao conto “Negrinha”, Costa vê no texto a intensa realidade dos ex-escravos apresentada através da menina. Cenas comoventes que mostram a humilhação e o desrespeito à dignidade humana surgem como um possível álibi para o autor. O pesquisador acredita que o conto pode ser interpretado como uma denúncia ou, a partir dos subentendidos inerentes à representação literária, o leitor pode ser levado à ambiguidade do texto. Essa ambiguidade partiria da construção dúbia e irônica do conto, o que geraria dúvidas em vez de provar sua inocência.

Para defender a argumentação de ideias eugenistas no âmago do conto, Costa apresenta trechos de cartas do autor em que ele defende a eugenia e a Ku-Klux-Klan, porém não encontramos nesta narrativa os ideais de purificação racial apontados nos trechos destacados. O que chama atenção em “Negrinha”, pelo contrário, é a ênfase dada aos maus tratos e humilhações sofridos pela menina através de ironia e dramaticidade e não uma defesa do tratamento a ela destinado.

O pesquisador apresenta partes do livro **Caçadas de Pedrinho** para exemplificar expressões controversas sobre o suposto racismo de Lobato. A expressão controversa dita por Emília “carne preta”, pode indicar, na atualidade, preconceito racial do autor, porém, temos de levar em consideração a época na qual o texto foi escrito. Essa expressão, assim como “macaca de carvão” e outras encontradas nas obras lobatianas em referência a Tia Nastácia, eram consideradas discriminatórias na época de confecção das histórias? Elas incomodaram os leitores contemporâneos de Lobato? Essa é uma importante investigação que pode ser feita no futuro para que a questão seja elucidada.

Costa afirma, o que pode ser constatado também pelas considerações feitas por diversos pesquisadores e intelectuais apresentadas nesta pesquisa, que muitos se preocupam com a possibilidade de o desrespeito e propagação de ideias racistas ocorrerem nas escolas através da literatura lobatiana. Com relação a essa questão, o papel do docente é fundamental para evitar que tais problemas venham a surgir nas salas de aula.

Ademais, a afirmação feita pelo pesquisador João Luís Cardoso Tápias Ceccantini a respeito da recepção do texto literário pelas crianças, feita durante entrevista concedida a Edson Granetto, da Univesp TV, se mostra coerente. Ceccantini defende que os leitores de Lobato podem ter interpretações diferentes do texto, principalmente se levarmos em consideração a bagagem social e cultural da criança. Por sua experiência, o pesquisador acredita que, muitas vezes, a preocupação com essas questões é coisa de adulto, pois a criança não se atenta a isso. As crianças aproveitam da leitura o que lhes faz bem, o que interessa para elas (informação verbal). No caso de Lobato, o que importa é a fantasia e a mediação do professor que gosta e conhece a obra. Ele cria condições para o debate, trazendo o assunto à tona. Esta pesquisa, que procura colaborar com tal investigação, analisa a recepção do conto “Negrinha” pelos estudantes participantes deste estudo, procurando identificar se este receio é real.

Costa ainda ressalta que a censura a Lobato seria um contrassenso, pois estaríamos perdendo os bônus literários e didáticos do autor. Ao mesmo tempo, ele reconhece que negar as possíveis ofensas aos negros contidas nas obras seria hipocrisia. Ele acredita que as notas de rodapé para esclarecer posturas ideológicas e

racistas seria plausível, mas não a solução. A mediação do professor é novamente indicada como solução mais viável para esta questão.

O pesquisador reconhece a importância de Lobato e seu pioneirismo no processo de popularização da leitura literária entre as crianças. Entendemos que esse reconhecimento é importante, uma vez que livros infantis antes de Lobato versavam apenas sobre bom comportamento infantil, tendo um viés “doutrinador”. Lobato criou uma literatura criativa, com aventuras, que realmente chamava a atenção das crianças e ainda continha ilustrações, uma verdadeira revolução à época. Muitos livros, como **Emília no país da Gramática**, citado por Costa, têm viés didático e procuram ensinar a criança, mas, mesmo assim, continuam encantando e divertindo. A afirmação do pesquisador de que esse fim didático não fez com que a obra perdesse seu encantamento é uma prova de que os livros de Lobato, se bem explorados pelos docentes, podem ser uma importante ferramenta no aprendizado infantil.

Ainda hoje a obra lobatiana desperta interesse nas crianças e, por esse motivo, não poderia ficar de fora do contexto escolar. Como bem defende o pesquisador e outros também o fizeram, o papel mediador do docente é fundamental para a continuidade do aprendizado acompanhado de encantamento pelas crianças.

Em sua dissertação, Costa faz algumas sugestões de roteiros para que a obra lobatiana seja trabalhada em sala de aula pelo professor. As sugestões são bem formuladas e dinâmicas, o que pode oferecer ao professor um caminho para a utilização dos textos de Lobato com os alunos. Todas as sugestões incentivam a leitura e a análise da obra lida pelos estudantes, o que torna a aula produtiva e interessante. Costa ainda faz uma importante defesa, quando afirma que é essencial lutar contra o elevado nível de analfabetismo funcional brasileiro através da utilização da literatura em sala de aula.

Raça e Eugenia na obra geral de Monteiro Lobato foi uma tese que discorreu sobre o suposto racismo nas obras do autor. José Wellington de Souza analisou a obra adulta de Lobato, identificando posicionamentos do autor sobre raça e apontando mudanças em seu posicionamento com relação ao assunto. O pesquisador afirma que não houve hegemonia no pensamento racial nem mesmo na literatura brasileira do século XX. Essa constatação se torna plausível principalmente quando entendemos que o Brasil

é um país miscigenado e vasto, o que faz com que a multiplicidade de opiniões com relação a qualquer assunto seja inevitável.

Para Souza, o cenário intelectual brasileiro era muito dependente de matrizes europeias, como se o Brasil fosse a periferia e a Europa a metrópole do sistema capitalista e da divisão internacional do trabalho. Foi nessas condições que Lobato se estabeleceu como autor. Ele teria sido um herdeiro que recebeu apenas falência e isso o tirou do círculo de dominância política e econômica. Essa situação teria feito com que ele buscasse nos livros o prestígio que não alcançou enquanto fazendeiro.

O pesquisador aponta que Lobato, para se integrar à elite intelectual paulista, coloca sua produção literária a serviço das ideias sanitaristas, impulsionando sua posição política. Para ele, Lobato era um dominado entre os dominantes e torna-se o porta-voz das classes então dominantes através da figura do Jeca Tatu.

Ainda de acordo com Souza, Lobato se estabelece como homem bem-sucedido e abandona a figura do Jeca para escrever o romance **O presidente negro** (1926). Por acreditar que o eugenismo radical faria sucesso nos Estados Unidos, público-alvo da obra, ele se aproximou da eugenia para agradar aos leitores do país. O livro, porém, foi um insucesso que veio acompanhado da falência de Lobato pela quebra da bolsa de 1929. Após esse episódio, o autor cria o personagem Zé Brasil (1947) que, de acordo com o pesquisador, é criado a partir das relações de Lobato com políticos e intelectuais comunistas.

Souza conclui, após estas considerações, que as definições de raça e eugenia do autor estão presentes nos personagens por ele criados e sofreram transformações ao longo de sua carreira, baseando-se ora nas ciências biológicas, ora nas ciências sociais, ou, em alguns casos, nas duas.

Assim como outros pesquisadores aqui citados, entendemos que apenas algumas partes dos textos e de cartas pessoais do autor utilizadas para afirmar que ele era racista não podem ser suficientes para que o conto “Negrinha” seja banido da vida escolar brasileira. Também ressaltamos a importância de se associar o contexto social de produção das obras lobatianas à leitura dos textos do autor para que possamos analisá-los de maneira mais intensa. É preciso que um estudo mais profundo da recepção do conto ocorra, como pretende esta pesquisa, para que se verifique quais seriam as

possibilidades interpretativas formuladas por estudantes que entram em contato com este conto.

4. "NEGRINHA" NA SALA DE AULA

4.1. Características socioeconômicas da turma escolhida

A turma acompanhada por esta pesquisa tem 36 alunos de, em sua maioria, 17 anos, que terminaram seus estudos da Educação Básica em dezembro de 2018. A classe iniciou a primeira série em 2016, com 40 alunos que ingressaram através de Vestibulinho, cuja demanda foi de 3,60 candidatos/vaga. Destes 36 alunos, apenas 22 participaram da atividade, os demais se sentiram envergonhados pelo fato de os dois encontros terem sido gravados. Foram selecionados e compilados na tabela abaixo alguns dados socioeconômicos da turma para que seu perfil pudesse ser identificado:

Tabela 1 - Informações socioeconômicas da turma

Matrícula	Sexo	Bairro de residência	Cidade	Afrodescendente	Escolaridade Pública	Quantas pessoas compõem a família	Pessoas da família que exercem atividade remunerada	Renda familiar (em salários mínimos)
16126	Masculino	Jd. Shangrila	São Paulo	NÃO	SIM	2	1	1
16063	Feminino	Pq. Arariba	São Paulo	NÃO	SIM	6 ou mais	1	2
16034	Feminino	Paraisópolis	São Paulo	SIM	SIM	3	Não Informado	2
16013	Masculino	Jd. São Roque	São Paulo	SIM	SIM	5	1	4
16095	Masculino	Jd. Umarizal	São Paulo	NÃO	SIM	5	2	2
16041	Masculino	Vila Andrade	São Paulo	SIM	NÃO	4	3	5
16116	Masculino	Jd. Clementino	Taboão da Serra	NÃO	SIM	5	Não Informado	1
16120	Masculino	Paraisópolis	São Paulo	SIM	SIM	3	Não Informado	2
16078	Masculino	Morumbi	São Paulo	NÃO	SIM	6 ou mais	3	3
16049	Masculino	Jd. Rosana	São Paulo	SIM	NÃO	5	2	3
16127	Masculino	Chácara Santa Maria	São Paulo	SIM	SIM	5	3	4
16124	Masculino	Jd. Olinda	São Paulo	NÃO	SIM	5	4	6 ou mais
16009	Feminino	Jd. Santo	São Paulo	NÃO	SIM	5	Não Informado	3
16014	Masculino	Antônio	São Paulo	SIM	NÃO	3	2	2
16037	Masculino	Pq. Regina	São Paulo	SIM	SIM	4	2	2
16243	Feminino	Pq. Rebouças	São Paulo	SIM	SIM	3	2	2
15167	Masculino	Paraisópolis	São Paulo	SIM	SIM	2	Não Informado	2
16108	Masculino	Parque do Otero	São Paulo	SIM	SIM	5	2	2

Matrícula	Sexo	Bairro de residência	Cidade	Afrodscendente	Escolaridade Pública	Quantas pessoas compõem a família	Pessoas da família que exercem atividade remunerada	Renda familiar (em salários mínimos)
16081	Feminino	Jd. Santo Antônio	São Paulo	SIM	NÃO	2	1	2
18485	Masculino	Interlagos	São Paulo	SIM	SIM	4 a 6	2	3 a 5
16001	Masculino	Pq. Taboão	Serra	SIM	SIM	4	3	5
16060	Masculino	Vila Suzana	São Paulo	SIM	NÃO	Não Informado	Não Informado	Não Informado
16018	Feminino	Jd. Catanduva	São Paulo	SIM	SIM	4	3	6 ou mais
16176	Masculino	Vila Morumbi	São Paulo	SIM	NÃO	4	2	2
16045	Feminino	Paraisópolis	São Paulo	SIM	SIM	4	2	3
16194	Feminino	Jd. Parque Morumbi	São Paulo	SIM	SIM	5	3	3
16096	Masculino	Jd. Monte Azul	São Paulo	SIM	SIM	3	2	2
16173	Masculino	Jd. Cliper	São Paulo	SIM	SIM	Não Informado	Não Informado	Não Informado
16016	Masculino	Paraisópolis	São Paulo	SIM	SIM	5	3	2
16050	Masculino	Jd. Monte Kemel	São Paulo	SIM	SIM	5	3	3
16133	Masculino	Parque Residencial Cocaia	São Paulo	NÃO	SIM	4	2	2
16088	Masculino	Pq. Arariba	São Paulo	SIM	SIM	3	Não Informado	4
16053	Masculino	Jd. Casablanca	São Paulo	SIM	SIM	4	1	2
16190	Masculino	Jd. Maria Duarte	São Paulo	NÃO	NÃO	3	2	6 ou mais
16005	Masculino	Vila das Belezas	São Paulo	NÃO	SIM	4	Não Informado	2
16027	Masculino	Vila Natal	São Paulo	SIM	SIM	4	Não Informado	Não Informado

Fonte: Secretaria Acadêmica da Unidade Escolar

Dos 36 alunos da turma, 28 são meninos, 8 são meninas, 26 se declaram afrodescendentes e 29 estudaram em escolas públicas antes de ingressar na Etec Abdias do Nascimento. 23 deles possuem famílias com mais de 4 integrantes e dos que informaram a quantidade de pessoas que contribuem com a renda da família, apenas 9 tem mais de 3 membros economicamente ativos. A maioria das famílias recebe 2 salários mínimos por mês para seu sustento, o que faz com que elas sejam consideradas de renda salarial baixa. Apenas 9 famílias recebem mais que quatro salários mínimos por mês.

A Etec Abdias do Nascimento se situa na comunidade Paraisópolis, porém, nem todos os estudantes moram no local como pode ser observado pelos dados apresentados abaixo:

- 6 alunos moram em Paraisópolis;
- 27 moram na Zona Sul, nos bairros vizinhos à Paraisópolis;
- 3 residem na Zona Leste;
- 2 têm moradia em Taboão da Serra.

Podemos observar que a maioria dos estudantes da classe residem em regiões de baixa renda da cidade de São Paulo. Apenas cinco alunos não residem na Zona Sul da capital, tendo seu trajeto até a Etec longo, porém, permanecem frequentando a escola pela qualidade do ensino que ela oferece. A maior parte dos alunos da turma, 28, são meninos. o que é comum nas turmas do curso técnico em Informática. Esta unidade escolar é ativa na comunidade de Paraisópolis, procurando atender os moradores através de projetos de qualificação profissional, como oficinas de corte e costura e curso de línguas. A Etec também é conhecida pelas atividades que procuram fomentar entre os estudantes o respeito às diferenças, não somente raciais, e, principalmente por este motivo, gentilmente recebeu esta pesquisa.

4.2 Descrição da atividade proposta

As atividades que estruturam a perspectiva analítica deste trabalho foram realizadas em dois momentos diferentes e estão devidamente transcritas da maneira mais fidedigna possível no **Anexo 1**. No primeiro encontro, os alunos receberam o conto “Negrinha” e foram solicitados a fazer inicialmente uma leitura silenciosa da narrativa, fazendo anotações sobre todas as observações que tiveram. É importante destacar que os participantes do estudo foram prevenidos no sentido de que não tivessem contato prévio com o conto, de modo que o primeiro contato ocorresse durante a atividade. Essa solicitação tinha como objetivo que os alunos fizessem a leitura sem receber influências que pudessem direcionar sua interpretação.

Após a leitura, os estudantes foram convidados a expressar as observações que fizeram a respeito do texto, em diálogo com a pesquisadora. Dos alunos participantes, os

meninos se sentiram mais à vontade para expressar suas opiniões à pesquisadora, enquanto as meninas, embora tivessem se manifestado em alguns momentos, preferiram discutir o texto com o grupo com o qual estavam. Foram formuladas questões que visavam ouvir seus comentários com relação a linguagem, enredo, estrutura, personagens, autor e sentimentos que o conto despertou durante a leitura. As observações que os alunos fizeram foram relevantes e de natureza diversa. As perguntas feitas aos alunos pela pesquisadora durante a atividade não induziram as discussões ao tema racismo, pelo contrário, os alunos estavam livres para fazer quaisquer colocações a respeito de sua leitura. É importante destacar também que não houve qualquer comentário sobre o texto por parte da pesquisadora envolvida.

No início das discussões da atividade, foi perguntado aos estudantes o que acharam da narrativa. A maioria disse que o texto é muito bom e um aluno afirmou que o conto é muito profundo e o tocou. Ao ser questionado quanto às razões pelas quais ele considerou o texto “tocante”, afirmou que o texto é profundo, mexe com o sentimento por mostrar os maus tratos e abusos sofridos pela menina. O mesmo estudante destacou, ainda, que, ao entrar em contato com a boneca pela primeira vez, ela teria se sentido como um ser humano e, por ter alcançado esta consciência, acabaria morrendo. Essa síntese feita por ele mostra que o texto despertou compaixão nele e em outros colegas, que também disseram ter sido tocados pela dramaticidade do conto, que despertou vontade de chorar durante a leitura.

Outro estudante afirmou que o texto é muito interessante e traz palavras diferentes das que utilizamos hoje em nossa comunicação. Mesmo assim, ele afirmou que, pelo contexto, mesmo não conhecendo a palavra, é possível identificar seu significado. Durante as duas atividades, apenas "cocre" foi alvo de questionamento por parte de uma aluna que não conhecia o vocábulo e não identificou seu significado pelo contexto. Podemos observar que, apesar do uso de palavras não mais comuns na atualidade, a narrativa foi compreendida pelos estudantes, uma vez que a linguagem não se mostrou um empecilho para a leitura.

Também foi alvo dos comentários da classe o fato de o homem nascer bom e o meio corrompê-lo. O estudante que levantou esta discussão discorreu a respeito da personagem Dona Inácia, que foi apontada pela turma como má, e as sobrinhas, por

serem crianças, ainda não apresentariam a maldade, por não terem sido corrompidas pela sociedade em que viviam.

A cena da brincadeira de Negrinha com as sobrinhas foi apontada como a mais marcante, pois o impacto desta situação na menina teria sido tão grande que a teria levado à morte após a partida das sobrinhas de Dona Inácia. Foi apontado ainda o fato de algo tão simples como brincar de boneca ser tão importante para alguém.

A cena do ovo foi apontada como a mais marcante por outro estudante, já que evidencia o fato de Negrinha, apesar dessa e de outras crueldades que sofrera, não guardar nenhum ressentimento por Dona Inácia. A menina morreu em paz após ter tomado consciência de que era realmente um ser humano, o que teria despertado apenas bons sentimentos na menina. Apenas traços positivos de sua personalidade foram elencados pelos alunos.

Uma questão que poderia passar sem ser notada foi identificada por um aluno: o papel da mulher na sociedade da época. Foi lido um trecho do texto que afirma que a mulher tem a brincadeira com a boneca como período preparatório para a maternidade e que, depois que os filhos foram criados, ela está extinta. Essa constatação foi interessante porque o aluno comparou essa visão da mulher com a apresentada no conto "O Amor" de Clarice Lispector, que, segundo sua interpretação, aborda um instinto da mulher bem diferente da visão apresentada no conto de Lobato.

Um estudante ressaltou que os colegas teriam focado sua interpretação em Negrinha apenas, não levando em consideração que a menina foi moldada por Dona Inácia, pelo relacionamento abusivo entre elas. O aluno defendeu seu ponto de vista relatando que Dona Inácia não tinha filhos e que a raiva advinda desta situação teria sido descontada em Negrinha. Ele ainda resalta que Dona Inácia escolhera a menina para esse tratamento por ela ser negra, o que demonstra racismo da personagem. É preciso ressaltar aqui que o estudante evidencia o racismo de Dona Inácia, não do autor. Ele ainda defende que, se uma mentira é contada mil vezes, ela se torna realidade. Por esse motivo, Negrinha sentia os maus tratos sofridos como justos e que ela os merecia, de tanto ouvir da dona da casa que esse tratamento servia para educá-la. Esse pensamento da menina foi modificado quando ela brincou, pois ela viu que poderia ter uma vida diferente daquela a que estava habituada, sem castigos.

Após esta colocação, outro estudante se posicionou reforçando este ponto de vista, pois, caso a menina fosse de outra classe social, não filha de ex-escrava, ela teria, com certeza, um tratamento diferente, ela não sofreria tantos maus tratos, o que deixa claro o racismo retratado no livro. Essa colocação também foi defendida por outro estudante em outro momento da atividade. Novamente, podemos observar que o racismo é apontado como algo retratado no texto e não atribuído à figura do autor.

A essa altura, um comentário interessante sobre a narrativa surgiu, com um aluno ressaltando a montanha de russa de emoções que o texto apresenta. Em um primeiro momento, a menina é maltratada, o que causa tristeza no leitor, logo depois, ela brinca com a boneca e o leitor se alegra, ficando com uma certa esperança de que o final seria feliz, porém, ela morre no final do conto. O estudante ainda diz que não conhecia essa faceta da literatura de Lobato, apenas a parte infantil e, em suas palavras, de fantasia do Sítio do Pica-pau Amarelo. Podemos depreender desse comentário que a literatura adulta de Lobato não é tão conhecida pelos leitores, como afirmado por outros estudantes durante a atividade.

A figura dúbia de Dona Inácia foi apontada durante a discussão. Um participante disse não ter conseguido depreender do texto se a personagem bate na menina por maldade, ou se ela realmente acha que aquilo não era errado. O estudante argumenta que, em alguns momentos, parece haver o gosto por bater na menina e, em outros, como a ocasião da conversa entre Dona Inácia e o vigário após o episódio do ovo, ela desperta no leitor duas interpretações possíveis: que acredita achar que sua atitude de "ensinar" a menina batendo está correta ou que ela estaria fingindo para agradar o padre. Nesta colocação, o estudante não identificou a ironia com clareza na voz do narrador, ao descrever a cena da conversa entre o vigário e Dona Inácia, o que gerou a possibilidade de dupla interpretação de sua atitude.

Nesse momento, a única pergunta sobre o significado de uma palavra do texto surgiu, uma estudante perguntou o que significa "cocre". Após a explicação de que "cocre" seria o que chamamos hoje de "croque" (um modo de agressão com as mãos que provoca muita dor na cabeça de quem o recebe), os estudantes puderam verificar novamente a crueldade da personagem Dona Inácia e também sua indiferença com relação à morte da menina, porque, como a estudante ressaltou, o texto termina com a

dona da casa dizendo que, após a sua morte, ela era boa para cocres. Apenas essa foi a lembrança que a personagem tinha de Negrinha.

Após essa colocação sobre o final da narrativa, outro estudante fez uma interpretação sobre o desfecho da história, baseado em suas suposições apenas, não em trechos do texto. Ele afirmou que a personagem Dona Inácia, por ser muito religiosa, poderia achar que a escravidão seria normal, uma vez que, segundo ele, na *Bíblia*, é dito que Moisés já tinha escravos. Ele ainda completa afirmando que, para muitas religiões, as pessoas seriam diferentes, o que justificaria a escravidão do negro. Vemos aqui uma interpretação baseada em uma conjectura, não em passagens específicas do texto, o que nos mostra que os alunos procuraram ir além do conto para interpretá-lo, fazendo comparações com outras leituras e demonstrando certa articulação de ideias em suas colocações.

Ainda a respeito da religião, alguns estudantes enfatizaram que o padre apenas diz que ela tem um lugar de luxo reservado no céu, por ser rica e contribuir bastante com a igreja. Para eles, o padre sabia que a atitude dela não era correta e apenas fingia estar de acordo com suas atitudes, por conveniência. Diante desta colocação, outros alunos indicaram acreditar que o padre confiava na bondade de Dona Inácia por "cuidar" da menina e que ela teria um lugar reservado no céu por isso. Vemos aqui que houve reflexão a respeito das atitudes do padre e, em outros momentos, sobre outras figuras do conto. As inferências dos estudantes não ficaram restritas a Dona Inácia e Negrinha.

Logo após estas colocações sobre o padre, um estudante se manifestou dizendo que seria importante definir qual era a religião da qual todos estavam falando. Ele enfatizou que a igreja incentivava o racismo contra os escravos e, por este motivo, o padre entendia que os maus tratos cometidos contra Negrinha não seriam um problema. A esta afirmação, outro estudante se manifestou dizendo que, para a religião, o castigo é purificador, por isso, a menina estaria sendo purificada, não maltratada.

A próxima colocação se voltou para Negrinha. A morte da menina foi mencionada novamente como sendo um momento em que os que conviviam com ela mostraram seu racismo. Ela foi enterrada com indiferença, como um animal e ninguém se compadeceu dela, o que foi algo muito forte e causou comoção durante a leitura. Encontramos nessa

colocação a expressão do racismo das personagens, não houve nenhuma menção ao suposto racismo do autor.

Um grupo de três alunos se manifestou com relação a Dona Inácia e sua descrição feita pelo narrador. Eles afirmaram que o fato de a personagem ser apresentada como gorda representa dois aspectos: a fartura e o pecado da gula. Também foi ressaltado que ela é uma personagem dúbia, uma vez que se apresenta como uma boa senhora para o vigário e a pessoa mais malvada do mundo para a menina. É possível notar, nessa colocação, que os estudantes não interpretaram a personagem positivamente. Ela foi apresentada como uma pecadora por ser obesa e hipócrita por sua dupla atuação no conto. O fato de ela ser gorda mostra que ela tinha fartura, o que seria algo bom, porém, isso também representa sua gula, o que pode ser visto como algo negativo. Eles apontaram como a passagem que mais explicita a maldade de Dona Inácia o episódio do ovo, pois ela não só colocou o ovo fervendo na boca da menina, mas também a impediu de cuspi-lo.

Outra questão que gerou controvérsia entre os participantes foi o fato de Dona Inácia não querer que os vizinhos ouvissem a menina gritando por conta do ovo fervendo em sua boca, por isso amordaçou a personagem. A maioria dos que se manifestaram sobre o fato afirmou que não faria diferença nenhuma os vizinhos ouvirem a menina, uma vez que a sociedade da época achava os maus tratos aos negros algo normal. Eles também argumentaram que não faria nenhuma diferença os vizinhos denunciarem os maus tratos cometidos por Dona Inácia à igreja porque qualquer padre a defenderia. Eles interpretaram o vigário como um personagem tipo, pois o fato de não ter nome faria com que ele representasse toda a classe religiosa.

Também foi mencionado que a menina, ao morrer, é lembrada apenas por coisas sem importância, como ser uma diversão para Dona Inácia. Esse comentário também suscitou a discussão a respeito do que teria significado para Negrinha brincar com a boneca. Para muitos, seria difícil entender como algo tão simples poderia ter sido tão importante. Foi apontado que isso tem a ver com a origem e a realidade de vida de cada um.

Os apelidos utilizados para caracterizar a menina foram indicados como fortes pela turma. Uma estudante afirmou que o racismo presente na história é apresentado nessa

parte, pois ela é descrita de forma totalmente pejorativa, como se nem para ser negra servisse. Ela ressaltou que o racismo contra a menina é a grande causa do livro, evidenciando que ela sempre seria maltratada e ninguém a defenderia por ela ser negra e considerada uma coisa. Não foi mencionado nessa colocação o racismo atrelado ao autor, mas, sim, o racismo expresso no livro de forma enfática.

Ainda falando sobre os apelidos, os alunos evidenciaram o fato de ser negada à menina qualquer alegria, mesmo a de ser chamada de "bubônica". A palavra foi considerada bonita pela menina e todos logo deixaram de utilizá-la, independente do que ela significasse, simplesmente por ela demonstrar ter gostado da palavra. Foi dito que Negrinha, por sua ingenuidade, e por não haver quem ensinasse a ela o que todos aqueles adjetivos representavam, não percebeu o quanto todos esses apelidos, incluindo "bubônica", eram pejorativos. Essa ignorância é considerada por eles como positiva, pois impediu que ela sofresse com o péssimo tratamento que lhe destinavam. A falta de educação formal reforça ainda mais toda essa ignorância da menina. Os alunos demonstraram acreditar que, se ela frequentasse uma escola, ela teria outra visão sobre sua vida e sobre si mesma.

Para os estudantes, Negrinha estava acostumada à sua vida e, ao experimentar outra possibilidade de viver, não conseguiu mais ser a mesma pessoa, sua ingenuidade acabou e por isso ela morreu. Esse apontamento gerou uma comparação interessante por parte de um aluno: ele afirmou que isso se assemelha à vida dos filósofos porque, quanto mais eles estudam e encaram a realidade humana, mais desiludidos eles ficam.

O primeiro dia de atividades foi finalizado e os alunos se mostraram satisfeitos com a discussão. O tempo todo foi dedicado a eles, seus comentários e impressões e esse protagonismo foi indicado como algo positivo. Podemos afirmar que não foi necessária nenhuma explicação ou introdução por parte dos professores ou da pesquisadora, os alunos se mostraram autônomos, críticos e maduros para que houvesse uma leitura sem necessidade de intervenções.

Os procedimentos didáticos utilizados na atividade privilegiaram a leitura individual e a livre interpretação do texto por parte dos estudantes. Essa escolha foi feita justamente pelo fato de, na tentativa de retirar o conto do PNBE, os requerentes afirmarem que os alunos interpretariam o conto como racista e, conseqüentemente, seriam influenciados

por tais preconceitos que defenderam haver no conto. O que podemos verificar pelos resultados da primeira atividade desta pesquisa empírica é que esta argumentação não parece ser verdadeira. Esta conclusão não busca de forma alguma generalizar a questão, uma vez que esta pesquisa analisou as interpretações acerca do conto de um grupo concreto de alunos que, durante as atividades, não julgou o conto racista.

É importante também ressaltar que ironia é uma das modalidades mais difíceis de ser identificada porque exige maturidade do leitor, apesar disso, observamos que os estudantes a identificaram ao ler o conto. É de espantar que a ironia, que é um dos recursos mais sofisticados e muitas vezes não compreendido pelo leitor não especializado ou não maduro, seja tão facilmente identificada por estudantes, mas não por especialistas.

O segundo dia com os estudantes foi um pouco diferente, pois a atividade começou com a construção coletiva do contexto histórico-social da década de 1920. Foram levantadas várias questões importantes como o crescimento das cidades, marginalização do campo, abolição da escravatura, a situação precária dos negros após a abolição e a mão-de-obra imigrante no Brasil. Após a discussão a respeito do contexto histórico no qual o conto foi escrito, os alunos foram convidados a refletir novamente sobre o texto.

O foco principal das discussões foi o papel do negro na sociedade da época. Os alunos afirmaram que os ex-escravos não foram amparados pela sociedade nem pelo governo após a abolição, o que fez com que eles não fossem devidamente inseridos na sociedade e continuassem sofrendo maus tratos nas próprias fazendas. Os que não ficaram no mesmo local foram para as cidades, sendo marginalizados pelo preconceito da sociedade da época e vivendo em subempregos, principalmente vendendo mercadorias nas ruas, o que os alunos apontaram como sendo uma versão do caixeiro viajante.

Os negros, mesmo saindo das fazendas onde antes eram escravos, continuaram a ser vistos apenas como "ferramenta" pela sociedade da época. Para os estudantes, isso apresenta resquícios até hoje, pois o Brasil ainda não conseguiu inserir os negros na sociedade de forma igualitária. Foi defendido de forma enfática pelos alunos que a abolição da escravatura no Brasil foi uma atitude política, pois houve muita pressão internacional para que isso acontecesse. Essa pressão também fez com que algumas

leis anteriores a 1888 fossem criadas para que os escravos fossem, aos poucos, sendo libertados até culminar na abolição. Foi apontada como causa principal da não libertação imediata dos escravos a falta de mão-de-obra para as fazendas e os prejuízos que seriam causados aos fazendeiros.

Os estudantes fizeram reflexões sobre a vinda dos imigrantes para o Brasil, após a libertação dos escravos, para ocupar o lugar dos negros libertos nas fazendas. Eles foram caracterizados como conhecedores de seus direitos, o que gerou muitos conflitos não só nas fazendas, mas também nas grandes cidades.

Neste momento da discussão, os alunos foram questionados a respeito do papel do texto para aquela sociedade e também se havia mudado alguma impressão que tiveram inicialmente do conto após a discussão deste segundo dia.

Os discentes afirmaram que não houve mudança na interpretação e alguns acreditam que o texto foi escrito para conscientizar as pessoas e apresentar a realidade dos negros no país. A essa afirmação, a pesquisadora indagou se a sociedade da época já não sabia de toda a situação descrita no texto. A resposta obtida foi de que os ex-senhores de escravos poderiam mascarar a situação e o texto viria justamente para mostrar o quão cruel tudo aquilo era, mesmo a abolição tendo acontecido, os maus tratos continuaram.

Outro estudante se manifestou dizendo que o fato de o texto priorizar a elite da sociedade representada por Dona Inácia permite revelar ao leitor que a sociedade se recusava a mudar, preferia ficar acomodada e continuar tratando os negros da forma reprovável como antes fazia, sem respeitar as leis. É importante ressaltar que a resposta dos alunos revelou que eles acreditaram que o texto estaria reprovando e denunciando os maus tratos aos negros.

A esta altura da discussão, uma aluna se manifestou dizendo que teve essa impressão do texto também, porém, ficou confusa porque havia lido após a primeira atividade que algumas pessoas defendem que Monteiro Lobato era racista, principalmente pelo modo como se refere a Tia Nastácia. Essa leitura fez com que ela pensasse muito sobre ele, chegando à conclusão de que o autor parece contraditório em suas opiniões a respeito dos negros.

A estudante foi questionada se havia lido outro livro de Lobato, ao que ela respondeu que sim, mas a ideia de um Lobato contraditório surgiu após a leitura de "Negrinha" e de posicionamentos de quem acha que o autor era racista. É importante observar nessa fala que, mesmo após conhecer o ponto de vista de quem acha o autor racista, a estudante não mudou sua opinião a respeito de o conto ser uma crítica aos maus tratos reservados aos negros, pelo contrário, ela reconheceu uma suposta contradição no posicionamento do autor.

Após a declaração da estudante, outro aluno se manifestou, dizendo que é importante analisarmos os fatos históricos porque eles revelam que a situação dos negros era aquela retratada no conto e ninguém se oporia ou teria explicação para isso. Ele ressaltou que o texto tem personagens tipo e podem representar qualquer pessoa da época, o que poderia gerar censura, uma vez que ninguém falava sobre racismo. Para ele, é importante termos textos literários como esse, porque eles são documentos históricos.

O mesmo estudante ainda afirmou que o conto mostra que o autor fez uma crítica à igreja, não só a ela, mas principalmente à situação de Negrinha e Dona Inácia, esta por ser gorda, em alusão a um dos sete pecados capitais (a gula) e também por ser má.

Após essas colocações, foi perguntado aos alunos se eles acreditavam que o foco do livro seria mesmo discutir o preconceito racial ou se o conto seria fruto do suposto racismo do autor. Um aluno respondeu dizendo que ele acreditava ser o preconceito racial o foco do livro, pois a maneira como Negrinha foi retratada faz a maioria das pessoas ter simpatia por ela. Ele justificou que as pessoas até chegam a chorar durante a leitura por compaixão à menina, o que não ocorreria se o autor fosse realmente racista.

Ao serem questionados se uma pessoa pode apresentar uma posição em um momento e outra diferente em outro, eles responderam que sim. A seguir, foi perguntado se eles acharam uma atividade produtiva trabalhar com o texto e os estudantes responderam que sim. Um aluno se manifestou dizendo que acha muito importante falar sobre racismo na escola e que, para ele, Monteiro Lobato é mais conhecido pela obra infantil. Ele questionou se o livro era infantil e a pesquisadora afirmou que o texto costuma ser considerado como literatura adulta. Para ele, os textos de Lobato da fase infantil

poderiam até ser confundidos como racistas se a pessoa não conhecesse esse outro lado.

O mesmo aluno ressaltou que o conto poderia até ser encarado como cômico, dependendo de quem o lesse. Ele afirmou que se sentiu muito mal lendo-o e se questionou como aquilo seria possível de acontecer, considerando, contudo, que outra pessoa poderia não se comover com a história.

Outro estudante se manifestou em seguida afirmando que a proposta de discussão sobre o racismo deveria ser feita a qualquer momento, pois até mesmo a criança pode entrar em contato com o tema e já aprender a lidar com ele. Nesta fala destacou-se o fato de o aluno achar importante a criança também entrar em contato com o tema racismo para ser um adulto mais maduro, mais pronto a lidar com a situação. Essa afirmação é importante principalmente para reforçar a ideia de que as crianças não devem ser subestimadas, elas devem ser respeitadas e todos os assuntos devem ser tratados com elas, como afirmava Lobato.

Uma aluna se manifestou em seguida dizendo que é muito importante tratar do assunto, pois ele não costuma ser discutido com frequência, apenas no dia da Consciência Negra e nas comemorações da abolição da escravatura. Para ela, quando ocorre algum fato em nossa sociedade que revela o racismo, as pessoas comentam o ocorrido, mas se trata de casos isolados que logo caem no esquecimento.

Foi levantado pelo mesmo estudante que afirmou que o conto é também um documento histórico que, quando temos um ponto de partida como o texto lido, é muito mais fácil entender as razões da nossa situação atual e levantar a discussão sobre o tema.

Para a estudante que citou a oposição de ideias de Lobato, é importante levantar a discussão sobre o tema, inclusive utilizando textos do autor, pois eles podem ser um ponto de partida para o debate. Outra estudante disse que isso pode fazer com que possamos até mesmo criticar o próprio texto baseados na nossa interpretação da leitura.

É importante destacar, a partir dessas afirmações, que as discussões sobre o preconceito racial são incipientes e que os estudantes reconhecem a necessidade desses debates para que o problema possa ser efetivamente combatido. O texto a eles apresentado foi um ponto de partida importante para todas as reflexões feitas e também

para que o autor pudesse ter outra faceta de sua obra explorada. Isso evidencia que a leitura do conto nas escolas pode ser algo positivo e despertar a criticidade dos leitores, algo que o próprio autor sempre buscou.

Após essas colocações, os alunos se manifestaram positivamente sobre a atividade e sobre o texto. Eles demonstraram gostar de participar e expor suas opiniões, novamente ficou claro o quanto eles apreciam ser ouvidos e ter suas opiniões respeitadas. Esse fato parece indicar a necessidade de se fomentar a leitura e a interpretação de textos diversos nas salas de aula de todo o Brasil. Isso levaria os estudantes a criar o hábito da leitura, a se desenvolver crítica e intelectualmente, formando cidadãos verdadeiramente atuantes em nossa sociedade.

4.3 Leitor, Leitura e Letramento Literário

Para discutirmos a figura do leitor, a leitura e a importância do letramento literário a fim de analisar detidamente os estudantes participantes da atividade e o processo de letramento literário possibilitado pelo conto "Negrinha", pesquisadores com estudos relevantes acerca desses temas foram consultados.

A definição de leitor e suas características aqui analisadas se baseiam, majoritariamente, nos estudos de Annie Rouxel (2013, p. 67). Para a pesquisadora, os leitores são formados a partir das leituras que fazem, o que seria a sua autobiografia. A identidade leitora dos indivíduos é formada pela soma das leituras experienciadas ao longo de suas vidas. Tendo em vista esta questão, podemos afirmar que não somente o que é lido por escolha é capaz de constituir a identidade literária de uma pessoa, mas também as escolhas feitas pelos seus professores no ambiente escolar. As leituras realizadas na escola, assim como as feitas por lazer, sem nenhum tipo de obrigação, criam uma relação importante entre o leitor e o texto, uma vez que o levam a entrar em contato com um novo mundo criado pelo autor.

Rouxel (2013, p. 79 - 82), baseada nos estudos de Michel Picard a respeito das figuras de leitores, afirma que quatro são essas figuras: o escapista, o expectador, o boêmio e o crítico. Como a formação da identidade leitora é contínua durante toda a vida

do indivíduo, observa-se que um mesmo leitor pode transitar entre uma e outra, de acordo com suas relações com os textos que lê.

De acordo com Rouxel (2013, p. 79 - 82), escapista é aquele que "vê a literatura como uma evasão de si e da realidade num tempo abolido". Essa figura se caracteriza pela leitura rápida, centralizada na intriga e que tem como objetivo o desenlace, mantendo contato com a realidade. Já o expectador é a figura de leitor que menos se prende à trama e que se mostra mais sensível, tendo uma trajetória literária consciente. Quando o expectador finda uma leitura, não se recorda rapidamente dos detalhes da intriga ou da essência do discurso, apenas mantendo viva em sua memória a emoção experimentada.

O leitor boêmio é amador, medita, divaga e devaneia diante do texto, ele raramente se dedica a um segundo nível de leitura para aprofundar sua análise, mantendo-se na vaga impressão geral da obra lida. Ao contrário do amador, o leitor crítico é experiente, sensível aos efeitos do texto e atento à forma. Ele está ligado aos desafios oferecidos pela escrita e relaciona o que lê com outros textos já lidos. Essa leitura experiente está relacionada diretamente com as emoções do leitor, que comandam sua análise.

O perfil de leitor que construímos durante a vida está baseado em toda a bagagem cultural que adquirimos. Através das leituras que fazemos, vamos construindo uma habilidade de interpretação que se modifica sempre, por isso, quando lemos uma obra mais de uma vez, nunca a interpretamos da mesma maneira. Para Maria Helena Martins (1982, p. 22) o conceito de leitura não se resume apenas à leitura de textos, mas estende-se a sua aprendizagem, "liga-se ao processo de formação do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural". Para a pesquisadora, a leitura é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não apenas do texto escrito, mas de qualquer tipo de linguagem. Ela vai além do texto, começando no contato com ele, o papel do leitor é atuante, não apenas de um receptor passivo, porque é ele quem dá sentido ao texto.

Embora a pesquisadora reconheça a leitura como ponte para um processo educacional eficiente, ela afirma que os professores muito reclamam da "crise da leitura". Para ela, essa crise não está ligada à falta de leitura, nem mesmo a preços altos dos livros, mas, sim, à precariedade de condições socioeconômicas e também na ineficiência

da instituição escolar, pois esta impõe as opções de leitura dos estudantes, limitada apenas a livros. O papel do educador nesse processo deve ser cada vez mais o de ler com o estudante, trocando informações e interpretações, enriquecendo cada vez mais a leitura nas escolas.

Na atualidade, podemos entender que tal crise de leitura se modificou um pouco, uma vez que temos o acesso à internet como grande fonte de pesquisa. Muitos são os que leem diversos textos, artigos ou até mesmo livros online, porém, pouco sabem o que fazer com a informação, uma vez que sua interpretação do que foi lido é ineficiente. Vemos nessa situação a importância da leitura literária nas escolas para que o letramento eficiente possa oferecer ao leitor maneiras diferentes de lidar com o texto, favorecendo a troca de experiências defendida por Martins entre o professor e seus alunos.

Como a leitura é individual e está diretamente ligada à bagagem cultural do indivíduo, podemos verificar que existem níveis diferentes de leitura. Martins (1982, p. 40-81) caracteriza e divide esses níveis em sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial não é elaborada, ela é uma marcante resposta imediata relacionada com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Ela está ligada aos cinco sentidos, um livro tem forma, cor, textura e até cheiro. Ao entrar em contato com ele, o leitor sente-se atraído ou não, curioso ou não para desbravar o que aquela obra oferece, esse primeiro contato é, então, sensorial.

Após esse contato sensorial com o livro, adentramos no próximo nível de leitura, que é o emocional. Esse nível lida com sentimentos, o que pode implicar falta de objetividade, subjetivismo, o que poderia fazer com que ele seja encarado por muitos como inferior, assim como o sensorial, uma vez que está baseado em uma interpretação totalmente pessoal. Apesar disso, essa leitura é a que pode oferecer mais prazer ao leitor, uma vez que pressupõe seu envolvimento emocional com o texto. O que é importante é o que é provocado no leitor, o que ele sente enquanto lê.

Já a leitura racional, que seria, em tese, menos subjetiva que as anteriores, é intelectualizada, dominante e não é comum a todos os leitores. Para Martins, ela foi concebida para ser a leitura típica dos intelectuais, dos elitistas, aqueles que ditam normas para a nossa leitura. Ela está acima dos sentimentos, tende a ser unívoca, o leitor deve ver o texto isolado de seu contexto, sem qualquer envolvimento pessoal, baseado

em regras pré-estabelecidas, condicionado por ideologias. Contudo, a pesquisadora faz uma importante diferenciação entre o que seria a leitura a nível intelectual, elitista, como explicitado acima, e a nível racional, que ela considera englobar os dois primeiros níveis:

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o processo permite, alargando os horizontes de expectativas do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. (MARTINS, 1982, p. 66).

Podemos entender que a pesquisadora considera a leitura racional como algo que pode ser alcançado por qualquer leitor e não somente limitado a uma elite intelectual, ponto de vista também defendido por esta pesquisa. Para que possamos atingir esse tipo de leitura, é inevitável passar pelo primeiro contato com o texto, o que está ligado ao sensorial. É muitas vezes através do visual que nos sentimentos atraídos por um livro.

Quando iniciamos um texto, esse nos desperta diversos sentimentos, o que, como defende Martins, aproxima do texto, desperta o desejo de continuar ou interromper a leitura. É justamente essa emoção que causa maior envolvimento do leitor com uma obra e faz com que o aprofundamento aconteça. O sentimento não impede a leitura racional. O leitor pode se envolver com o texto e, mesmo assim, aprofundar sua leitura, relacionando-o com o contexto social que ele representa, com a sociedade na qual o leitor está inserido e até mesmo com seu universo individual. Essa leitura é a que combateria a chamada crise de leitura e pode ser estimulada por um letramento literário eficiente, que procure formar leitores críticos e reflexivos.

O letramento literário nas escolas hoje está incipiente. Acreditamos que isso se dá na maioria das vezes por falta de uma formação docente que realmente proporcione aos professores instrumentos eficientes para que eles possam desenvolver esse letramento em sala de aula. Essa formação é primordial para que a chamada crise de leitura apontada pelos docentes possa ser combatida.

Rildo Cosson (2014, p. 100-101) assim define letramento literário: "trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas". Para o autor, assim como há tipos de leitores e níveis de leitura, também há níveis de

letramento, uma vez que, em uma sociedade letrada como a nossa, até mesmo um analfabeto participa de algum tipo de letramento. Não apenas na escola, mas, no convívio social em geral, é possível e importante desenvolver o letramento literário, pois ele não representa apenas um tipo de uso social da escrita, mas sim uma forma de assegurar seu efetivo domínio.

Sobre a escrita, Cosson afirma que:

Essa primazia da escrita se dá porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano. (COSSON, 2014, p. 167 - 168).

Essa libertação defendida por Cosson está ligada a todo conhecimento que o texto pode nos oferecer. Desde fantasia, como em muitos textos infantis de Lobato, até a crítica social, como nas obras para adultos do autor, que inclui "Negrinha", ele nos oferece um mundo novo, que nos faz refletir sobre nossa vida, nossa sociedade, que nos faz pensar a respeito do que é lido, que desperta a necessidade de o leitor tomar uma posição diante do que lê. Essa liberdade que a escrita oferece, com certeza, acontece através da leitura dos textos lobatianos. Em consonância com esta afirmação, Cosson (2014, p. 186) afirma que "a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência de outro, como também vivenciar essa experiência". Através da leitura de diversas obras literárias, podemos observar o mundo através da visão ali expressa, principalmente quando nos apropriamos do texto e passamos a viver a experiência social ali relatada, porém, ainda sendo nós mesmos.

Essa rica experiência oferecida pelo texto literário não tem sido alvo de muitas aulas dos docentes brasileiros. A leitura literária precisa ser mais difundida nas escolas, uma vez que, segundo Cosson (2014, p. 220) "a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo". Essa formação se liga diretamente às experiências que o leitor tem com um texto, através do contato que ele estreita com a cultura e a sociedade expressas na obra. O leitor pode, principalmente através da leitura racional, mudar seu ponto de vista com relação ao assunto lido, expandir seus horizontes em relação ao outro, sua posição no mundo, seu papel diante da sociedade e suas mazelas. Toda essa bagagem reflexiva é oferecida de maneira

ampla na literatura e é por isso que ela deve ser mais difundida em nossas escolas, para que possamos formar leitores críticos, capazes de ler, refletir e incorporar todo o conhecimento que uma obra literária possa oferecer. Esse ponto de vista é compartilhado por Cosson, que afirma que "Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos" (2014, p. 310).

A escola, enquanto ambiente de leitura e interpretação, oferece ao estudante a possibilidade de uma expansão do ponto de vista que ele tem do texto, uma vez que, segundo Cosson (2014, p. 321) a obra pode nos oferecer uma possibilidade de leitura, uma vez que esta é solitária, já a interpretação é um ato solidário, pois podemos dividir nossas interpretações com outras pessoas e, assim, aumentar nosso conhecimento e capacidade interpretativa à medida que entramos em contato com a visão de outras pessoas a respeito de um texto.

Esse compartilhamento não está limitado somente à troca de ideias que fazemos com nossos colegas de turma, mas também à que fazemos com o autor e com a sociedade por ele retratada, pois a visão de mundo do autor está ali expressa, assim como a da sociedade por ele representada na obra. Esse é um dos motivos pelos quais o conto "Negrinha" não pode ser ignorado pelas escolas, pois ele oferece um diálogo importante com as concepções sociais vigentes na época de sua escritura, fazendo com que o leitor entenda as ali retratadas, compare-a com a atual e ainda reflita sobre o importante tema que é o preconceito racial. É esse diálogo que faz com que a leitura literária seja tão importante para uma comunidade de leitores.

Para que o letramento literário seja realmente eficiente e valorize o texto literário, Cosson (2014, p. 351) afirma que a análise literária, como a que propõe esta pesquisa, faz com que a literatura se torne um processo de comunicação, que convida o leitor a procurar respostas, dialogar e explorar diversas possibilidades no texto, essa é a verdadeira leitura literária. Para o autor, o cânone literário pode trazer preconceitos, porém, não deve ser deixado de lado pois carrega nossa identidade cultural, mesmo que essa seja hoje grandemente criticada e é necessário que dialoguemos com ela para que possamos, além de conhecê-la, poder reformá-la, como é o que pretende esta pesquisa com o uso de um conto que tão claramente expõe a incômoda realidade da nossa sociedade pós-abolição.

Baseada na sugestão de letramento literário proposta por Rildo Cosson, esta pesquisa procurou não fazer nenhuma antecipação à leitura do texto. Foi proposto aos alunos que não procurassem informações sobre o conto ou o autor para que a leitura não fosse influenciada ou até mesmo dirigida pelas características literárias do autor e por opiniões sobre o suposto racismo de Lobato. Buscou-se, com essa atividade, fazê-los refletir livremente sobre o texto, uma vez que o leitor e a troca de impressões foram o centro das atenções desta pesquisa.

O autor propõe três etapas para que o professor possa efetivamente contribuir para o letramento literário dos alunos e esta pesquisa utilizou duas delas para que a verificação proposta ocorresse. A primeira etapa não utilizada nesta pesquisa é a chamada "antecipação", que contém todas formas de se introduzir a leitura de um texto. Ela pode ocorrer através de um contato prévio com os características do autor e outras informações que se julgue interessante para o leitor, como número de páginas. Como procuramos não influenciar de nenhuma forma a leitura do texto com antecipações, essa etapa não fez parte da atividade proposta.

Já a segunda etapa, a chamada "decifração", ocorre por meio da análise de letras e palavras do texto. A depender da obra lida e do nível de leitor envolvido, ela pode demorar mais ou menos e também oferecer diferentes dificuldades. Um leitor iniciante certamente demorará mais tempo nesta etapa, por isso é importante considerar o perfil do leitor ao escolher a obra que será lida. Para o leitor experiente, essa etapa pode passar despercebida uma vez que, quando ele se depara com um palavra desconhecida, ele encontra seu sentido pelo contexto, sem necessitar de pesquisas para isso.

A terceira etapa, chamada de "interpretação", é aquela em que as relações do leitor com o texto são centrais. Esta fase, como dito anteriormente, foi crucial para esta pesquisa, uma vez que a interpretação dos alunos diante do texto lido foi o que pretendemos buscar. Para Cosson:

A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência dá-se pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das restrições que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. (COSSON, 2014, p. 539).

O que foi escrito por Lobato encontra-se no conto, que nos apresenta um relato repleto de valores culturais da época na qual foi escrito. O leitor atual, diante de tal cenário, dialoga com ele, interpretando situações e conceitos ali apresentados, o que suscita um posicionamento crítico de sua parte diante das sensações que o conto desperta e diante das questões sociais ali retratadas, o que nos remete a um letramento literário eficiente. Independentemente do posicionamento que os estudantes adotem com relação ao texto, é importante ressaltar que esse conto (como outros) contribui efetivamente para o fomento da leitura literária em nossas escolas.

Apesar dessa importância, vemos que é necessária uma formação docente mais efetiva para que todo o potencial literário da obra possa ser alcançado. Os professores, com a formação que adquirem na universidade, apresentam, mesmo que minimamente, a possibilidade de ler uma obra lobatiana e preparar uma aula a seu respeito, explorando questões relevantes como criticidade e utilização da língua, não necessariamente incentivando o racismo em seus alunos, como teme Antonio Gomes da Costa Neto. Entretanto, é preciso formar docentes para um letramento literário mais eficiente, como propõe Rildo Cosson. José Batista de Sales realizou uma pesquisa com 53 professores de Mato Grosso do Sul para verificar a utilização dos textos de Lobato nas salas de aula de literatura do Estado. Em sua pesquisa, ele verificou a incipiente presença do autor nas salas de aula, principalmente o fato de o professor ser vítima do mercado editorial brasileiro, que busca oferecer novidades em seus catálogos, fazendo com que o professor acredite que o novo deve substituir o velho. Para o pesquisador, o professor, na escolha das obras a serem lidas nas escolas:

É muito mais vítima do que agente neste processo. Atua muito mais como consumidor do que um consciente e livre leitor.

Mais uma vez o professor surge como complemento, como um adendo de segunda categoria num amplo processo de consumismo e alienação. Logo, bem diferente do que seria um processo de leitura em que a noção de leitor fosse devidamente refletida. (SALES. 2006, p. 150).

As respostas dos professores com relação à escolha de Lobato em seu planejamento escolar mostram que muitos afirmam não selecionar textos do autor porque o poder público não fornece incentivos para isso. Entendemos aqui como incentivo a aquisição de obras e disponibilização de cursos de formação para que o professor possa

utilizá-las em suas aulas. Observamos por essas respostas que os docentes pesquisados atribuem o não investimento em leituras para expandir sua atuação profissional apenas à falta de investimento do poder público, não tomando para si a responsabilidade de investir em sua carreira profissional. Eles afirmam que trabalham com textos de Lobato disponíveis nos livros didáticos adotados pelas escolas, porém, limitam-se apenas a utilizar trechos de obras neles disponíveis, sem explorar todo seu potencial literário. Segundo eles, isso se deve ao fato de o poder público não adquirir obras lobatianas para as bibliotecas escolares para que os docentes utilizem-nas em aula.

4.4 Considerações analíticas sobre a atividade

Acreditamos ser importante iniciar a análise crítica da atividade realizada por esta pesquisa respondendo a uma questão levantada por Ceccantini, a respeito da recepção de textos literários na sala de aula:

(...) em que medida a leitura desse autor contribui de maneira intensa e positiva para a formação de leitores ou, ao contrário, auxilia a "vaciná-los" - como dizia Lobato - contra o universo da leitura, por melhores que sejam as intenções de um mediador? (CECCANTINI, 2008, p. 11)

Através da descrição da atividade, podemos observar que a leitura e discussão do conto "Negrinha" realizada com os alunos do 3º ETIM de Informática da Etec Abdias do Nascimento contribuiu de forma efetiva para a formação de leitores críticos, principalmente no que tange ao tema preconceito racial no Brasil. Essa impressão é reforçada pelo fato de a pesquisadora não ter conduzido de forma arbitrária a discussão, deixando os estudantes livres para manifestar quaisquer observações a respeito do texto lido. Os apontamentos realizados pelos alunos deixaram claro que a associação feita entre os fatos narrados no conto e a atualidade culminaram em uma análise crítica da sociedade brasileira, contribuindo para o combate ao preconceito realizado pela equipe diretiva e pedagógica da unidade escolar.

Diante das colocações realizadas durante a atividade, podemos classificar os estudantes participantes da atividade como leitores críticos, de acordo com a definição de Annie Rouxel mencionada anteriormente, apesar de a maioria deles ter menos de 18 anos de idade à época da pesquisa. Os alunos se mostraram sensíveis aos efeitos do

texto e relacionaram o conto com outros textos por eles lidos. As emoções, em muitas situações comandaram a análise por eles feita, remetendo novamente ao perfil do leitor crítico. Embora os alunos não tenham atentado tanto à forma do conto, observamos que eles apresentam uma prática literária escolar eficiente, uma vez que foram capazes de fazer associações entre "Negrinha" e outras obras lidas durante sua formação, fazendo comentários críticos e demonstrando sensibilidade para lidar com os elementos que influenciam a interpretação dos textos. Essas características, além de caracterizarem um leitor crítico, são importantes para uma leitura considerada racional, definida por Maria Helena Martins como aquela que estabelece uma ponte entre o leitor e o conhecimento, suscitando reflexões acerca do que é lido, de modo a conferir sentido ao texto.

A leitura racional feita pelos estudantes que manifestaram seus pontos de vista durante a atividade baseou-se na interpretação crítica do texto em si, mas também identificamos que seus comentários e posicionamentos foram influenciados diretamente pelos sentimentos e emoções despertados pelo texto, o que remete também à leitura emocional. O fato desse tipo de leitura se mostrar majoritário na fala dos estudantes, remete à fala de Martins sobre o fato da leitura racional não ser privilégio de uma elite intelectual, mas estar ao alcance de qualquer leitor. O comentário de um estudante que versou sobre a "montanha russa de emoções" que o texto desperta no leitor leva diretamente à definição de leitura emocional apresentada por Martins.

Pelo acompanhamento de algumas aulas de língua portuguesa da turma antes da atividade acontecer e pelo nível de interpretação apresentado por eles, acreditamos que o letramento literário da Etec Abdias do Nascimento tem sido eficiente. A biblioteca da escola tem um número alto de frequentadores, principalmente da turma participante desta pesquisa. É importante ressaltar a alta qualidade do ensino-aprendizagem da unidade escolar demonstrado pelos comentários dos estudantes, principalmente o efetivo trabalho realizado pelo professor de língua portuguesa, que acompanhou a turma desde a primeira série.

No primeiro dia, todos os alunos presentes se manifestaram dizendo ter gostado do conto, o que remete ao fato de que a qualidade do texto e seu enredo foram ressaltados pelos alunos. Nenhum estudante afirmou não ter gostado da obra ou criticado seu enredo por qualquer motivo. Não houve nenhuma menção ao texto e/ou autor serem racistas por

conta da narrativa ali retratada. Podemos verificar esse posicionamento dos estudantes nas declarações feitas a respeito do conto: "Muito profundo. O texto me tocou" e "Eu acho que esse texto é muito interessante".

Os fatos narrados em "Negrinha" foram apontados pelos alunos como tocantes, porque despertaram emoções fortes durante a leitura, principalmente pelo foco da narrativa serem os maus tratos à menina, como podemos observar nas seguintes colocações: "Eu achei um texto muito profundo, assim, para mexer mesmo com o sentimento" e "logo no começo dá vontade de chorar". Podemos verificar nesses comentários acerca do conteúdo do conto que a questão emocional esteve presente na leitura dos alunos, caracterizando, assim, uma leitura emocional.

É imprescindível destacar que nenhum estudante se manifestou dizendo sentir raiva da representação de Negrinha e dos adjetivos utilizados para caracterizá-la. A figura da menina despertou compaixão desde o início da narrativa e fez com que os estudantes se solidarizassem com seu sofrimento, não tendo nenhum aluno se manifestado a respeito do texto ser preconceituoso por retratar a personagem de tal maneira. Podemos depreender isso da resposta dada por um estudante à questão feita sobre as razões pelas quais o texto havia sido tocante: "porque mostra como a menina era maltratada e aí, quando ela viu a boneca, mostra que ela sentiu, sabe, aí ela tipo morreu no auge, ela cita a parte 'Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma', ou seja, antes disso, por abuso passado e todas as coisas ela não sentia isso". Observamos, diante desta colocação, que os estudantes, para expressar seus pontos de vista a respeito do texto, utilizam-se de trechos da obra para justificar seus posicionamentos. Isso remete a uma leitura que procura dar sentido ao texto, baseando-se na reflexão do estudante diante do que lê, características típicas de uma leitura racional.

Os estudantes se manifestaram a respeito da chegada das sobrinhas de Dona Inácia, brancas e lindas como diz o texto, dizendo que a vida de Negrinha se modificou após a brincadeira com as meninas, fazendo com que ela se sentisse feliz pela primeira vez e tomasse consciência de sua péssima condição de vida. Em nenhum momento foi feito qualquer comentário acerca da superioridade branca das meninas ou mesmo da presença de racismo delas para com Negrinha, uma vez que elas não a discriminam por sua cor e condição social. No final do texto, Negrinha é lembrada pelas sobrinhas por não

conhecer boneca e não por sua condição social. Um estudante inclusive afirmou que apenas os adultos eram maus, as crianças não tinham o preconceito demonstrado por eles, principalmente por Dona Inácia.

O fato de o contexto social do conto ser relacionado com a atualidade chamou a atenção durante toda a atividade, exemplo disso é quando um aluno aponta o papel da mulher na sociedade retratado no texto: "Eu já achei interessante no texto que um trecho aqui fala sobre a figura da mulher: 'Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca - preparatório, e o momento dos filhos - definitivo. Depois disso, está extinta a mulher'. Era um conceito que a gente sabe que era muito visto, que a figura da mulher na época e até hoje infelizmente é assim." Observamos por esta colocação e outras que serão apresentadas adiante que os alunos são capazes de identificar em um texto a presença de questões sociais, identificando posicionamentos que eram comuns à época e que hoje foram modificados ou que ainda persistem. Essa relação nos mostra que os alunos procuram entender o texto dentro de sua esfera social, não o julgando com parâmetros sociais da atualidade.

Dona Inácia é apontada em diversos momentos como uma personagem cruel, hipócrita e racista, não como uma figura superior e apresentada positivamente no texto, como afirmam os requerentes em seu documento e alguns pesquisadores citados neste trabalho. Também não observamos comentários acerca da suposta superioridade branca pregada por Lobato em relação aos negros defendida por alguns pesquisadores. Pelo contrário, a ironia do texto é identificada pelos estudantes, o que fez com que interpretassem Dona Inácia como uma personagem má, considerada até mesmo como facista, construída de maneira pejorativa pelo narrador.

Essas observações mostram a capacidade do estudante de analisar as relações sociais apresentadas no texto, tendo como base sua interpretação reflexiva e racional do texto. O final de Negrinha, apesar de trágico, foi interpretado como positivo, uma vez que ela se vê liberta de sua condição e livre de qualquer mágoa. Ela conseguiu ser feliz, mesmo que por pouco tempo, ficou em paz e conseguiu "existir".

O racismo e a desigualdade social também foram mencionados como parte importante do texto, mas muito atrelados à figura de Dona Inácia, uma vez que ela é quem maltratava física e psicologicamente a menina. É importante destacar que autor e

narrador não foram apontados como racistas, o texto foi identificado como instrumento para se mostrar à sociedade uma realidade indesejada: os maus tratos aos negros. Alguns acreditaram que essa tentativa de denúncia poderia não ter surtido o efeito desejado, porém, ela foi feita de maneira explícita no texto.

Outro fator interessante a ser mencionado é que um estudante afirmou que o tratamento dispensado à menina era cruel, porém, ele afirma que os maus tratos eram tão rotineiros em sua vida que ela se acostumou a eles, até mesmo acreditando que essa fosse a ordem natural das coisas. Entretanto, em nenhum momento, houve a interpretação de que isso fosse colocado para o leitor de maneira a parecer normal, como se fosse justa a crueldade de Dona Inácia para com Negrinha, o que poderia nos fazer acreditar que o narrador aprovaria essa situação.

O racismo de Dona Inácia é mencionado pelos alunos, principalmente quando afirmam que ela maltratava Negrinha por qualquer motivo e, se fosse outra criança na mesma situação, a personagem não teria a mesma reação de maltratá-la. O fato de ela ser negra e filha de ex-escrava faz com que Dona Inácia a trate de maneira violenta, demonstrando, assim, todo o preconceito que ela carrega.

A hipocrisia do vigário ao defender que Dona Inácia é uma mulher de muitas virtudes e teria lugar certo no céu também foi apontada pelos alunos. Segundo os estudantes, ele sabe da crueldade da personagem e a ignora simplesmente porque ela é rica e contribui com a igreja. Criticar a igreja católica é uma situação comum na obra de Lobato e isso foi identificado pelos alunos, já que eles não acreditam que o padre seja uma figura confiável e reconhecem que ele tem atitudes motivadas pelo interesse financeiro.

Ainda sobre o vigário, os alunos acreditam que existe a possibilidade de ele não acreditar que Dona Inácia está agindo mal com relação à personagem Negrinha porque, da maneira como a sociedade da época pensava, os maus tratos aos negros eram comuns e até mesmo naturais pela sua condição marginal. Nessa atitude do personagem, os alunos também identificam o preconceito racial presente na sociedade pós-abolição da escravidão, fato alvo de críticas pelo autor e narrador do texto.

O final do conto, no que diz respeito à morte de Negrinha, marcou muito um estudante, porque ele evidenciou o quanto a sociedade era racista: "Nesse final, eu fiquei interessado pela parte que fala que ela foi enterrada com indiferença, uma carinha de

terceira. Nesse fato da morte, eles não se compadeceram, o racismo prevaleceu, eu acho algo bem forte assim, ela foi enterrada como um animal qualquer". Observamos novamente a menção ao racismo de todos os personagens envolvidos na narrativa, pois nenhum deles se compadeceu diante da morte da menina, o que revela que ela não era considerada por eles um ser humano, como os alunos esclareceram. Podemos afirmar que sua colocação constituiu-se como leitura emocional, quando o aluno afirma que a morte da menina o marcou e como leitura racional quando ele afirma que, diante do desfecho de Negrinha, o racismo prevaleceu. O perfil do leitor crítico apresentado pelos estudantes novamente é evidenciado por colocações desta natureza, que demonstram habilidade de interpretar um texto levando em consideração aspectos emocionais e críticos.

Em consonância com o que se defende neste trabalho, os alunos acreditam que Dona Inácia tem uma caracterização pejorativa, principalmente pelo fato de ela ser gorda, o que nos remete ao pecado da gula³. Ela não foi interpretada como uma personagem positiva, símbolo da superioridade branca em relação ao negro, como afirmam alguns pesquisadores, uma vez que ela é encarada como uma mulher que demonstra ser algo que, na realidade, não é.

Diante da crueldade de Dona Inácia, os alunos acreditam que não adiantaria denunciá-la às autoridades ou mesmo à igreja, porque o tratamento que ela dispensava à menina era algo normal pelo fato de ela ser negra. A igreja nada faria para defender Negrinha, principalmente pelo vigário acreditar que Dona Inácia era uma excelente pessoa. Os alunos afirmam que o texto possui personagens tipo, o que indica que o vigário representa os padres em geral, por isso entendem que nada mudaria se ela fosse denunciada à igreja. Os vizinhos e autoridades locais não se importariam com a situação porque os negros eram totalmente excluídos da sociedade, o que remete novamente ao racismo da sociedade local.

Um estudante aponta o racismo como uma das grandes causas do livro: " Uma das coisas que eu percebi sobre a menina é que o texto já começa triste, ele fala muito sobre racismo porque ele fala: 'ela era preta? Não, ela era fusca, mulatinha escura', traduzindo,

³ Como esta pesquisa trata de discriminação, podemos depreender deste posicionamento dos estudantes que a obesidade foi alvo, de certa forma, de preconceito, uma vez que ela foi associada ao pecado da gula.

ela nem para ser negra servia. O texto fala que o cabelo dela era ruim, demonstra que provavelmente, como ela não tinha cabelos loiros, lisos, ela tinha olhos assustados, que eu acho que se deve também ao fato de qualquer coisa ela apanhar, então acho que essa é uma das grandes causas do livro. Então, é o seguinte, ela vai estar sempre sendo maltratada, que ninguém levanta a mão para ajudar". Observamos aqui que o aluno afirma que o texto fala sobre o racismo, não que o texto, o autor ou narrador são racistas. O padrão de beleza indicado por ele como em voga à época é ter cabelos lisos e loiros e, pelo fato de Negrinha ter cabelos crespos, ela era motivo de discriminação pela sociedade que defendia este padrão. Ela não seria ajudada por ninguém uma vez que fazia parte de uma camada da sociedade considerada inferior.

Esse aluno, baseando sua opinião na leitura reflexiva de todo o texto, chega à conclusão de que o racismo é a grande causa do livro. Isso nos evidencia sua capacidade em ler, interpretar, fazer inferências críticas e reflexivas a respeito do texto, evidenciando seu perfil de leitor crítico.

Os alunos acreditam que a menina, por sempre ter vivido nessa situação, acha que a vida que leva é normal, a ponto de não entender que todos aqueles adjetivos utilizados para descrevê-la eram pejorativos. A ignorância de Negrinha é vista pelos estudantes como algo positivo, pois faz com que ela não tenha consciência das injustiças que sofre.

No segundo dia de atividades, as discussões tiveram como objetivo esclarecer o contexto histórico e social da década de 1920, período no qual o conto foi escrito. Foi traçado um perfil da abolição da escravidão no Brasil e do período pós-abolição. Os alunos demonstraram ter um conhecimento consistente a respeito da história do país, apontando os negros como discriminados a ponto de serem vistos apenas como uma ferramenta de trabalho que poderia ser comprada e que, após a abolição, continuou sendo marginalizada pela sociedade. Eles apontaram o fato de os negros terem permanecido na situação marginal após a abolição pelo fato de não terem sido inseridos na sociedade. Sem acesso à Educação ou oportunidades de melhoria de vida, muitos permaneceram nas fazendas onde antes eram escravos. Quando eles conseguiam alguma colocação, essa tinha um pagamento baixo pelo fato de eles serem negros.

Os alunos apontaram que os negros não foram inseridos de maneira digna na sociedade após a libertação e isso tem resquícios até hoje, pois, segundo eles, o governo

tenta minimizar e/ou recompensar essa situação marginal a que eles foram submetidos até os dias atuais. Um estudante fez uma colocação a respeito da abolição muito específica e que demonstra seu conhecimento a respeito da história do Brasil: ele afirma que a libertação dos escravos foi algo político, uma vez que o Brasil estava sofrendo pressão internacional para que abolisse a escravidão. Diante dessa situação, não foi traçado um plano para que os negros fossem inseridos na sociedade.

A classe mostrou ter conhecimento da realidade brasileira, apontando que a elite rural do país foi quem, através de pressões ao governo brasileiro, manteve a escravidão por tanto tempo. Seus investimentos e a mão-de-obra de suas fazendas não poderiam ser retirados, pois isso significaria um abalo substancial na economia do país. O Imperador por sua vez manteve a escravidão até onde foi possível, resistindo às pressões internacionais, principalmente inglesas, mas a abolição finalmente aconteceu em 1888.

Após as discussões sobre a abolição, os estudantes traçaram um perfil político do período e as imigrações foram alvo de comentários, ligados principalmente à luta por direitos e aos crescimento das cidades brasileiras que os receberam.

Após a discussão sobre a marginalização do campo, alguns alunos disseram conhecer a figura da personagem lobatiana Jeca Tatu. O perfil do "caipira" foi traçado com os estudantes e ele também foi visto como alvo de discriminação pela sociedade. Voltando ao texto após esta discussão, um aluno fez uma colocação interessante a respeito do que foi retratado no conto ser considerado corriqueiro e mascarado pela sociedade à época, mas que hoje é encarado como algo reprovável, demonstrando a mudança de pensamento a que a sociedade foi submetida: "Sim, eu acho que, na verdade, eles meio que ficavam mascarando, sabe? Eles eram ex-senhores de escravos, talvez isso não seja tão legal agora porque machucava, era tão desumano, sabe?" É possível depreender dessa colocação que a mudança de pensamento com relação ao que é ou não aceitável em uma sociedade mudou. Apesar desse reconhecimento, os estudantes afirmam que a discriminação racial no Brasil ainda existe, porém, ela acontece de maneira diversa àquela retratada no conto. É possível observar por esse panorama que os estudantes, além de apresentarem bom conhecimento da história do país, ainda articulam seu conhecimento a ponto de relacioná-lo com a atualidade e com o texto lido.

Uma estudante afirmou, depois do primeiro encontro, ter lido que algumas pessoas afirmam que Lobato era racista e cita paródias feitas com Tia Nastácia. Ela disse que isso a deixou confusa porque, ao ler o conto "Negrinha", ela não achou que o autor fosse racista, mas, sim, que se tratava de denúncia da situação do negro, assim como seus colegas. Ela, até aquele momento, parecia não estar decidida com relação a que posição tomar diante da questão, por isso se disse confusa. Após esse comentário que foi acolhido, valorizado e não contestado pela pesquisadora, os demais estudantes não fizeram colocações a esse respeito, não encaminhando a discussão para o fato de o autor ser ou não racista.

Um estudante se manifestou em seguida dizendo que o conto se trata de um documento histórico, pois nos apresenta uma realidade vivida em nosso país e faz uma crítica direta a isso. Parece possível depreender que ele acredita que o texto não seja racista. O aluno fez a seguinte colocação: "esse texto, principalmente pela forma como ele está escrito, se você parar para ver, ele tem várias críticas, então ele até poderia passar por uma espécie de censura na época, porque não podia se falar de racismo, essas coisas, a situação dos escravos, pelo que ele passa, e a gente tem alguém que pode falar, porque que isso realmente aconteceu, como é que era, porque sem esse texto, pode ser que a gente tenha um documento a menos". Em sua fala, ele defendeu a escrita do texto e até mesmo a coragem do autor em escrevê-lo, uma vez que se trata de um assunto muito polêmico como o racismo e que até poderia gerar uma censura ao texto por conta da crítica feita pelo autor.

Diante dessas duas colocações, os alunos foram convidados a pensar se o texto seria mesmo uma crítica social ou seria fruto do racismo do autor. Um estudante prontamente respondeu: "Eu acho que é o que ele está falando (ele concorda com a colocação do colega segundo a qual o texto é uma denúncia), porque a maneira como ele fala da Negrinha eu acho que é para gerar simpatia, vamos dizer, é o que gera na maioria das pessoas, porque as pessoas chegam a chorar mesmo, porque eu acho que isso não estaria aqui se fosse um autor que mostrasse antipatia pelos negros".

Nesse posicionamento, podemos identificar duas questões importantes: a construção da personagem Negrinha é feita de forma a despertar simpatia no leitor e o autor não demonstrou ser racista no conto. O posicionamento do estudante a respeito da

personagem Negrinha reforça o ponto de vista defendido por esta pesquisa, segundo o qual o narrador lobatiano busca causar emoção no leitor para que ele se compadeça da situação da menina e, naturalmente, crie aversão à personagem branca da história, Dona Inácia. Desde o início quando ela é descrita pelo narrador com adjetivos impactantes, essa simpatia já pode ocorrer.

A segunda impressão que temos diante da defesa do aluno é que o autor não nutria antipatia pelos negros, caso contrário, não teria escrito um conto que procurasse levar o leitor a tomar partido da menina contra uma personagem branca como Dona Inácia. Podemos entender que algumas colocações feitas por Lobato em outras obras podem até ser interpretadas como racistas diante da visão atual do brasileiro sobre o tema, porém, como disseram Camargos e Sachetta, o conto "Negrinha" apresenta um contraponto importante a essa colocação, uma vez que ele apresenta ao leitor um posicionamento crítico e contrário aos maus tratos cometidos contra os negros no Brasil.

Após essas considerações, os estudantes foram questionados se acreditam que uma pessoa pode mudar de opinião e posicionamento durante a vida, ao que eles responderam que sim. Essa resposta faz crer que, diante de tal polêmica acerca do suposto racismo de Lobato, é muito importante, para que possamos chegar a uma conclusão devidamente embasada em sua obra, que toda ou a maior parte de sua produção literária seja lida, não somente alguns recortes específicos como fazem alguns pesquisadores.

Acreditamos ser importante destacar a maior parte dos comentários tecidos durante os dois dias de atividade foram em sua maioria dos meninos. As meninas da turma se manifestaram de maneira mais tímida, muitas vezes expressando suas ideias ao grupo de alunos próximo, que reproduziam suas opiniões. A maioria dos alunos da turma são meninos, o que geralmente ocorre nas turmas do curso técnico em Informática, o que provavelmente lhes oferece um protagonismo na classe.

Diante das afirmações feitas pelos estudantes participantes das atividades, podemos concluir que o presente estudo evidencia que o conto "Negrinha" realmente é essencial para que a discussão do preconceito racial aconteça nas salas de aula de brasileiras. Além de fornecer elementos para essa discussão, o conto oferece excelente possibilidade de abordagem do contexto histórico e social brasileiro do início do século

XX e sua relação com a atualidade, como ocorreu durante as atividades realizadas para esta pesquisa. Por este motivo, acreditamos que seria uma lamentável perda impedir sua circulação como leitura escolarizada, uma vez que ele oferece possibilidades de um letramento literário que acreditamos ser essencial para que o censo crítico dos estudantes seja despertado e para que o radicalismo encontrado em muitos posicionamentos, como o de Antonio Gomes da Costa Neto possa ser evitado.

Ao analisarmos a interação ocorrida nos dois dias de atividades pela ótica do letramento literário eficiente definido por Rildo Cosson, podemos reforçar a defesa de que os alunos participantes desta pesquisa são leitores críticos, praticantes de uma leitura racional. Essa defesa se baseia, principalmente, no fato de a experiência literária ocorrida ter permitido aos alunos entrar em contato com a sociedade brasileira do início do século XX. Através da leitura da história de vida de Negrinha, a literatura serviu para expandir o horizonte cultural dos estudantes. Isso tudo remete ao que Rildo Cosson afirma ser um letramento literário eficiente, que expande a visão de mundo do leitor e serve de ponto de partida para discussões a respeito do contexto literário de uma obra, como ocorreu durante as duas atividades aqui analisadas.

O fato de os estudantes terem percorrido rapidamente a fase nomeada por Cosson como "decifração", tendo levantado apenas uma questão a respeito da linguagem do texto, a palavra "cocre", demonstra que a prática literária da turma os caracteriza como leitores críticos, realmente experientes, que, mesmo não conhecendo algumas palavras do texto, conseguiram, através da análise do contexto no qual elas se encontravam, alcançar seu significado, sem intervenção da pesquisadora.

A etapa do letramento literário proposto por Cosson privilegiada por esta pesquisa foi a interpretação. Para o pesquisador, como ressaltado anteriormente, interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto. Isso foi justamente o que ocorreu. Os estudantes, baseando-se no texto, levantaram discussões que foram além do próprio conto, abordando questões sociais da atualidade e também da época de escritura do conto. Foram levadas em consideração a cultura na qual eles se inserem e também na qual o autor se inseria. Essa consideração é condição para que um texto possa ser compreendido de forma global, contrariamente ao que ocorre com algumas leituras

realizadas por pesquisadores aqui citados, que analisam a obra baseados, apenas, na cultura que permeia nossa sociedade atual.

Maria Helena Martins citou em sua obra que muitos docentes afirmam haver uma "crise de leitura". Entendemos que a suposta crise pode ser enfrentada por um processo de letramento literário mediado por um docente que procure explorar aspectos do texto que tentem provocar a reflexão dos estudantes, favorecendo uma articulação entre diferentes saberes.

Durante as atividades, a pesquisadora buscou mediar a discussão deixando os alunos livres para expressar seus pontos de vista, porém, dirigiu a eles perguntas que os fizessem refletir sobre questões relevantes para a interpretação do texto. Acreditamos que essa mediação que busca a reflexão seja exemplo do processo de letramento literário definido por Cosson.

Para que os alunos atentassem a questões de ordem semântica para intensificar suas interpretações a respeito da construção da personagem Negrinha, foi solicitado aos estudantes que voltassem ao texto para que lessem os adjetivos utilizados para caracterizar a menina. Essa atitude fez com que eles voltassem ao texto e, baseados na leitura do trecho em que os adjetivos utilizados para caracterizar Negrinha se encontram, julgassem a sociedade da época como racista e cruel e se posicionassem a favor da menina.

Outra intervenção que se mostrou eficiente para que os alunos mantivessem suas impressões ligadas ao contexto da obra lida foi questioná-los a respeito de qual parte do texto os levou a chegar à interpretação que tiveram. Como exemplo desta situação temos o momento em que um estudante afirma que o racismo das personagens do conto está muito ligado à religião. Diante de tal afirmação, a pesquisadora indagou em qual parte do texto ele teve essa impressão, ao que ele respondeu se tratar da ideia que Dona Inácia tinha a respeito de ela ter um lugar reservado no céu, a despeito de toda sua maldade.

Selecionar trechos da obra e convidar os alunos a voltar a eles durante a aula é outra questão importante para que eles observem partes importantes do texto que podem levá-los a interpretações mais aprofundadas de sua leitura. A pesquisadora, ao chamar a atenção dos alunos para a descrição da personagem Dona Inácia, solicita ao estudantes que retomem o trecho do conto em que essa descrição ocorre, ressaltando a

palavra "frenesi". A discussão a respeito do significado da palavra levou-os a intensificar seus pontos de vista a respeito da crueldade da personagem.

Após a discussão a respeito do significado do "frenesi", um estudante disse que teve uma nova visão a respeito do final do conto, chegando à conclusão que a personagem se sentia muito à vontade para bater na menina, fazendo associações do texto com a bíblia e até mesmo com a cultura indiana. Podemos perceber que a mediação praticada levou os estudantes a ter novas interpretações a respeito do texto, que é justamente o que se pretende alcançar com o letramento literário.

Outra intervenção que levou os estudantes a refletir a respeito da sociedade representada no conto foi a pergunta da pesquisadora sobre o que pensava realmente o vigário da situação descrita no trecho que um aluno ressaltou. Os alunos analisaram minuciosamente suas falas e atitudes, o que os levou a acreditar no racismo mascarado da sociedade, principalmente do vigário, que representava a religião no conto. Esse ponto de vista a respeito de um personagem representar toda uma camada social foi intensificado quando a pesquisadora chamou a atenção dos alunos a respeito do "personagem tipo". Sendo este um tipo de caracterização de um personagem dentro de uma narrativa, ele representa não somente um indivíduo, mas, sim, todo um grupo social, não tendo inclusive nome muitas vezes, como bem definiram os estudantes. Toda essa reflexão os levou a analisar a religião de forma mais intensa através do vigário.

O processo de leitura que induz a uma análise detida com relação a algum elemento formal da narrativa é valorizado quando temos como referência alcançar um letramento literário eficiente. Como exemplos dessa mediação temos o momento em que a pesquisadora chama a atenção dos alunos para o "paradoxo" e a "ironia, ambas figuras de linguagem, encontradas entre a visão que Dona Inácia tem de si e as ações que pratica.

Ao lançar mão dessas estratégias de mediação de leitura, acreditamos que o docente tenta auxiliar um estudante que pode ter ficado apenas na leitura emocional ou preso ao enredo a atingir a leitura racional como definida por Martins. Dessa forma, os professores auxiliam seus estudantes a passar de um nível de leitura a outro.

Acreditamos ser essa uma mediação que auxilie o estudante a utilizar recursos diferentes durante a leitura, expandindo, assim, sua interpretação do que é por ele lido.

Essa função de fornecer repertório e elementos para que o aluno aprenda a lidar com o texto de maneira mais abrangente, melhorando assim seu letramento literário, é da escola e pode ser desenvolvido também pelo trabalho com o conto "Negrinha", de Monteiro Lobato.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2010, a obra de Monteiro Lobato tem sido objeto de polêmicas acerca do suposto racismo do autor. Tal discussão vem mobilizando diversos pesquisadores a analisar sua obra e apresentar argumentos para defender seu ponto de vista sobre o assunto. Observamos que muitos se baseiam em posicionamentos políticos e ideológicos muitas vezes inflamados para julgar a questão, não levando em consideração a obra do autor efetivamente, apenas trechos ou cartas pessoais para demonstrar seus posicionamentos, porém, alguns o fazem de maneira muito frágil. Por outro lado, outros utilizam as obras do autor para balizar sua opinião, defendendo-a com argumentos consistentes e apresentando um ponto de vista importante para os estudos da recepção dos textos de Monteiro Lobato no Brasil.

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma experiência concreta conduzida em sala de aula que tornasse possível analisar a recepção pelos estudantes do conto "Negrinha", de Monteiro Lobato. A intenção foi observar como e a partir de quais recursos os estudantes construiriam hipóteses interpretativas sobre o texto, em especial no que diz respeito à questão racial. Entendemos que tal objetivo foi alcançado, tendo sido evidenciadas questões importantes acerca do perfil do leitor participante da pesquisa, de sua leitura do conto e do letramento literário no Brasil.

Para que tal análise ocorresse, foi desenvolvida uma pesquisa-ação na Etec Abdias do Nascimento, localizada em Paraisópolis, na cidade de São Paulo. A turma participante das duas atividades desenvolvidas em dezembro de 2018, na unidade escolar, foi o 3º ETIM de Informática, cujos alunos puderam ler e tecer comentários de qualquer natureza a respeito do conto no primeiro dia de atividades. Já no segundo dia, juntamente com a pesquisadora, discutiram o contexto histórico e cultural do período de escritura do texto, analisando novamente o conto após tal discussão.

A turma participante desta pesquisa possui, em sua maioria, alunos afrodescentes e que estudaram em escolas públicas durante o Ensino Fundamental. A maioria das famílias dos estudantes recebe 2 salários mínimos por mês para seu sustento, o que faz com que elas sejam consideradas de renda salarial baixa. Apenas 9 famílias recebem

mais que quatro salários mínimos por mês. Os alunos ingressantes desta turma participaram de seleção para ingresso, cuja demanda foi de 3.60 alunos por vaga.

Uma dificuldade encontrada quanto às atividades realizadas na unidade escolar foi a gravação dos encontros. Os barulhos externos e o tom de voz baixo de alguns estudantes prejudicaram a nitidez do áudio, fazendo com que algumas falas dos alunos não fossem compreendidas em sua totalidade. Outro fator que reduziu o número de participantes da pesquisa foi justamente o fato de os encontros terem sido gravados, o que constrangeu alguns estudantes, todos meninos, levando-os à decisão de não participar das atividades. Embora eles não tivessem participado da atividade, eles permaneceram na biblioteca, leram o texto e acompanharam a discussão.

Como questão importante para o bom desenvolvimento desta pesquisa assinalamos a total colaboração da equipe diretiva e pedagógica da Etec Abdias do Nascimento, do professor da turma e dos alunos participantes. A pesquisadora foi muito bem recebida por todos, tendo sido convidada para futuras atividades com os estudantes da unidade, a respeito do autor Monteiro Lobato.

Compreendemos através desta pesquisa que o letramento literário na escola, como explicitado por Cosson, é essencial para a formação de uma sociedade crítica e independente, uma vez que ele fornece elementos para que o leitor possa intensificar a qualidade de sua interpretação, atingindo a leitura racional, apresentada por Martins, e, assim, o nível de leitor crítico, como definido por Rouxel. A mediação docente, tão ressaltada por diversos pesquisadores como essencial para a democratização do acesso à literatura nas escolas, mostrou-se realmente eficiente, uma vez que buscou apontar caminhos para a discussão de aspectos formais, sociais e críticos a partir da leitura do conto lobatiano.

A utilização do conto "Negrinha" na sala de aula também foi bem sucedida quanto à discussão de questões raciais em nossa sociedade, possibilitando a análise detida do contexto histórico e social da época do conto e também da atualidade. O potencial de aspectos formais e contextuais associados à obra foi explorado, tendo sido analisados aspectos como a presença da ironia, linguagem, figura do narrador, construção das personagens e posicionamento do autor presente no conto.

A pluralidade de interpretações a respeito de uma obra se mostrou uma realidade que precisa ser incentivada para que possamos alcançar uma sociedade mais crítica, que lê e interpreta um texto de maneira independente e que defende seus pontos de vista com argumentos contundentes.

Foi possível verificar que as leituras do conto realizadas pelos estudantes evidenciaram que "Negrinha" não contribui para a difusão do racismo, ao contrário, evidencia uma triste realidade brasileira, que deve ser discutida em todos os âmbitos da sociedade para que possa ser combatida. Acreditamos ser essencial que outras pesquisas sobre a recepção das obras lobatianas sejam realizadas para que os leitores sejam devidamente valorizados, uma vez que muitas inferências são feitas a respeito do leitor, porém, ele pouco é ouvido. O letramento literário é outra questão que se mostra relevante nos dias atuais e que pode ser tema de trabalhos futuros a fim de melhorar o processo de leitura nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (org). **Territórios da leitura. da literatura aos leitores**. Assis: Editora Cultura Acadêmica, 2006.
- AUTRAN, Arthur. **Imagens do negro na cultura brasileira**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: das Cruzadas ao Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Lisboa: Ed. Arcádia, 1980.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1983.
- CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (org). **Monteiro Lobato e o leitor de hoje**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2008.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Versão ebook. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- DUARTE, Lia Cupertino. **Lobato humorista**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- LAJOLO, Marisa (org.). **Monteiro Lobato, livro a livro - obra adulta**. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2009.
- MUECKE, D. C. **Ironia e o Irônico**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Grandes vultos que honraram o Senado**. Brasília: Edição do Senado Federal, 2014.
- ROUXEL, Annie; REZENDE, Neide Luzia de (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Editora Alameda, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Márcio Seligman. GINZBURG, Jaime. HARDMAN, Francisco Foot. **Escritas da violência**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2007.
- WADE, Nicholas. **Uma herança incômoda**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2014.

TESES E DISSERTAÇÕES

- COSTA, Francisco das Chagas Souza. **Monteiro Lobato e o leitor infante-juvenil: consensos, polêmicas e sugestões**. 2015. 113 f. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –UFCG-CFP. Cajazeiras, 2015.

- FERREIRA, Bruna Santana de Sá. **O choque das raças: eugenia, literatura e imprensa em Monteiro Lobato**. 2016. 159 f. Dissertação - Programa de Pós-graduação em História- PPGHIS - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- FORMIGHIERI, Ana Paula Souza. **Monteiro Lobato: construção ou denúncia do pensamento racista?** 2017. 140 f. Dissertação - Programa de pós-graduação Stricto Sensu em Educação nível de Mestrado/PPGE. Área de concentração: Sociedade, Estado e Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017.
- GOMES, Isabel Endres. **Léxico e denúncia social: uma abordagem do conto Negrinha em aulas de língua portuguesa**. 2015. 149 f. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Rede Nacional, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PORCIÚNCULA, Rafael Fúculo. **As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção**. 2014. 202 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- SILVA, Ivaneide Lemos Vasconcelos. **Negrinha, Caçadas de Pedrinho e cartas de Lobato: uma investigação do racismo sob a ótica da ACD**. 2016. 96 f. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2016.
- SOUZA, José Wellington de. **Raça e eugenia na obra geral de Monteiro Lobato**. 2017. 179 f. Tese apresentada à banca do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

REVISTAS, ANAIS E PERIÓDICOS

- LAJOLO, Marisa. Marisa Lajolo fala sobre a obra de Monteiro Lobato. REVISTA NOVA ESCOLA. n. 284, ano 30, ago/2015.
- SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA - SILEL, 3. 2013. Uberlândia. **Anais do SILEL: Ironia e Literatura: Interseções**. EDUFU. 2013. V. 3.
- CALVO, Rosivaner de Mello e LIMA, Carmen Rodrigues de. Letramento literário: propostas de leitura para o conto "Negrinha". **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Curitiba. Volume I. 2016.
- COSTA, Bianca Campello Rodrigues. De criança artificial a criança real: Emília - sintoma, doença e remédio para uma infância macambúzia. **Encontros de Vista**. Recife. Volume 1. 2014.

SITES E DOCUMENTOS

- CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Entrevista sobre o racismo em Monteiro Lobato. **UNIVESP TV**. Disponível em <http://tvcultura.com.br/videos/36176_noticias-univesp-racismo-na-obra-de-monteiro-lobato-joao-luis-cardoso-ceccantini.html>. Acesso em 08/01/2019.

Especial Globo Repórter. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oKKmBUJkSHA>>. Acesso em 22/01/2019.

FARIAS, Fabíola. O perigo da censura. **Revista Emília**. 2019. Disponível em: <http://revistaemilia.com.br/o-perigo-da-censura/>. Acesso em 05/03/2020. Não paginado.

LAJOLO, Marisa Philbert. Marisa fala sobre a obra de Monteiro Lobato. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3866/marisa-lajolo-fala-sobre-a-obra-de-monteiro-lobato>. Acesso em 11/04/2019.

LAJOLO, Marisa. Preconceito e Intolerância em *Caçadas de Pedrinho*. 2011. **Revista Emília**. Disponível em: <http://revistaemilia.com.br/preconceito-e-intolerancia-em-caçadas-de-pedrinho/>. Acesso em 05/03/2020. Não paginado.

MIGUEL, Adilson. Lobato e o Racismo. **Revista Emília**. 2013. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/lobato-e-o-racismo/>. Acesso em 02/03/2020. Não paginado.

Parecer enviado ao CGU. Disponível em <http://download.uol.com.br/educacao/cgu_negrinha.pdf>. Acesso em 17/01/2019.

PIRES, Heloisa. Quando a afro-bibliodiversidade lê Monteiro Lobato. **Revista Emília**. 2019. Disponível em: <http://revistaemilia.com.br/quando-a-afro-bibliodiversidade-le-monteiro-lobato/>. Acesso em 02/03/2020. Não paginado.

Portal da COMVEST. Resolução comentada do Vestibular 2016 da Unicamp. Disponível em: http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F1_portugues.pdf. Acesso em 03/01/2020.

Portal do FNDE. Edital PNBE 200. Disponível em <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/biblioteca_escola/edital_pnbe_2009.pdf>. Acesso em 17/01/2019.

Portal do Supremo Tribunal Federal. Pareceres CNE/CBE 2015/2010 e 06/2011. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=282504>>. Acesso em 17/01/2019.

Site do Portal Educacional Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/livros/urupes/>. Acesso em 28/06/2019.

Site do Portal Educacional Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/livros/cidades-mortas/>. Acesso em 28/06/2019.

Anexo 1 - Transcrição das atividades realizadas na escola

Transcrição da primeira atividade

Pesquisadora - Enquanto eu estava passando pelas mesas, eu ouvi alguns comentários bem importantes que eu espero que vocês não esqueçam de fazer agora que é a hora que a gente vai conversar. O que vocês acharam do texto?

Estudante - Muito bom.

E - Muito profundo. O texto me tocou.

P - O texto te tocou por quê?

E - Ah, porque mostra como a menina era maltratada e aí, quando ela viu a boneca, mostra que ela sentiu, sabe, aí ela tipo morreu no auge, ela cita a parte "Negrinha", coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma", ou seja, antes disso, por abuso passado e todas as coisas ela não sentia isso. Eu achei um texto muito profundo, assim, para mexer mesmo com o sentimento.

P - Legal, você acha que o texto foi escrito de uma maneira a despertar um sentimento forte no leitor que está lendo o texto?

E - Na minha opinião, sim, porque logo no começo dá vontade de chorar.

P - Esse choro é comum, acontece várias vezes.

E - Eu acho que esse texto é muito interessante, aliás, é algo que você tem que ler quando você realmente não está cansado. Eu estava cansado, não estava me concentrando, mas vi que são palavras que a gente nem conhece que são utilizadas, mas são colocadas de uma forma diferente. Realmente é diferente.

P - E lendo o texto, mesmo não conhecendo a palavra, você conseguiu identificar, pelo contexto, o que estava se falando?

E - Sim, a frase acaba se encaixando, a frase encaixa a palavra.

P - Por que, como o texto é um pouco mais antigo, acontece isso mesmo. Mas se o próprio texto te dá elementos para você entender, aí a gente identifica a palavra.

E - ⁴() eu acredito também que esse texto tem um certo fascismo, que o mundo prepara o homem para ser mau e aqui também, porque uma criança não consegue () já a senhora, a Dona Inácia, ela já tinha um aspecto assim mau.

P - Não sei se todos conseguiram ouvir, mas o comentário dele é bem interessante, então, eu vou reproduzir, se eu falar alguma coisa errada, você me corrija. O texto passa que os adultos, principalmente a gorda, Dona Inácia, ela tinha certo facismo com relação à menina, certo? Ela tinha essa noção e as outras meninas, as sobrinhas que estavam brincando com a Negrinha já não apresentavam esse comportamento. Agora repete a história do meio que foi bem interessante.

E - O meio transforma o homem em ser mau.

E - Você quer dizer mais ou menos que o homem nasce puro e o meio o corrompe?

E - Exatamente isso.

P - O assunto está tão bom, já começou bem.

E - Uma coisa que eu entendi, foi o fato de como ela, na visão da Negrinha, ela teve uma vida muito amargurada e, quando as crianças chegaram, foi mágico. Ela começou, então a enxergar isso.

P - Essa cena para você foi a mais marcante?

E - Sim, foi isso e depois elas vão embora e ela, tipo, o impacto foi tão grande que depois ela morreu.

P - Ela foi modificada pela situação de brincar com as meninas, é isso?

E - Sim.

E - Uma coisa que eu achei bem interessante no texto foi a menina, pelo menos eu, é a questão de como é fácil ser feliz com pequenas coisas. Ela não conhecia sobre boneca, quando ela descobriu aquilo, ela ficou tão feliz com uma coisa que para nós é muito pouco hoje em dia, poderia ser muito importante para gente quando a gente era pequeno. Essa parte para mim foi bem marcante no texto.

P - Ficar feliz com pequenas coisas ou dar valor para as pequenas coisas foi algo que te marcou?

E - Sim

P - O que mais?

⁴ Os parênteses em branco indicam lacunas no áudio.

E - Eu gostei muito do texto, acho que ele se baseia numa questão chamada humanidade. A própria menina acho que ela não se via humana. Até antes do episódio da boneca, o texto dizia que ela percebeu que tinha uma alma, ou seja, ela percebeu que ela era um ser humano e o tratamento que a Dona Inácia dava para a criança não era um tratamento humano, era um tratamento indigno. E também que o texto fala sobre isso sobre a autoridade.

P - Legal. Agora eu volto aqui com você.

E - A parte que mais me tocou no texto foi a parte do ovo, eu fiquei muito chocada com essa cena. E depois que ela brincou com as bonecas, ela se sentiu especial e antes ela só tinha castigo, mas aquele momento foi especial, depois de tudo que ela viveu, ela conseguiu ser feliz e não acumulou mágoas de Dona Inácia, mas ela ficou em paz. No final, ela existe.

P - Ela ficou tranquila, ela não gerou nenhum sentimento de culpa, ou mágoa com relação à Dona Inácia, mesmo com a consciência despertada na brincadeira com as meninas?

E - Sim

E - Eu já achei interessante no texto que um trecho aqui fala sobre a figura da mulher: "Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca - preparatório, e o momento dos filhos - definitivo. Depois disso, está extinta a mulher". Era um conceito que a gente sabe que era muito visto, que a figura da mulher na época e até hoje infelizmente é assim. E aí eu lembrei também do conto da Clarice Lispector, "O Amor", que ela fala do instinto da mulher. Essa foi uma parte que me chamou bastante atenção.

P - Então a questão do papel da mulher dentro na sociedade foi algo que chamou a atenção no texto?

E - Sim.

E - Uma parte que achei interessante no texto, foi muitas pessoas aqui colocaram o foco na Negrinha em si, mas a Negrinha foi muito moldada pela Dona Inácia e ela era ex-dona de escravos e tal e eu acredito que, por ela não ter filhos, ela tinha esse ódio e um certo racismo, ela acabou descontando nela. Isso me lembrou um outro caso, que é aquela velha história que, se uma mentira for contada mil vezes, ela acaba se tornando verdade. Tanto que em partes, Negrinha, ela acha que ela merece sofrer aquilo e ela acha que é

normal aquilo, que não é para ela ter outra coisa e isso só mudou com a história da boneca.

P - E a Dona Inácia então, pelo fato de ela não ter filhos, porque o texto não fala isso para gente né? Ela talvez tenha descontado essa frustração na menina.

E – Sim.

Estudante: Eu acho que, no texto, na hora em que ela era apenas um derivativo para Dona Inácia, tipo antes da chegada das bonecas, ela achava que o motivo da vida dela era isso. Então, sempre quando Dona Inácia chegava ou alguma coisa nova acontecia, ela já esperava que ela seja punida por alguma coisa, mesmo que ela não tenha a ver com o evento, ela talvez já esperasse que a Dona Inácia ia ter uma reação ruim ou uma punição para ela. Só que com a boneca, ela viu, nossa, eu posso interagir com as pessoas sem ser punida, sabe, eu posso, brincar mesmo sem ser punida e tendo o impacto dessa mudança, ah, se eu posso ter aquilo como eu posso ter aquilo de volta, não ser humana.

Pesquisadora: É como se o castigo fosse normal, fosse normal para ela, e naquele momento, ela viu que não é normal, ela viu que ela pode ser um ser humano?

E – Sim.

E - Uma coisa que eu vi no texto foi tipo a questão do racismo e a desigualdade social, porque tipo assim, a Negrinha, por ela ser filha de escrava, negra, a mulher nunca tratou ela bem, já se fosse no caso dos pais das meninas, as sobrinhas, que tivessem comido a carne, eu tenho certeza que ela teria tratado muito bem. Ela não teria feito a mesma coisa, porque o sangue dela era nobre, vinha de uma boa família, pessoas ricas, com um certo padrão de beleza, e, no caso delas, o tratamento seria completamente diferente se fosse com outras pessoas, com pessoas importantes, diferente do que foi com a menina.

P - Certo, obrigada.

E - Então, eu achei interessante o texto, no começo ela era uma menina muito maltratada o tempo todo, você fica triste, mas depois ela fica feliz, você tem uma esperança, e aí, no final, volta para a tristeza e ela morre. E também achei interessante porque eu não conhecia esse lado do Monteiro Lobato, eu conhecia só o lado da fantasia mesmo, do Sítio do Pica-pau Amarelo.

P - Esse comentário é bem legal, acho que alguém falou disso aqui, é a montanha russa de sensações que se tem quando está lendo o conto. Você ficou triste, chateado, porque mexe mesmo, são palavras fortes como vocês falaram, então a gente fica um pouco incomodado, um pouco chateado, até vai às lágrimas, tem gente que vai, eu vou várias vezes que eu leio esse texto sozinha. Então, você fica feliz com o episódio da boneca e depois, no final, você acha que vai ser legal e ele te dá um banho de água fria, falando, oh, vou te devolver a tristeza. E aí, alguém quer falar mais sobre isso? Com relação ao final? O que sentiu com relação ao final, qual foi a sensação?

E - Eu queria falar porque, para mim, parecia que, quer dizer, para mim, porque eu não consegui tirar do texto a sensação que a Dona Inácia tinha com relação a ela, porque, quando ela fala com o padre, parece que ela sente que a menina tem alguma gratidão para com ela, só que ela gosta muito de bater nela. Eu não sei se para ela parece ser o certo que bater e não ter nenhum problema ou se ela estava, sei lá por ser o padre, ela estava sendo socialmente aceitável.

E - Saber se a pessoa nasceu nessa situação, se ela merece ser punida porque ela nasceu naquela situação. Não é nem porque ela fez alguma coisa, por exemplo, o que uma criança normal faria, a Dona Inácia vê uma coisa ruim, não é porque ela fez, é porque ela é quem ela é, tipo, de onde ela veio, a cor da pele ser negra, os pais serem escravos, ela tem que agir daquele jeito.

P - Entendi, então se fosse uma pessoa rica, como as sobrinhas por exemplo, ela teria um outro tratamento?

E - Sim.

P - Alguém comentou uma coisa muito legal sobre ela achar legal bater, tem uma parte aí, alguém vai achar para mim, que ela fala que ela tinha a menina como remédio para os seus frenesis. Quem acha e lê esse pedaço para mim, por favor.

E - Eu queria comentar sobre o final, porque na última fala, a Dona Inácia fala que ela era boa para cocres, ela tinha saudade de bater na menina e só lembra disso. O que é isso “cocre”?

P - Vamos voltar, então. Hoje em dia, algumas pessoas da minha idade por exemplo, a gente fala croque, mas no texto está cocre, que é o que é usado lá em 1920. Então, quando você quer bater em uma pessoa, para não deixar marcas, você pega sua mão,

você levanta um pouco o dedo assim e você pega a cabeça da pessoa e bate com tudo. Isso dói demais. Então cocre é isso, a alegria dela era fazer isso com a menina, judiar. Complementando isso que você falou, a gente vai voltar para esse trecho que eu pedi para vocês acharem, quem achou para mim?

E - "O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo".

P - Quando a gente pensa em frenesi, vamos pensar na palavra, não só no contexto do texto, vocês lembram de que quando pensam nessa palavra?

Estudante: ()

P - Pode ser. Quando a gente fala do lado positivo da palavra, uma sensação positiva, é aquela atração, aquela sensação de alegria extrema.

E - Alegria?

P - Sim, exatamente, a alegria master, de zero a dez, o frenesi é doze. É esse, então vejam, ela tem alegria de bater na menina, como se fosse a coisa mais legal do mundo. Vejam que o texto reforça essa crueldade com a menina.

E - Eu queria comentar o final, porque agora que você falou, é que ela se confessava muito ao padre, o que demonstra que, se você olhar cuidadosamente, como diria aquele grande homem ali (professor de história participando da aula), tem um texto na *Bíblia* que diz que o homem negro surgiu lá no livro de Moisés como escravo e, como ela era muito religiosa, também pode significar que o racismo pode ter vindo da religião. Muitas vezes, a religião diz que as pessoas são diferentes. Ela sentia à vontade de fazer isso, de bater, porque, para ela, era um negócio certo, como aqui a gente come carne de boi e, na Índia, se você fizer isso é errado, porque seria a máxima de cada lugar. A religião, na noção dela, aquilo estava na *Bíblia*, então não é errado.

P - Certo, então isso tem muito a ver com a religião?

E - Também.

P - Pode ter, lembrando que nós estamos fazendo inferências sobre o texto. Qual parte do texto te deu essa ideia?

E - Na parte que ela fala que ela se sente com lugar no céu. O lugar dela já está lá, então praticamente, quando ela morrer, ela vai para o céu, não importa quantos pecados ela fizer aqui, ela vai para o céu.

P - O legal é que essa observação que você fez, porque assim ela tem um lugar no céu, ela tem um camarote de luxo reservado no céu. É muito mais e ela acredita nisso. Vocês acham que o vigário acredita nisso também?

E - Não, por quê?

E - Na verdade, eu acho que ele fala dessa forma para agradar a Dona Inácia.

P - E nessa fala do vigário por exemplo, você acha que lá no fundo ele pode até ter uma consciência de que aquilo seja errado, mas ele nunca externa, ele não fala?

E - Não, porque ele tem uma ideia de que ela é importante para a igreja.

P - Então para não perder uma fiel ou o dinheiro que ela representava, né, ele fala isso?

E - Sim.

E - No meu ponto de vista, eu acho que sim, o vigário acha que ela vai morar no céu e, mesmo que ele faça isso com a menina, ele considera que ela está fazendo uma caridade ainda, então acho que toda a construção da sociedade da época não valorizava os negros, então o que ela fazia não importava e, por exemplo, se alguém pegasse um negro e espancasse, isso não seria um problema.

P - Ainda é uma coisa bacana, ainda é uma ajuda, ainda é uma caridade, vamos chamar de caridade?

Alunos consentem.

E - A gente tem que definir qual é a religião porque a igreja incentivava o racismo contra os escravos. Ela foi um grande incentivador disso e, mesmo depois do fim da escravidão, isso fica gravado em seus discípulos, então talvez o vigário achasse que o que ela estava fazendo era correto, não errado.

P - Então, no fundo, talvez ele achasse que realmente aquilo era legal, era justo. Talvez ele tivesse esse pensamento por conta da igreja, enfim, é isso?

E - Sim.

P - Quem mais?

E - A questão do vigário com a Dona Inácia é um negócio esquisito, porque ele tem bastante consideração da igreja e ficar em volta das pessoas para conseguir dinheiro e a questão da religião ser a favor do castigo em relação à menina, eu acho que na religião tem a questão do castigo ser purificador. Eu acho que o castigo da menina, ela castigava não só porque ela fazia coisa errada, mas porque ela merecia mesmo.

P - Por quem ela é, aquele castigo ia purificá-la? Vamos dizer assim, é uma coisa boa?

E - Para Dona Inácia, seria uma coisa boa.

P - Então é como se ela tivesse fazendo uma caridade duas vezes?

E - Sim.

P - Porque ela acolhe a menina, mantém a menina lá e isso é caridade. Em um segundo momento ela bate na menina para purificá-la e aí tem a segunda caridade, podemos dizer assim?

E - Sim.

P - É o que ela pensa né, não o que a gente acha.

E - Sim.

P - Legal, o que mais?

E - Nesse final, eu fiquei interessado pela parte que fala que ela foi enterrada com indiferença, uma carinha de terceira. Nesse fato da morte, eles não se compadeceram, o racismo prevaleceu, eu acho algo bem forte assim, ela foi enterrada como um animal qualquer. Eu senti isso nessa parte.

P - Isso tem a ver com ser quem ela é, com a cor da pele?

E - Isso.

P - Vocês fizeram comentários muito interessantes com relação a Dona Inácia, essa parte de ela ser gorda, eu vi que a descrição chamou a atenção. Aquela parte que eles comentaram que ela era uma senhora, gorda e etc, vamos voltar nesse pedaço.

E - A gente pensou nessa parte que o fato de ela representar, por causa de ela ser gorda, representa duas coisas: a da fartura que ela tinha e que ela consumia, porque ela era rica, uma sinhá, e também, como ela falou (estudante ao lado) o pecado da gula. E aí a gente falou que ela é uma pessoa dúbia, porque, na frente do vigário, ela era uma senhora perfeita, que tem lugar no céu, e, na frente da menina, ela era a pessoa mais maldosa que existia na Terra.

P - E qual foi o trecho que vocês acharam que mais essa maldade que você citou está explícita?

E - O do ovo.

P - Qual foi a sensação na cena do ovo? O que vocês acharam?

E - Para mim foi um choque porque ela jogou o ovo fervendo na boca dela e, como se isso não fosse suficiente, ela não deixou ela cuspir a tempo.

E - Ela fez aquilo por prazer mesmo.

P - É engraçado porque o texto fala que ela estava meio entediada e, quando alguém contou o que a menina tinha feito, algo nada preocupante, ela de repente, eu consigo imaginar a cena e acho que vocês também de tanto que ela mexeu com vocês, a cara de triste, e, de repente, aquele sorriso se ilumina e ela pensa: é agora. É maldade pura isso como vocês disseram?

E - Essa grande cena aqui fala sobre o fato de o vigário achar que ela é uma pessoa boa ou não, porque, nesta cena, fala que, além de ela esperar a menina comer o ovo até que a temperatura do ovo caia, em vez de ela simplesmente deixar a menina lá com ovo quente na boca, ela amordaçou a menina para que ela não pudesse gritar para os vizinhos não escutarem, porque se você for olhar praticamente, você não imagina que todas as pessoas seriam assim. Esse pedaço diz que ela seria uma pessoa que pegava muito pesado, então ela não queria que os vizinhos tivessem noção do que ela estava fazendo, ela sabia que aquilo era errado, mas simplesmente não, como eu posso dizer, pensava "eu não posso".

P - Certo, pensando no contexto do texto, alguém aqui falou que ela achava normal, como se aquilo fosse justo, certo? Será que ia fazer diferença se os vizinhos a vissem ou ouvissem maltratando a menina? É uma possibilidade isso que você falou, será que existe esse lado também? O que vocês acham?

E - Eu acho que não ia mudar muito não.

P - Por quê?

E - Porque eles iriam pensar assim: é só mais um escravo que está aprendendo. Então acho que eles não teriam esse olhar diferente da Dona Inácia para com a menina.

E - Eu também acho que não mudaria tanto porque no contexto ali da região aquele pensamento prevalece.

P - Então, há duas possibilidades aqui que são plausíveis para nós: uma porque a gente não sabe qual era o contexto dos vizinhos, o texto não fala quais eram os vizinhos, qual era o contexto social do local, então essa é uma possibilidade; mas a de vocês também é uma possibilidade, embora totalmente diferente, porque o contexto social representado,

mesmo que apenas dentro da casa, pode sim ser encontrado fora. Então as duas possibilidades estão dentro do que é plausível dentro do texto. E vocês?

E - Eu acho que () por exemplo porque eles falam que ela era da igreja e tal, que ela tinha um lugar no céu e, considerando que o vigário achasse que ela não é pecadora, não soubesse o que ela fazia, se os vizinhos quisessem que ela perdesse essa posição, poderiam denunciar para a igreja.

P - Tá e pelo que vocês leram nesse conto, sem fugir do contexto social que a gente vê aqui, partindo só do texto, faria alguma diferença se fosse um outro padre por exemplo, ou uma outra pessoa, o que vocês acham?

E - Não.

P - Não faria diferença isso? Não é porque é esse vigário em questão, inclusive vocês trouxeram a ideia de que o vigário não tem nome, era o vigário, isso faz diferença no texto? O que vocês acham? Eu não falar de nome, falar apenas a profissão, aqui o cargo religioso, faz diferença?

E - Faz, eu acho que faz porque quando você fala o vigário, você pode falar da figura do vigário e estar criticando a instituição da igreja católica no caso.

P - Não só aquele vigário da história, mas os outros também?

E - Sim.

P - Quando a gente fala desse tipo de personagem, aquele que não fala o nome, a gente chama de personagem tipo, é a profissão, é o papel que ele tem que é uma crítica a todos. Legal, o que mais?

E - Depois eu lembrei de um livro do Ariano Suassuna, porque, apesar de ela ser da igreja e passar a imagem de que é fiel e boa, ela maltrata a menina, ela tem uma atitude totalmente oposta, ela é uma pecadora.

P . Eu posso dizer que é um paradoxo? Um de cada lado, mas os dois, teoricamente, coexistiram?

E - Sim.

P - Certo, e essa atitude dela, de ela maltratar a menina, ela maltratar com a menina e se achar boa, o que vocês acham disso? Tem nisso um pouco de ironia, um pouco de hipocrisia ou isso é realmente o que ela sente, o que ela acha?

E - Eu acho que, apesar de ela ficar batendo na menina e tudo mais, a visão dela era de que ela estava fazendo uma caridade para a menina negra, uma filha de negros que foi abandonada é maior que isso, é maior do que o que ela estava fazendo, é maior do que ela deixar a criança assustada constantemente, com medo dela.

P - E o texto fala que ela tinha os olhinhos constantemente assustados. Diga.

E - Eu ia falar a respeito dos vizinhos.

P - Pode voltar.

E - Sobre fazer diferença ou não os vizinhos ouvirem, principalmente da igreja, eu acho assim, no terceiro parágrafo, duas características chamam a atenção da personagem, da Dona Inácia: rica e animada pelos padres. Por mais que os vizinhos ouvissem os gritos da Negrinha e por mais que eles fossem contra e denunciassem para a igreja, como ela era animada pelos padres, não por um, mas por vários, principalmente por ela ser rica, eu acho que não faria diferença, ela continuaria sendo isenta.

P - Bom, você usou um pedaço do texto, ela era animada dos padres. O que mais? Diga.

E - Eu queria falar mais do final do texto, nessa parte aqui que ele esvazia a personagem porque você vê durante o texto que ela passa por um monte de emoção, muitas privações e, quando chega no final, a única coisa que a Dona Inácia diz é que ela era uma diversão, que ela não sabia o que era boneca e que ela era boa para bater, sabe? Apesar de tudo o que ela sentiu, a única coisa que lembraram dela foi isso.

P - Certo. Você fez um comentário aqui que me fez pensar em uma outra coisa, será que fez diferença para alguém ela se sentir um ser humano ou ela se sentir coisa como ela sse sentia antes?

E - Não.

P - Não, por quê?

E - Porque querendo ou não brincar, era uma coisa normal, uma boneca, mas para ela foi diferente, ninguém entende porque aquilo foi tão importante para ela, porque a origem dela era diferente das outras meninas.

P - Interessante esse comentário, então quer dizer que, se a gente tem uma determinada origem ou criação, a gente dá valor a algumas coisas e outra pessoa, de uma outra formação, de uma outra origem, de uma outra família, outro meio, tem outra situação a

ponto de a gente não entender o sentimento do outro. Não se colocar no lugar do outro, é isso?

E - Isso. Quando você pensa nisso aqui, ela foi transformada, porque quando você pensa em copo que é objeto, ele serve apenas para você beber água, nada mais. Então quando ela deixa de existir, vão lembrar: "ah, ele era bom para beber água", é o que acontece aqui.

P - É como se ela fosse um objeto mesmo e como se as pessoas pudessem apenas usá-la, para bater por exemplo? Ela não serve mais para nada. Ela não tinha sentimentos, não tinha nada. Vocês lembram de uma parte do texto em que ele fala dos apelidos carinhosos que ela tinha? Lembram dos apelidos?

E - Sim.

P - Fortes, não? E quando ela gostou de ser chamada de bubônica, que era uma epidemia de peste, o simples fato de ela achar o nome legal, mesmo não sendo uma coisa boa, deixou-se o nome de lado. Veja só, bubônica é o nome de uma doença séria, perigosa, que matou muita gente e só pelo fato de ela achar aquele nome legal, aquela pequena alegria lhe foi tirada. E quanto aos adjetivos? O que vocês acham dos adjetivos que ela tinha? Os adjetivos que eles usavam para chamá-la, o que vocês acharam? Comentem.

P - Alguém lê para nós?

E - Na descrição da menina?

P - É, na parte em que ele fala da menina lá no começo, da Negrinha, que ele vai falando os adjetivos. Achou?

E - Sim, eu queria fazer um comentário.

P - Pode comentar e depois nós lemos o texto.

E - Uma das coisas que eu percebi sobre a menina, é que o texto já começa triste, ele fala muito sobre racismo porque ele fala: "ela era preta? Não, ela era fusca, mulatinha escura", traduzindo, ela nem para ser negra servia. O texto fala que o cabelo dela era ruim, demonstra que provavelmente, como ela não tinha cabelos loiros, lisos, ela tinha olhos assustados, que eu acho que se deve também ao fato de qualquer coisa ela apanhar, então acho que essa é uma das grandes causas do livro. Então, é o seguinte, ela vai estar sempre sendo maltratada, que ninguém levanta a mão para ajudar.

P - A gente vê que ela fica com a carinha assim de triste, ela abaixa e fica com medo porque vem alguém ia bater. É o meio que assusta. Quem vai ler para nós?

E - "Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo - não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam".

P - Só mais um pedaço.

E - "Tempo houve em que foi *bubônica*. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim - por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida - nem mesmo de personalizar a peste...".

P - Vejam, mimosear, tudo bem "mimosear"? Agraciar... o que vocês acharam desses adjetivos? São tantos, o que vocês acharam deles?

E - Fortes.

E - Tanto que ela gostou de um e aí eles tiraram isso dela, por quê? Porque realmente não era nada, tanto que ela não tinha, não se tocava, sabe? Ela era muito ingênua para entender que aquilo realmente não era legal.

E - Só para reforçar, a questão de ela não ser ninguém.

P - Sim e chamar uma pessoa de lixo, por exemplo, de trapo, é o máximo do máximo né?

E: Ela nunca poderia imaginar que ela era associada a coisa.

P - O texto não deixa claro, mas o que vocês acham, ela tem consciência de que esses nomes realmente são para denegrir, ela tem essa consciência? O que vocês acham?

E - Não.

P - Por quê?

E - Em primeiro lugar, porque ela é criança, a gente sabe que para ela nunca foi ensinado assim, para ela nunca foi ensinado que aquilo, aqueles apelidos eram para ofender.

P - Certo. Então há uma certa ignorância?

E - É. Você percebe que ela gostou da palavra *bubônica*, você vê que ela não tem essa percepção do que realmente são todos esses apelidos que davam para ela.

P - Diga.

E - Acho que, desde quando ela era muito pequena, ela apanhava bastante, como ela era tratada com o passar do tempo do texto, ela acaba não tendo a noção do que é realmente certo e errado, porque qualquer coisa que ela fazia ela acabava apanhando, seja por bem ou mal, apenas por bater. Então ela não tinha noção que os apelidos que ela recebia eram meio que ruins, acho que ela pensava que eram só apelidos corriqueiros, desses que são carinhosos, mas ela gostou do bubônica porque era bonito, não porque era da doença, porque realmente ela é uma criança.

P - Então além de ela ser criança, além da ingenuidade, além de uma certa ignorância até que positiva, ainda havia a questão da falta de Educação, da Educação formal a gente está falando, é isso?

E - Isso.

P - Certo. A falta de escola mesmo. Se ela tivesse frequentado a escola, por exemplo, ela teria uma outra visão sobre aqueles apelidos e situação dela?

E - Claro.

P - Posso dizer, vocês me digam se eu posso ou não, eu posso dizer, por exemplo, que lá, enquanto ela brinca, é como se ela tivesse, de certa forma, conhecido um mundo novo, como se fosse uma escola? Por que se ela tivesse ido para a escola, talvez ela tivesse essa consciência que você falou e essa consciência, de certa forma ela adquiriu no momento em que ela brincou com a boneca, que é uma coisa tão simples, tão comum? Ela se transforma, ela tem naquele momento uma certa consciência diferente porque o meio é outro, mas ela teve uma certa consciência, infelizmente para fechar a nossa conversa porque está acabando a aula, para fechar a situação, essa consciência fez o que com ela?

E - Em relação à realidade, à noção da realidade que ela vivia, tipo, antes, ela não tinha parâmetro né, era a vida dela, uma vida sofrida, então ela estava acostumada a essa vida e quando você vive mal, você vive mal, mas você vive, agora quando você experimenta uma coisa boa e volta, você sabe a diferença e acho que é isso que causou a morte dela sabe?

P - Então essa comparação fez com que aquela ingenuidade, aquela ignorância, fosse reconhecida e ela toma consciência, talvez, da sua miséria? Não só financeira, mas existencial?

E - Naquele momento, ela experimentou um outro tipo de vida, ela deixou de ser um animal para viver como um ser humano. Ela nunca teve nada parecido com aquilo, foi o ápice para ela da felicidade.

P - E assim, para nós, hoje, é tão comum as meninas brincarem de boneca, os meninos também né, ou brincarem de carrinho, mas para nós é algo tão simples, uma boneca, um carrinho ou um video-game, sei lá, que é difícil para nós pensarmos em alguém, ao ver uma boneca, um carrinho, ou um skate, tenha uma alegria tão grande. Uma coisa teoricamente tão simples, mas que para alguém pode mudar uma vida. Porque mudou tanto, fez com que ela mudasse a visão dela com relação à vida e a ela mesma, então ela morreu. Alguém vai comentar mais alguma coisa? Para a gente fechar.

E - Quando ela despertou para a vida, me lembrou a situação dos filósofos, porque eles ficam depressivos quando veem os pobres de grandes cidades vivem essa situação. Eles estudam tanto que acabam vendo a realidade e se desiludem.

P - Quando você toma consciência da sua situação, da ausência, da falta, da miséria, de todos os maus tratos, você passa a ser um ser humano diferente. Então é o que você falou, o filósofo ele é mais depressivo porque ele sabe o que é o mundo? Ele é depressivo porque sabe que aquilo não existe e ela, ao tomar consciência, se dar conta da sua miséria, ela se desiluiu? A ignorância que ela tinha foi positiva para ela. Gente, eu queria agradecer muito a participação de vocês, vou pedir para vocês guardarem o texto porque no nosso próximo encontro, que vai ser em breve, nós vamos voltar ao texto, não com essa mesma discussão, mas vamos voltar.

Segundo dia de atividade

P - Então nós vamos retomar, continuar a segunda parte da nossa aula, que é falar do contexto histórico e eu já começo com uma pergunta: quem fala um pouco sobre a abolição da escravatura no Brasil? Quando foi? Pelo menos o ano.

E - 1886?

P - Quase, 1888, 13 de maio de 1888, o texto fala sobre o 13 de maio. Alguém me ajuda a construir o contexto histórico, qual é a situação do Brasil na época do conto? Sem

aprofundarmos muito porque nós não somos historiadores, mais para a gente entender o texto, como era a situação deles aqui no Brasil?

E - Eles eram uma grande parte da população e eles não tinham nem mesmo os direitos básicos, eram uma ferramenta mesmo.

P - Uma ferramenta de trabalho que você comprava. A gente precisa lembrar que, no Brasil, a gente começa com algumas posições para tentar acabar com a escravidão no Brasil, mas ela vai aos poucos, de verdade mesmo foi só em 1888. E o que que vocês acham que aconteceu com esses escravos na sequência da abolição?

E - Muitos deles continuaram na situação em que estavam, porque eles não tinham condições para ter um bem ou trabalho, então muitos continuaram escravos e os que não continuaram começaram a ir para os morros e periferias, o que foi formando todo o processo.

P - Certo, e se eles tivessem saído das fazendas em direção às cidades para procurar emprego, vocês acham que iria ser fácil?

E - Não.

P - Por quê?

E - Porque eles eram negros, literalmente isso.

P - Eles eram negros dentro da sociedade.

E - Eles não eram nada dentro da sociedade.

P - Eles eram uma ferramenta? Vamos colocar essa expressão?

E - Sim.

P - Diga.

E - Bom, eu acho que se eles fossem para a cidade, em alguma região periférica, primeiro que eles não têm uma estrutura de Educação, eles não iriam conseguir emprego, naquela época não eram tantos como são hoje, hoje tem mais opções e sem contar que pela cor da pele, todo o preconceito que, apesar da abolição, o preconceito na sociedade existe ainda.

P - Existia e ainda existe, certo?

E - Certo.

P - O que mais, gente?

E - Acho que aí surgiram os vendedores ambulantes, porque era o máximo que eles conseguiam arrumar de emprego na cidade, porque eles eram marginalizados e não conseguiam emprego.

P - Olha, eu gosto muito quando alguém fala isso porque ser marginal, não necessariamente, é uma coisa ruim, nós é que damos uma conotação ruim para isso, porque estar à margem da sociedade não significa ser ruim, significa “não viver de acordo com”.

E - Se eles fossem para a cidade, eles seriam discriminados não só pela questão racial, mas ().

P - Certo e, antes de voltar para você, eu vou só comentar uma coisa, tem uma questão da Unicamp muito boa que ela afirma que a primeira coisa que os escravos queriam fazer logo após a escravidão era ir para a cidade para comprar sapatos. Eu confesso que, quando eu olhei, eu falei nossa, mas sapato? Mas o sapato indicava uma condição social acima da deles, eles não tinham sapato, mas roupa, então, veja, eles queriam uma coisa tão simples, porque eles já estavam acostumados com nada, então uma ascensão foi isso, eu achei uma coisa interessante. Acho que antes de procurar emprego, eles queriam sapatos, talvez para facilitar até essa procurar ou para eles se sentirem mais inseridos, vejam como uma coisa pequena para nós foi tão importante um dia, no nosso país.

E - Também tem a questão de que o benefício que a sociedade pagava para eles não era muito, por exemplo, o negro em si já era encarado como algo inferior, ainda mais escravo, então é difícil você quebrar esse padrão. Ainda hoje a parte social do governo está tentando romper com esse padrão que ainda faz parte hoje.

P - Certo, então veja, de 1888 até aqui, mais de cem anos, a gente ainda está tentando inserir os negros na sociedade. Veja a nossa dificuldade, a nossa enquanto povo, tá. Mesmo a nossa dificuldade, quais poderiam ser as dificuldades que eles encontravam? Hoje a gente sabe um pouco mais porque a gente convive com isso e entende o paradigma, mas quando a gente pensa lá em 1888 e começo do século XX aqui no Brasil, o que vocês acham que foi difícil para eles logo na sequência da abolição? A gente tinha um plano? Aboliu-se a escravidão, mas tínhamos um plano?

E - Não. Eu acho que a abolição não foi para dar liberdade para os que estavam sendo escravizados e sim, para atender uma obrigação política que, se a gente for estudar o

histórico, o Brasil estava sofrendo pressão política internacional, tanto que essas leis que eles criaram antes para ir meio que libertando aos poucos era para atender essas obrigações. Então, não teve essa preocupação social, porque não estavam fazendo aquilo para os escravos, estavam fazendo aquilo mais pelo bem do governo.

P - Certo, partindo do que você está falando, a gente foi devagar, né? Até chegar na abolição de verdade, por que que a gente não aboliu de uma vez? O que nos impedia dentro da nossa sociedade de acabar com isso logo de uma vez? Diga.

E - Falta de mão-de-obra, eu acho, principalmente porque, como os negros eram a força de trabalho, quem ia para o campo fazia toda aquela coisa e era a massa que tinha. Quando você tira tudo de uma vez, o fazendeiro perde o seu escravo que trabalhava para ele nessas condições e o escravo ele ficar sem ter o que fazer, porque ele não sabe outra coisa a não ser escravo, porque ele não tem estudo, ele não tem nenhuma estrutura.

P - Certo. Diga.

E: Porque se você tirasse a mão-de-obra da elite, ia gerar uma revolta muito grande entre eles e o governo daquela época ia entrar em um colapso muito forte, se tivesse uma abolição total.

P - É isso, você complementou bem o que ela falou, a gente tinha uma elite brasileira basicamente rural ainda, porque o Brasil ainda não estava naquele processo de grandes cidades como a gente vê hoje, então a gente tinha toda aquela pressão de quem tinha dinheiro no Brasil, que eram os coronéis, que compravam os escravos, sempre pressionando para que não houvesse a abolição. Só que chegou uma hora que não teve jeito, vocês me falaram que a gente teve que abolir por pressões internacionais, da Inglaterra e de diversos outros países, então não teve jeito, a gente aboliu, legal, foi uma grande comemoração no Brasil na época. Quem tiver oportunidade de assistir a um filme ou vídeo sobre a história do Brasil, tem lá no Youtube, depois eu passo o link para vocês, eles são feitos sobre a história da família real, as pessoas ficaram realmente muito felizes, comemorou-se muito a abolição. Legal, mas e no dia seguinte? O que eles tinham para fazer? Qual era a situação deles no dia seguinte? Alguém pensou onde eles iriam morar? Onde eles iriam trabalhar? Como eles iriam ser inseridos na sociedade? Se eles iriam ter direito de estudar, alguma coisa? Diga.

E - Nessa época, até hoje, né, as pessoas tinham bem mais coragem de falar sobre a () porque eles pensavam que, se você mudar o direito das pessoas que eram escravizadas, você iria tirar os direitos de outros, por exemplo, você vai dar um pedaço de terra para uma comunidade de ex-escravos, aí a pessoa que está na elite vai pensar: "ah, esse pedaço de terra poderia estar com alguém igual a mim e vai ficar dando para esse tipo de gente. As pessoas da elite acham que estão tirando delas para dar para outras pessoas, então isso tudo aconteceu quando houve a abolição da escravidão, aconteceu esse confronto da elite com o povo.

P - Essa seria uma saída, certo? A gente poderia dar um espaço para eles se desenvolverem, se inserirem na sociedade, mas a gente não fez isso. Então, o que aconteceu, no dia seguinte, vamos dizer assim, eles já estavam muitos sem lugar para ficar, por isso, como muitos de vocês falaram, permaneceram nas mesmas fazendas, fazendo as mesmas coisas, porque lá, mal ou bem, eles tinham onde dormir, mesmo que fosse precário, e tinham o que comer, fora dali não. Então a gente começou todo aquele processo que vocês falaram também, a gente vai para as cidades, a gente não tem onde se inserir, tem pessoas morando nas ruas, criação das favelas mais para frente e tudo isso. Quem lembra para mim a história da política do café com leite?

E - Café com leite era basicamente São Paulo e Minas Gerais, que consistia em uma troca sempre de governo, uma hora era a oligarquia de São Paulo, outra hora a de Minas Gerais e ficava nesse ciclo.

P - Certo, era isso mesmo. Esse esquema começa, por diversos motivos que vocês devem se lembrar melhor que eu, isso começa a cair. Aí a gente aboliu a escravidão e houve dois problemas que vocês já me falaram: a falta de gente para trabalhar nas lavouras e o outro, que vocês me falaram que persiste até agora, é a falta de inserção dessas pessoas que saíram da escravidão para a sociedade. Aí a gente encontra as cidades que estão modificando totalmente o seu perfil, certo? As cidades vão crescendo, elas estão se modificando e aí vem um grupo de pessoas para o Brasil que veio ocupar o lugar dessas pessoas nas fazendas e mudam a cara do nosso país de lá até hoje, quem são eles?

E - Os imigrantes.

P - Os imigrantes. Eles vieram para cá basicamente por quê?

E - Para servir de mão-de-obra.

P - Certo, mas qual motivo fez com que eles viessem para cá?

E - ()

P - Sim, esse foi um dos motivos por que o governo tanto incentivou, que é embranquecer a sociedade, porque nós tínhamos negro, índio e alguns poucos europeus, era isso. Então, essa foi uma maneira que a gente teve de embranquecer, vamos dizer assim, e teoricamente, na visão da época, embranquecer era melhorar a sociedade. Infelizmente, isso fez parte da nossa situação. Mas eles estavam fugindo de alguma coisa.

E - Da guerra.

P - Da primeira guerra mundial, exatamente. Então nós encontramos países destroçados, pessoas que saíram dos seus países fugindo literalmente da guerra, com o sonho de construir uma vida melhor, ganhar dinheiro e voltar para o seu país. Engraçado, hoje a gente faz o contrário. Então eles vieram para cá, com o sonho de enriquecer e de conseguir dinheiro para voltar para o seu país. Japoneses, italianos, quem lembra mais?

E - Alemães.

P - Espanhóis, húngaros e por aí a gente vai. Eles vieram para cá, maravilha, só que a população europeia é diferente da nossa, certo? O que eles tinham que a gente não tinha?

E - Eles sabiam os direitos que eles tinham.

P - Eles tinham mais consciência dos seus direitos, eles brigavam mais, eles reagiam mais, eles não aceitavam qualquer coisa. Então, eles vieram para cá: "ah, eu vou ficar rico, trabalhar nas fazendas no Brasil e depois eu volto para casa e tal", eles tinham essa ideia. Eles chegaram aqui, foram para as fazendas e viveram de uma maneira que vocês sabem melhor que eu que foi meio enganosa. Eles vinham aqui, trabalhavam demais, não conseguiam juntar dinheiro, tinham uma vida bem difícil nas fazendas, eles se rebelavam e etc etc. Quem saía do campo, vinha para a cidade, São Paulo e Rio, principalmente. Vocês devem lembrar que São Paulo estava crescendo, a gente tinha a 25 de março crescendo, vocês imaginam a 25 de março crescendo, toda sem prédios? Essa é a situação que permeia esse texto, a gente começa a ver a cidade crescer, vem o bonde, vêm empresas, começam as indústrias etc., etc. E esses negros continuam aqui, infelizmente, marginalizados ainda por conta de uma sociedade que ainda tem

muita discriminação. Então você pega esses estrangeiros, eles vão para as cidades, começam a se rebelar porque eles não aceitam, como a nossa população aceitava passivamente, a dominação e exploração e é nesse clima todo que esse texto vai ser escrito. Uma coisa que eu queria comentar que está no texto é quando o padre fala da Dona Inácia assim: "O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não tirou-lhe da alma a gana". Então, ela não pode mais, ela era uma senhora que tinha escravos e não pode mais maltratar os escravos que era o que ela tanto gostava, vocês viram no texto, mas ela não tirou de dentro dela o que ela era, uma senhora de escravos, ela só colocou o "ex" na frente. O sentimento dela para com o negro, o sentimento dela para com o escravo era o mesmo: era para bater, para judiar, para maltratar, para explorar, é para isso. E é nesse contexto que esse texto é escrito e agora a gente volta para o texto, o que vocês acham, mudou alguma coisa? Mudou a interpretação? Vocês acham que esse texto foi escrito para quê? Qual era a intenção dele? Era ser mais uma história triste ou era ser alguma coisa a mais?

E - Ele era para conscientizar as pessoas, para entender a situação e como que era realmente.

P - Certo. Tem uma coisa muito importante que eu esqueci de comentar que, nessa época, São Paulo, Rio e as grandes cidades começam a crescer e o "caipira" fica marginalizado, vocês já ouviram falar do Jeca Tatu?

E - Já.

P - Jeca Tatu, para quem não conhece, é uma figura de uma pessoa do interior que anda com a roupa rasgada, que anda descalço, uma personagem criada por Monteiro Lobato para uma campanha sanitária do governo que incentivava a vacina e etc. Então esse ser, com a roupa rasgada, muitas vezes com o pé descalço, que pegava vermes e ficava com frequência doente por falta de higiene, foi esquecido. Quem fica no campo é marginal, sabe a expressão "caipira"? Caipira tem uma denotação quando a gente se refere à pessoa, não à música, tem uma conotação negativa, certo? Então a pessoa do campo também é marginalizada agora, não só os ex-escravos. A pessoa do campo é o caipira, que não sabe nada, que não sabe falar, que está sempre doente, é o que não tem educação, que não sabe as noções básicas de higiene para ele manter sua saúde, está sempre com verme e com outras doenças que hoje a gente não tem mais. Então ele

também é marginalizado, certo? A gente tem esse contexto, então vamos para o texto, talvez o texto tenha sido escrito para mostrar essa situação, certo? Foi isso que você falou?

E - Sim.

P - Certo, mas vocês acham que a sociedade em questão, da década de 20, que é a época da escritura do livro, vocês acham que eles já não sabiam disso?

E - Sim, eu acho que, na verdade, eles meio que ficavam mascarando, sabe? Eles eram ex-senhores de escravos, talvez isso não seja tão legal agora porque machucava, era tão desumano, sabe? () Estavam naquela parte sabe, os negros saíram livres, não são mais, sabe, não sei se isso é bom ou se é ruim, sabe? Um clima de "ah, eu fiz isso, tá, mas os negros servem para isso", porque naquela época tinha uma conotação de que o negro servia para isso, para maltratar, ele era merecedor disso. Então eu acho que é mais para expor mesmo, porque mesmo você dizendo no caso da Dona Inácia aqui, mesmo ela sendo uma ex-dona de escravos, ela não tendo mais aquele chicote, ela continuou sendo aquela pessoa que agride os negros, de uma forma ou de outra, no caso como ela faz.

E - Eu acho que essa questão de priorizar parcelas da sociedade com personagens como a Dona Inácia, ela é aquela pessoa que estava acomodada no modelo de antes e, mesmo ela estando em um modelo que respeita as leis, mas ela não tinha mentalidade de fazer isso e a criança que está no texto, ela representa a parcela da sociedade que é esquecida, porque fala no texto que ela ficava num canto da cozinha, como se ela fosse um animal, ela ficava esquecida na casa. Isso me lembra bastante a situação das pessoas ex-escravas, que elas ficaram excluídas da sociedade. Quando os imigrantes vieram, eles substituíram a parcela deles de trabalho e eles meio que ficaram mais marginalizados ainda, porque além de estar em um ambiente de trabalho em que você estava só com pessoas brancas, porque causa daquela ideia que só o branco servia para trabalhar, você meio que esquece do que a pessoa passa, você não tem mais empatia pelo que você é, como o que a menina passa.

P - A gente esquece porque a gente os considera um nada né?

E - Sim.

P - Então vejam, quando a gente fala de discriminação racial, preconceito racial, isso, no Brasil principalmente, é algo muito novo né? Vocês sabem que a gente começou a discutir de verdade a discriminação racial, o preconceito racial, lá pela década de 60? Com uma figura que eu acho que vocês conhecem muito bem, que foi Abdias do Nascimento, que é quem dá nome à escola de vocês. Um homem engajadíssimo que foi lá e fez o primeiro projeto de lei que transformava em crime a discriminação racial. Então, a gente, pensa bem, na década de 20, ninguém tinha uma discussão como essa que a gente está tendo agora, nem mesmo os escravos, porque eles não tinham consciência da situação deles, para eles era normal. Então, veja, aí vem Lobato com um texto desse, que vocês comentaram que é para mostrar para a sociedade a situação, mas talvez a sociedade já soubesse disso? Mas, diga.

E - É porque eu li ela alguns lugares também que Lobato era racista, que tem outros textos que tem escravos e fazia tipo paródias com a Tia Nastácia, que () e tem essa história que me fez pensar muito sobre ele.

P - Certo, você chegou a ler outro texto além desse?

Estudante: ()

P - Certo, muita gente fala isso mesmo, mas se a gente pensar na década de 20, vamos pensar juntos, não tem resposta, a gente vai pensar juntos, se a gente falar por exemplo de século XX, a gente tem todo esse contexto histórico que a gente está discutindo, que vocês me falaram sobre a discriminação e etc, a gente tem uma pessoa que apresenta, como você falou, uma figura um tanto quanto contraditória, que em umas vezes segue a manada, fala o que todo mundo fala, e, às vezes, não. Então é sim muito contraditório, com certeza, porque, quando a gente pega esse texto, por exemplo, é como se ele estivesse chamando a atenção para uma coisa nossa, certo? Porque não é à toa que, naquele momento, naquela sociedade, ele escrevesse isso. Vocês acham, pensando no texto, depois a gente pode voltar nele, vocês acham que ele chama a nossa atenção para quê? Ele quis fazer o que com esse texto, era só mostrar a situação?

E - Além de mostrar, essa questão que você está falando de analisar os fatos históricos, você sabe que, se você for analisar isso tanto no Brasil como em outros países, você vê que () muitos são documentos (), porque é assim que tem que ser e ninguém tem explicação. () esse texto, principalmente pela forma como ele está escrito, se você parar

para ver, ele tem várias críticas, então ele até poderia passar por uma espécie de censura na época, porque não podia se falar de racismo, essas coisas, a situação dos escravos, pelo que ele passa, e a gente tem alguém que pode falar, porque que isso realmente aconteceu, como é que era, porque sem esse texto, pode ser que a gente tenha um documento a menos.

P - Entendi, então, pensando no que ele está falando, a gente acaba pensando no texto como um documento histórico, não é?

E - Sim.

P - Porque muitas vezes ele é, ele é um documento histórico, porque ele retrata o que acontecia na época. Legal. Vocês acham que o texto tem uma conotação irônica quando ele trata, por exemplo, da Dona Inácia ou quando ele fala da religião católica? Tem uma conotação irônica?

E - Sim. Ele faz uma crítica bem forte à igreja em relação a Dona Inácia, principalmente porque ele fala que os padres tem um mimo por ela.

P - Ela era, gorda, rica e animada dos padres.

E - Então, ele faz uma crítica à igreja, só que ele não foca tanto nisso, a contextualização da Negrinha está ali no meio, eu vejo assim, a Dona Inácia, ela tem de tudo, ela é gorda, ele fala que ela é gorda, isso é um pecado, tipo um dos sete pecados capitais, a gula e tudo mais e ela é má, sei lá, os padres têm um certo mimo por ela por ela ter dinheiro, não por ela ser uma pessoa boa, como ela tenta parecer que é por cuidar bem de uma negra e tudo mais.

P - Lembrando que ser gorda aqui não é a nossa ideia de gordo hoje, tá? É aquela pessoa gorda mesmo, bem gorda, com braços grandes e tudo, então essa é a ideia do texto. Maravilha. Então a gente tem o contexto, o paradoxo como você falou, em que em um momento parece que o autor é racista, certo? Como você colocou baseada no texto que você leu e, às vezes, quando a gente olha por este texto, vamos pensar em contextos diferentes, ele dá impressão da mesma coisa? Vocês acham que o texto está falando sobre preconceito racial, sobre o racismo, ou ele estimula isso, o que vocês acham?

E - Eu acho que é o que ele está falando, porque a maneira como ele fala da Negrinha eu acho que é para gerar simpatia, vamos dizer, é o que gera na maioria das pessoas,

porque as pessoas chegam a chorar mesmo, porque eu acho que isso não estaria aqui se fosse um autor que mostrasse antipatia pelos negros.

P - E vocês acham, por exemplo, que uma pessoa pode demonstrar uma posição em um determinado momento e depois outra posição em outro momento?

E - Sim.

P - Sim, a gente pode. Depois que a pessoa morreu, é difícil ter certeza de alguma coisa, mas se a gente pensar no texto, que é o que a gente tem, apenas isso, a gente pode ter as duas interpretações. E aí eu pergunto para vocês: quando a gente pensa nesse texto dentro da escola, vocês acham que é importante a gente ter contato com esse texto dentro da escola? É interessante? Foi uma proposta interessante ler esse texto, falar sobre esse texto?

E - Eu acho interessante, porque é importante falar sobre o racismo entre outras coisas no nosso terceiro ano. Só que, pelo menos por mim, eu acho que o Monteiro Lobato é mais conhecido pela sua produção infantil, mas esse texto não é um texto infantil ?

P - Não, essa não é a parte infantil, é a parte da literatura adulta que é antes da parte infantil.

E - Sim e pode ser que quem não conhece o texto às vezes se confunda mesmo. Pelo meu discernimento, esse texto, dependendo do jeito que você mostra, ele pode ser até cômico por assim dizer. Pode não parecer, mas tem gente que chora e tem gente que ri né.

P - É verdade. Eu lembrei de uma coisa que eu ouvi hoje, era uma pessoa que tinha tentado agredir uma velhinha e aí umas pessoas estavam incomodadas com a situação, se importando com a situação, enquanto outras pessoas estavam atrás, vibrando, aplaudindo, felizes porque o policial havia matado um bandido. Então veja, ao mesmo tempo que a gente tem uma pessoa que pensa e fala: "puxa, independente disso ele é um ser humano", tem gente que fica feliz, aplaude.

E - Eu penso muito nessa questão, quando eu me senti muito mal lendo o texto, sabe quando a menininha, na última frase, eu não consegui me segurar porque, tipo, o que significa aquilo? Como pode uma coisa dessa?

P - Então foi uma mistura de sentimentos?

E - Para mim, sim.

E - Eu acho que essa proposta deveria ser tratada em qualquer momento, ela é sempre conveniente porque a criança já vai crescer sabendo do assunto, sabendo como lidar com ele, até mesmo na fase adulta, acho que é importante.

P - Certo.

E - Isso.

E - Como discutir, como trabalhar esse assunto para mudar.

E - Eu acho também, para mim, esse assunto a gente não discute diariamente, acontecem tantas coisas, mas a gente acaba meio que deixando de lado essas coisas ou aparece uma vez ou outra em casa, na mídia, aí a gente fica chocado, mas a gente não fala muito de racismo no nosso dia a dia, constantemente, ou é uma coisa que ah, aconteceu isso no passado, não é uma coisa que a gente traz para discutir com frequência, é no momento e no dia 13 de maio, quando é abolição.

P - Ou no dia 20 de novembro.

E - É, geralmente são nesses dias que ganha um grande foco, porque trata-se de acontecimentos históricos e só.

P - Diga.

E - Eu acho que, quando se exemplifica, por exemplo o sofrimento das pessoas da época, fica bem mais fácil de entender tudo isso, porque tem um mês que nós vamos parar para falar sobre consciência negra, aí tendo um exemplo, como esse texto, ajuda bastante a entender o porquê disso existir e a gente tem que discutir isso.

P - Certo. Então a gente precisa discutir, legal, e esse texto é um ponto de partida para discussão?

E - Sim.

E - Pode ser.

P - Pode ser? Assim como várias outras coisas e várias outras situações, legal. Você que leu outra coisa além, você acha que é importante a gente partir de um texto como esse ou qualquer outro dele mesmo para discutir a questão? Mesmo os que a gente ache que é negativa a figura dele, a escrita dele, você acha que é legal a gente partir do certo ou do errado para levantar a discussão?

E - É porque () para discutir o futuro né () é importante discutir sobre os escravos, sobre as coisas que acontecem, partindo de um exemplo ou não () e eu acho que de toda forma ().

P - Certo, então, o ponto de partida para nossa discussão do assunto, que é sempre tão urgente, pode ser esse texto, como pode ser uma situação, como podem ser várias coisas. Então, o importante é a gente explorar, porque falando a gente esclarece, a gente evita?

E - A gente pode questionar depois o próprio texto.

P - Sim, porque, às vezes, uma situação difícil, um problema que a gente vivenciou por exemplo de preconceito etc, ele não pode ser o ponto de partida para a gente falar daquilo? É uma coisa ruim, a gente partiu de uma coisa, mas ele levou a gente a falar sobre o impacto, os problemas, esclarecer, enfim, acho que esse ponto de discussão é muito importante, levantar a discussão. Vocês aí estão quietinhos hoje, o que vocês acharam do texto? Gostaram?

E - Sim.

P - Gente, eu queria agradecer a participação de vocês na pesquisa, uma das partes do meu projeto é dar uma devolutiva para vocês sobre o que a gente discutiu. Depois eu vou passar para vocês, eu vou pedir para o Cícero (professor da turma), por favor, pegar os contatos de vocês, os e-mails da sala toda, para eu mandar para os resultados, a que conclusão chegamos e, como eu falei para vocês, nós estamos juntos fazendo ciência, produzindo conhecimento e faz parte passar os resultados. Obrigada pela companhia nesses dias e pela discussão.